

# **Um Encontro nos Sonhos**

*Por Haruki Murakami e Shigesato Itoi*

## Antes de Ler, Haruki Murakami

Às vezes ouço dizerem: “Parece que o Sr. Itoi e o Sr. Murakami publicaram juntos uma coletânea de conversas chamada *Um Encontro nos Sonhos*<sup>1</sup>, não é?” Mas isto claramente é um engano. *Um Encontro nos Sonhos* não é uma coletânea de diálogos — porém, se me perguntarem o que é de fato, nem eu mesmo seria capaz de respondê-lo. Não é também uma coleção de contos ou ensaios, nem uma miscelânea de manuscritos. Bom, em suma — é um livro enigmático.

Pensando bem, este livro sempre carregou em si um certo mistério, desde o princípio. Seja como for: eu e o Sr. Itoi selecionamos e enfileiramos palavras em *katakana*, e juntos enganchamos histórias ou ensaios a cada uma dessas palavras — uma ideia, pensando agora, que pode ser chamada de única ou forçada, de lógica incompreensível. O porquê de usar palavras estrangeiras também é um enigma. Porém, existe neste mundo uma grande usina subterrânea chamada “o curso que as coisas tomam” — e é graças a ela que o presente livro foi completado e pôde ver a luz do dia.

Acredito que o resultado seja

bastante interessante,

não acha?

Pessoalmente, foi muito divertido fazer este trabalho e dividi-lo com Shigesato Itoi.

---

<sup>1</sup> O título 夢で会いましょう (*Yume de Aimashō*) significa, literalmente, um convite, como: “Vamos nos encontrar em um sonho” ou “Vamos nos encontrar nos sonhos.”

O Sr. Itoi é o responsável pelo título, *Um Encontro nos Sonhos*, e eu mesmo não sei com exatidão o significado. Quem sabe seja uma sugestão para que o leitor o leia antes de dormir. Ou talvez tenhamos sido eu e o Sr. Itoi que nos encontramos em um sonho. Seja como for, é um livro bastante enigmático — desde o título, até seu conceito. Ao fim de cada texto, encontrarão as abreviações ⓘ para Itoi, e ⓘ para Murakami. Mas acredito que não será necessário checar cada uma, para descobrir que texto pertence a quem.

ア

アイゼンハワー | *eisenhower* | eisenhower (ou, a  
*posição do ano de 1958 na história pós-guerra*)

No entardecer de 26 de setembro de 1958, sobre a ponte do Brooklyn que escurecia sob a penumbra do crepúsculo, Sonny Rollins<sup>2</sup> praticava sozinho as escalas musicais de seu saxofone tenor.

— Ei, senhor, o que está fazendo? — perguntou a Sonny Rollins um homem que passava por ali.

— Estou lutando contra um monstro atômico — respondeu Sonny Rollins.

— Mentira! — disse o homem.

Por volta daquela mesma hora, desenrolava-se em meio ao deserto do Novo México uma grandiosa batalha de vida ou morte, na qual o Presidente Eisenhower liderava o exército contra um verdadeiro e terrível monstro atômico, possuidor de quatro gigantescas pinças.

— Presidente, neste ritmo a Terra será completamente aniquilada. Nossas armas não são páreo para aquilo. — comunicava o Secretário de Estado, sobre o progresso da batalha, com uma voz cansada.

---

<sup>2</sup> Sonny Rollins é um tocador de saxofone americano, reconhecido como um dos mais importantes músicos de jazz.

— Que Deus nos perdoe. Libertamos sobre este mundo um ser que jamais deveria ter nascido. — murmurou o Presidente.

O monstro atômico prosseguia, produzindo sons cortantes enquanto esmagava tanques e tropas de artilharia.

— Ei, as rosquinhas não estão prontas ainda? — gritei, com nove anos de idade, em direção às costas de minha mãe na cozinha.

Ⓜ

## アシスタント | *assistant* | assistente

O assistente não pode comer, sem permissão, o bolo de carne que o professor deixou guardado para comer depois, com calma.

O assistente não pode tramar suas estratégias para não levar ao escritório do professor aquela moça que veio visitá-lo, só por ela ser muito bonita.

O assistente não pode fazer distinções como bem quiser — como, ao preparar o chá, usar as folhas mais antigas para o chá do professor, e reservar as mais frescas para si.

O assistente, ao dirigir-se ao professor, não deve começar com “Mas então, né, aí...”

O assistente não pode desejar um salário maior que o do professor, nem querer sentar-se numa cadeira mais confortável que a do professor.

O assistente não pode simplesmente imprimir, por conta própria, palavras como “*presidente da empresa*” em seu cartão de visita.

Por essas razões — eu, por minha vez, não pretendo ser assistente, nem de agora em diante nem para sempre.

## アスパラガス | *asparagus* | aspargo

De todas as coisas que podiam acontecer — tínhamos perdido o caminho em meio a uma plantação de aspargos. O plano era chegar na cidade mais próxima após o almoço, então começamos a andar de manhã cedo, mas quando notamos, estávamos em meio a um vasto campo de aspargos, e o sol já pendia a oeste. Havia uma distinta brisa gelada no vento que soprava, e à nossa volta permeava aquele agourento cheiro de aspargo.

Tirei da mochila uma bússola e um mapa, tentando calcular nossa posição atual, mas no fim das contas não descobri muita coisa. A existência de algo como uma plantação de aspargos por aqui não estava escrita em mapa nenhum.

— Seja como for, vamos seguir em direção a alguma cidade. Se estivermos pelo menos na direção certa, conseguiremos atravessar a plantação, de alguma maneira — Eu disse.

Meu irmão mais novo, que era mais leve, escalou ligeiro um pé grande e alto de aspargo e, como um macaquinho, olhou em volta enquanto agarrava-se ao tronco com uma mão.

— Não sei. Não consigo ver nada. Não há luz alguma. — disse meu irmão, virando o pescoço.

— O que fazemos? — perguntou minha irmãzinha, com a voz de quem estava prestes a chorar.

— Está tudo bem, não precisa se preocupar. — eu disse, dando-lhe umas palmadinhas no ombro. — Vocês, juntem bastante lenha. O suficiente para manter uma fogueira por uma noite, está bem? Enquanto isso, vou cavar uma trincheira ao nosso redor.

Com uma toalha cobrindo o nariz e a boca para evitar o estupor, meu irmão e minha irmã fizeram como lhes foi dito,

reunindo com empenho os galhos secos de aspargo. Quanto a mim, cavei um fosso de cerca de um metro de profundidade, com a ajuda de uma pá. Um fosso seco de um metro pode parecer apenas um consolo inútil, mas ainda assim era melhor do que nada. Ao menos, acalmaria meus irmãos assustados.

A lua cheia pairava nítida no céu, e sua luz tingia de azul o vapor leitoso que os aspargos exalavam desde suas raízes. Os muitos passarinhos que não conseguiram escapar a tempo caíam no chão, e agitavam suas asas em sofrimento. Em breve, quando a lua estivesse bem no alto, provavelmente seriam capturados pelos tentáculos dos aspargos. Logo hoje — justo hoje — tinha que ser uma noite de lua cheia.

— Temos que ficar abaixados, com a cabeça sob o gás. Nada de dormir. Se cairmos no sono, os tentáculos virão até nós — eu disse.

Uma longa noite estava para começar.

## アパート | *apartment* | apartamento

O Sr. Yoshirō Kodaka escreveu um livro intitulado “Como Me Tornei Gerente” — porém, infelizmente, sua obra de estreia foi lançada logo após “Faça ISTO Para se Tornar Chefe de Departamento”, de autoria de seu colega de trabalho, o Sr. Takao Ōyama. Por conta disso, suas vendas não se mostraram muito lucrativas.

A fim de transformar o desanimado Kodaka de volta no alegre pai de família de antigamente, sua esposa Mutsuko convocou a mãe e a cunhada.

Reforços seriam necessários.

As três mulheres — aquela cujo nome de solteira fora Yamamoto, aquela que recentemente tornara-se Yamamoto, e a Yamamoto de longa data — colaram adesivos escritos com o ideograma de “Chefe” logo após a palavra “Gerente” tal como esta aparecia no livro de Kodaka.

A atual esposa de Kodaka e antiga Yamamoto, era uma mulher capaz de sustentar um entusiasmo duradouro.

Quando o trabalho de colagem dos adesivos alcançou a marca das cinquenta horas, a mãe e a cunhada pediram timidamente que lhes fosse providenciado um bilhete de trem de volta para a residência dos Yamamoto.

— Mas a residência a qual eu pertencço é a dos Kodaka.  
— disse Mutsuko com um olhar de decisão, e sem sequer se despedir das duas mulheres, continuou a colar os adesivos.

Essa operação continuou por mais de 12 anos.

Talvez tivesse sido melhor publicar os manuscritos conforme fossem corrigidos — mas daí não seria possível repor o estoque imediatamente, caso esgotassem.

Cada um dos três mil volumes da primeira edição foi modificado e, uma vez corrigidos os detalhes da data de

publicação nas notas finais, os volumes foram mandados novamente às livrarias. Naquele dia, Mutsuko leu novamente o livro escrito pelo marido — aquele com o qual passara tanto tempo, por tantos anos — e derramou lágrimas de emoção.

O Sr. Yoshirō Kodaka tomava banho quando ouviu os soluços de choro da esposa, e correu até ela com o corpo ainda molhado. Naquela altura, já havia assumido o cargo de chefe de departamento. O homem de meia-idade, nu exceto pela toalha molhada enrolada na cintura, e sua esposa, abraçaram-se de forma desajeitada, ambos chorando convulsivamente.

O Sr. Kodaka mantivera um único segredo da esposa: havia encomendado uma gráfica conhecida a impressão de seu segundo livro, chamado “Como Ter Sucesso Administrando Apartamentos.”

Seu velho inimigo, o Sr. Takao Ōyama, por acaso publicara, bem no dia anterior, “Enriquecendo com Aluguéis!”

O Sr. Kodaka jamais teria coragem de pedir a ela que colasse “casas” por cima de “apartamentos.”

O Sr. Kodaka acariciou suavemente os cabelos endurecidos da esposa — firmemente armados devido à sua permanente — enquanto as lágrimas lhe escorriam silenciosas.

Mutsuko, que também chorava, sentiu então das mãos do marido algo que lembrava, após tanto tempo, o calor de seu afeto — e, movendo-se devagar, tirou a saia.

## アルバイト | *arbeit* | trabalho de meio-período

Havia um certo jovem saudável, mas já com um pé na rebeldia.

O pai desse tal jovem vendeu o desejo sexual do filho a um velho que conheceu por acaso no centro de trocas de um estabelecimento de *pachinko*<sup>3</sup>.

Em troca, recebeu dois pacotes de cigarro Mild Seven, alga tostada enlatada, um automóvel movido a baterias capaz de mudar a direção automaticamente quando prestes a colidir com uma parede, duas toranjas e uma bolsa de alça estampada com uma locomotiva a vapor a correr majestosamente pelos campos de Hokkaido. O último item, em particular, não tinha sido algo que o pai do menino pedira.

— Que pessoa generosa — emocionou-se o pai do rapaz.

Mesmo depois de passar os inúmeros prêmios mencionados ao pai do jovem, o velho ainda tinha o último álbum de Keiko Takeshita, um isqueiro Dunhill, uma lata de sementes de caqui e outra de Nescafé Gold Blend, além de cubos de açúcar.

A libido do filho, pelas estimativas do pai, tinha o mesmo valor de uma das latas de alga tostada. A princípio ele temera que os itens extras eram um mau presságio — que o velho exigiria algo excessivo em troca. Mas vendo o velho lavar as mãos com sabão líquido e subir as escadas de forma revigorada, sentiu-se mais tranquilo.

Muitas pessoas se dão ainda melhor em pachinko do que aquele velho. Porém, fosse em personalidade ou elegância,

---

<sup>3</sup> *Pachinko* é o nome de um jogo de azar praticado em máquinas caça-níqueis, muito popular no Japão.

pode-se dizer que todos os outros eram inferiores a ele. Aqueles que simplesmente jogam e trocam os prêmios para satisfazer a própria ganância têm algo de falho em suas filosofias de vida. O pai do rapaz tentou refletir sobre aquilo, mas bem no meio do raciocínio, sua cabeça começou a doer — acabou apenas assentindo, com um sorriso admirado.

O rapaz não tinha percebido que o pai, do seu próprio sangue, vendera seu desejo sexual. Nem mesmo após uma semana ter se passado.

O pai é que ficou preocupado, pois nada parecia ter mudado na aparência do filho.

De forma indireta, o pai procurou perguntar ao filho a respeito disso.

O rapaz não pareceu entender bem o significado da pergunta; gritou com raiva, jogando o cinzeiro na televisão:

— A Kiyomi é uma boa menina, saca?!

Fazia quatro anos que se mudara para esta casa, mas o berro do filho naquele momento — seguido pelo estrondo do televisor quebrando-se — sem dúvidas entrariam em primeiro e segundo lugar dentre os dez sons mais altos que já haviam ocorrido ali. Ao ouvir o barulho, a mãe do menino, que tinha ido embora e andava fora de casa, voltou. Foi um tanto preocupante que trouxesse no colo um bebê recém-nascido de apenas meses, mas ainda assim, o pai a recebeu calorosamente.

Mais uma semana se passou. A mãe perguntou ao filho saudável — com um pé na rebeldia — acerca da vida sexual do rapaz.

— Do que diabos você está falando? — O rapaz deu a gritar novamente, mas dessa vez não foi nada demais. Nenhum objeto foi arremessado.

Quando o pai ouviu essa história pela mãe, pensou:  
“Vou procurar aquele velho de novo, e dessa vez vendo todo o  
desejo sexual dessa casa!”

①

## アレルギー | *allergie* | *alergia*

Aquela minha alergia era uma coisa terrível.

Até o médico disse ser inacreditável eu ter ficado no útero de minha mãe por dez meses, considerando que tinha uma alergia tão severa a mulheres.

Há uma área circular à minha volta, cujo raio tem cerca de dois metros. Se uma mulher adentrar este círculo, por todo o meu corpo formam-se pápulas. Minhas glândulas lacrimais incham, os olhos tornam-se injetados de sangue, e lágrimas começam a escorrer. Uma vez que sinto coceira por todos os lados, sem pensar acabo também usando das unhas, em busca de alívio. As cicatrizes de todo esse unhar avermelham-se, crescem, acentuam-se. Esfrego a cabeça até não poder mais. Tento parar a coceira puxando os cabelos, que caem em tufos. Os espirros começam, e o muco voa do nariz. Sinto dificuldade em respirar, graças à traqueia inchada. Eu inspirava e expirava, uma vez após a outra, e cada vez que o fazia, ouvia um som semelhante a um assobio.

Uma mulher simplesmente aproximando-se num raio de dois metros produzia uma crise de espirros — que eu encarava como um sinal para me afastar rapidamente.

Mas isto agora são apenas memórias para mim. Afinal, minha alergia a mulheres está completamente curada.

É parte da minha natureza gostar de mulheres. Talvez por isso mesmo tenha sido capaz de me dedicar de corpo e alma ao tratamento.

Certamente entre os leitores deve haver alguém que também sofre de alergia a mulheres, tal como eu sofria. Prezando pela felicidade dessas pessoas, contarei como fui capaz de superar minha terrível alergia feminina.

Os princípios são extremamente simples.

As pessoas que não conseguem beber álcool vão adquirindo anticorpos ao tomar um copinho de saquê todos os dias. Este método funciona de maneira similar.

No meu caso, comecei pelo cheiro. A princípio, o máximo que conseguia era ficar parado perto de uma mulher, contra o vento. Depois, passei a pedir a um amigo que colocasse um ventilador atrás de uma mulher, para que viessem odores mais fortes. Quando isto parou de me dar tontura, resolvi ir em frente e tentar algo mais ousado: comecei a praticar selar dentro dum saco plástico o odor de uma mulher, levando a abertura do saco sobre meu nariz e a boca, e inalando com uma lufada de ar. Um método parecido com o que delinquentes usam para inalar tiner. No dia em que o tentei pela primeira vez, perdi os sentidos logo na primeira tragada. Porém, encarei de frente meu próprio espírito enfraquecido, recusando-me a desistir, perseverando dia após dia.

Meu treinamento continuou por um mês. Por volta dos últimos estágios, já conseguia chegar a milímetros de distância — quase tocando — e inspirar com o nariz. Me tornei capaz até mesmo de colocar o rosto dentro de uma saia, então pode-se dizer que minha persistência valeu muito a pena.

Porém, embora tivesse ganhado confiança em relação ao olfato, eu ainda era fraco demais para o toque.

Para este tratamento, comecei aplicando alguns pedacinhos de pele descascada — aquelas que se soltam quando queimadas pelo sol — por toda a superfície de meu corpo. No começo, naturalmente as partes tocadas pela pele descascada tornavam-se avermelhadas e eu sentia coceira e náuseas. Mas agora, com a experiência obtida graças à minha conquista do cheiro, tinha confiança de que conseguiria repetir o feito, sem medo.

Eventualmente, tornei-me capaz de dar as mãos, e depois de abraçá-las quando vestido, e eventualmente abraçá-las quando nu, assim melhorando de tal forma que já não conseguia ficar sem aquela sensação, o que fez com que começasse a ser odiado por parte das mulheres — chegando até mesmo a tornar-me a causa de sintomas de alergia em muitas, e quase sendo preso pela polícia ao aproximar-me de um raio de dois metros de uma.

①

## アンコール| *encore* | bis

Mesquinharia e ganância, pobreza e racionalismo.

Há quem se deixe guiar por tais pensamentos perversos, e com isso fazem alarde, batendo violentamente as palmas uma na outra, direita com esquerda.

Muitas pessoas agem assim em concertos. Não são poucas.

Mesmo que individualmente não possuam lá muito poder, quando se juntam em número, fazem muito alarde.

Quando percebem que o ruído que produzem chega longe, acabam ganhando confiança. O provável é que, quando estão rodeadas por tantos iguais, passam a acreditar que seus pensamentos antes *proibidos*, agora são *permitidos*.

Quando esse ponto é alcançado, o estrondo coletivo começa a pulsar como uma ameaça — igualzinho a um cobrador de dívidas batendo na mesa como forma de intimidação. Trocam-se gritos vulgares como: “Bis!”, “Quero meu dinheiro de volta!” ou “Quem você pensa que é?”

Acho esse um estado mental assustador.

Porém, até eu mesmo fico contente quando há bis de uma performance; no fim das contas, bato as mãos junto com o tal pessoal do “Quero meu dinheiro de volta!”

Outro dia, fui ao concerto de um conhecido e presenciei, pela primeira vez em muito tempo, uma performance que não incluía bis.

Um dos membros da banda saiu correndo sob aplausos estrondosos, e gritou furioso ao microfone:

— Não vamos mais nos apresentar não, vão para casa! Não se divertir aí sozinhos! — gritou um dos integrantes ao microfone.

Foi como se os intimidadores então, repentinamente, caíssem em si. Tornando-se mais uma vez apenas um público formado por ouvintes, começaram a ir embora, em massa.

Não acho que cada um deles, individualmente, seja má pessoa. Sem que nos demos conta, todos podemos acabar sendo movidos por esses pensamentos proibidos, afinal.

Seja como for, essa procura constante por um toma-lá-dá-cá — até durante as horas de diversão — é uma coisa que eu gostaria de ver erradicada o mais rápido possível. Será que, dizendo coisas assim, estou me desqualificando como aspirante a musicista?

## アンチテーゼ | *antithese* | antítese

Na seção *Especial da Noite* do cardápio, deparei-me com um prato de antítese.

“Antítese fresca à normanda, com molho de alho” — é o que dizia.

— Sobre esta tal “antítese”, ela é mesmo tão fresca assim? — perguntei ao maître, enquanto encarava o menu.

— Sim, quanto a isso não há dúvidas — respondeu o maître, com um tom de voz que sugeria certa ofensa por terem lhe perguntado algo assim. — Estamos neste ramo há trinta anos, e nosso menu jamais decepcionou um cliente sequer. Quando dizemos que “hoje é segunda-feira”, é porque é cem por cento segunda-feira; e quando dizemos que “a antítese de hoje está fresca”, então é porque está cem por cento fresca. Literalmente, foi recém-colhida. Quase como se estivesse prestes a mordê-lo, a qualquer instante.

— Perdoe a minha ignorância. Acontece que não tenho visto antíteses frescas ultimamente e por isso, sem querer, fiquei de sobreaviso...

O garçom estreitou os olhos e assentiu, compreensivo.

— Precisamente, é como o senhor diz. Nos últimos dez anos, ficou praticamente impossível colher antíteses frescas e de grande porte; o que se encontra hoje, na maioria dos restaurantes, são antíteses pequenas e congeladas, importadas da Índia. Mas aquilo nem pode ser chamado de antítese. Mal têm caldo, e falta um certo traço de elegância em seu sofrimento.

— Sim, de fato...

— *Porém* — interrompeu o garçom, e continuou: — Porém, não há motivo para preocupar-se. Nós utilizamos apenas antíteses genuínas. E a antítese desta noite é um artigo

de qualidade, do tipo que só servimos uma vez por ano. O custo é um pouco alto, é verdade, mas a sua satisfação é garantida. A antítese é rapidamente descascada e cortada, deixando à mostra a firmeza que é natural da antítese, e por cima derramamos o molho de alho, tão quente que chega a queimar. Quanto à casca, é frita no óleo, mas de forma a ficar sequinha, e então pode ser saboreada junto à salada.

— Bem, então é isso que vou pedir. Com um vinho branco seco, que combina bem com antítese, por favor — eu disse.

Achei o preço um pouco alto, mas não teve jeito. Afinal, não há como saber quando verei novamente uma antítese genuína.

Ⓜ

# イ

## インタビュー | *interview* | entrevista

12 de maio. Sala de recepção da editora Sanseidō, na loja de departamento Laforet, que fica no bairro de Harajuku, em Tóquio. A entrevistadora era uma jovem que chegou com meia hora de atraso.

— Bem, então, gostaria de perguntar o que senhor come diariamente, Sr. Murakami. Começando pela manhã.

— De manhã, primeiro...

— Ah, perdão. Esqueci de aumentar o volume da fita. Pode continuar, desculpe.

— Vegetais, pela manhã...

— Ah, sim. Que horas da manhã costuma acordar?

— Acordo às cinco. Daí...

— Cinco? Cinco da manhã?

— Estamos falando sobre a *manhã*, agora, não?

— Bem, sim, mas... Que é que o senhor faz, para acordar às cinco da manhã?

— Eu acordo e saio para correr. Não é como se eu saísse para roubar roupa íntima, ou algo assim.

— Há, há, há... Então, por volta de que horas o senhor vai dormir?

— Nove e meia, ou dez horas. Aliás, a conversa era sobre comida, não? Desculpe, é que algumas pessoas estão me esperando, então tenho pressa.

— Ah, é mesmo, é mesmo, desculpe.

— Costumo tomar o café-da-manhã depois da corrida, por volta das cinco horas: uma tigela cheia de vegetais, um pãozinho, duas xícaras de café e daí um ovo frito.

— Parece muito saudável.

— É que os vegetais são bem baratos, perto da minha casa.

(Neste ponto, é servido um café) *Clang, clang, clang...*

— Bom, daí antes que o senhor perceba, fazendo isso e aquilo, deve chegar a hora do almoço, não é?

— Sim.

— O que costuma comer no almoço?

— No almoço, em geral... Ei, a agulha do seu gravador não está se mexendo, não, hein?

— Aaah, é verdade. Essa não! Que será que houve?

*Crack, crack, crack...*

— Não está ligado. Olhe, aqui está no *OFF*.

— Ah... Jurava que tinha ligado.

— E agora? Devo falar mais uma vez?

— Não, tudo bem. Eu me lembro direitinho. O senhor acorda às cinco horas, sai para correr, come uma tigela de salada, um pãozinho e ovo com presunto.

— Ovo frito.

— Isso, isso, ovo frito.

— E duas xícaras de café.

— Duas xícaras de café.

— Consegue mesmo lembrar?

— Sem problemas. Minha memória é muito boa.

<artigo>

*A manhã do Sr. Murakami começa cedo. Ele acorda às cinco horas, e sai para dar uma corrida. "Ah, isso faz parecer que eu saio*

*para roubar roupa íntima, há há há!” ele mesmo diz, encabulado. O menu é salada e ovo com presunto e, é claro, duas latas de cerveja...*

Ⓜ

## インディアン | *indian* | índio

Aquele meu amigo tinha, a bem da verdade, bastante dinheiro guardado. A quantidade exata, nem ele próprio sabia. Era dono de algumas empresas, e cada uma dessas empresas estava firmemente ligada a outras empresas, tal qual um animal ciumento, detentor de múltiplas patas. Basicamente, o esquema era que uma empresa A emprestava dinheiro a uma empresa B, que explorava o que podia de uma empresa C, que astutamente enganava a empresa D... Por isso, nem mesmo ele sabia o lucro gerado por aquele seu sistema.

Uma vez por semana, o contador — cuja cara lembrava muito uma caneta corretiva — vinha e digitava rapidamente na calculadora, anotava números com uma fina caneta esferográfica, e desenhava esplêndidos gráficos de linha, explicando ao meu amigo como iam os lucros.

— Pretendo transferir este dinheiro para lá — dizia o contador.

— Sim — dizia ele.

— Porém, é claro que isto seria apenas em nome.

— Sim.

— Mas mesmo que seja apenas em nome, surgirá um problema em relação aos impostos, quando transferirmos o dinheiro.

— Sim.

— Porém, se não transferirmos, a diferença entre os lucros do ano passado e os deste ano não parecerá natural.

— Sim.

— Por isso, ao transferirmos o dinheiro, vamos incluir também perdas e ganhos nominais.

— Sim.

É assim que funcionava. Era muito como andar pela floresta com um pedaço de pau, batendo em troncos ao acaso. No fim das contas, não havia como saber em qual árvore se bateu ou não bateu. Ainda assim, ele conseguira juntar dinheiro.

Ninguém entendia como ele ficara tão rico. Era um homem que pouco se destacava, e seus resultados, a bem da verdade, não eram grande coisa. Não era particularmente perspicaz, ou astuto. Também não é como se ele fosse uma ótima pessoa. Na verdade, ele praticamente não possuía personalidade.

Por isso, ninguém acreditava quando ouviam que ele ficara rico. Soava como piada de mau gosto.

— É mentira — disse um de nossos amigos. — Se aquele lá ficou rico, eu estou voando pelo céu há muito tempo.

Mas os fatos eram fatos. Ele acumulara mais dinheiro do que qualquer um de nós; ou melhor dizendo, mais do que a renda somada de todos nós.

— Há muito tempo, assisti a uma comédia de faroeste — disse esse meu amigo rico, certo dia. — A história era, para resumir, a de um trem a vapor sendo perseguido pelos índios. Estavam queimando todo o carvão possível para escapar, mas deixavam cair mais da metade do carvão e acabaram sem combustível no caminho.

— Hum.

Nós tínhamos nos encontrado por acaso, no bar de algum hotel, depois de muitos anos sem contato. Eu estava ali para uma cerimônia de casamento (de quem mesmo?), e ele voltava de uma festa da empresa.

— Quando acabou o carvão, eles arrancaram fora os assentos e o teto, e jogaram tudo na fornalha do trem; depois, iam tirar as roupas e queimá-las também.

— Entendo.

— Em outras palavras... bom, é uma comédia pastelão.

Então, você entende.

— Entendo.

— Daí queimaram até as roupas, todas. Depois disso, não sobrou nadinha. Mas os índios ainda vinham atrás deles. Era um beco sem saída, sabe?

— Sei.

— Mas ainda havia uma mala. De dinheiro, basicamente. O trem estava carregado com maços de dinheiro, do exército. Maços o suficiente para encher uns cinco sacos do Papai Noel.

— Então eles iam queimar o dinheiro também?

Meu amigo assentiu, sem expressão.

— Bom, a vida é algo insubstituível, certo?

— Isso é verdade.

— Mas bem, isso tanto faz, sabe. Não passa de um filme, no fim das contas. — Ele colocou um cigarro na boca, o qual o barman acendeu imediatamente com um isqueiro. — O problema é o método que usaram para queimar as coisas.

— Como assim?

— Basicamente, pegaram os maços com uma pá e jogaram na fornalha. Juntaram em uma pilha, e tacaram direto no fogo. Imagine só essa cena. O fogo tanto faz; só imagine a pá.

— Estou imaginando.

— O que acha?

— Não acho nada, em particular.

Ele segurou o copo vazio uns dez centímetros à sua frente; vinte segundos depois, um novo copo com uma nova bebida apareceu ali, fazendo um agradável tilintar.

— Quanto você ganha por ano? — ele me perguntou.

Respondi-lhe o valor, honestamente.

- Antes ou depois dos impostos?
- Antes — falei.
- Só isso mesmo?
- Isso aí — eu disse. Uma pergunta brusca, mas que não me incomodara, estranhamente.
- Você é escritor ou algo assim, não é?
- Pela definição da Receita, sim.
- E por isso ganha só esse pouco de renda?
- Bom, não é uma ocupação com um grande retorno financeiro.
- É, parece que não — ele disse, parecendo entediado. Tinha a expressão de um golfista solo, forçado a formar time com um jogador iniciante. Senti-me um tanto acanhado.
- Sinto que finalmente entendo qual é a sensação de juntar dinheiro com uma pá — disse meu amigo rico.
- E como é essa sensação?
- De que estou sendo perseguido por índios.

## インテリア | *interior* | *design* de interiores

*Design* de interiores é provavelmente um dos tópicos que devem aparecer naqueles guias de como se socializar.

As mesas de pernas arqueadas; as estantes modernas em estilo italiano; a placa de “EM CONSTRUÇÃO” roubada durante o entusiasmo de uma escapada com o álcool; o livreiro organizado de forma que facilite ver os títulos apenas dos livros aparentemente difíceis; ou mesmo a calcinha pregada na parede sob a justificativa de ser fofo ou algo assim — todos, *todos* esses itens, existem para outras pessoas, além de nós mesmos.

O *design* de um cômodo se posiciona silenciosamente em segundo plano à conversa, complementando o que não é dito pelo dono da casa. O convidado olha o espaço à sua volta e procura adivinhar — de forma gentil ou provocadora — o que o dono está pensando.

Por sua vez, o dono já sabe a resposta — e ao reparar no convidado que mira fixamente a decoração, dá uma parada na conversa, fabrica ali um silêncio.

- Este é um ótimo quarto.
- Mas só tem coisa barata...
- É adorável; tem a sua cara.
- Ah, olha a estampa dessa cortina. Se olhar bem, é um esquilo segurando uma noz.
- Ah, é mesmo. O esquilinho é fofo, parece com você.
- Não parece não. Ah, aí não... ah.... hm...

Como vimos na situação acima, o *design* de interiores é um fator decisivo em interações sociais, suplementando nossas palavras. É claro que também há pessoas que nunca recebem visitas e, ainda assim, penduram cortinas com estampa de esquilo, ou compram plantas apenas para observá-las

fixamente. Mas é um comportamento semelhante a escrever em um diário; é natural, também, que alguns tipos de decoração de interiores nada tenham a ver com socialização.

Além disso, há outras pessoas que vão para o lado de: “Eu *amo* vermelho, então meu quarto é *totalmente* decorado de vermelho!” — mas aí já é um pouco como dar festas de arromba todos os dias: é de se pensar que até os hábeis na arte da socialização terão dificuldades com isso.

O que me interessa atualmente é: onde é traçado o limite do *design* de interiores, quando se trata de decorar um altar budista?

# ウ

ウエスト・コースト | *west coast* | costa oeste

Qualquer um fica com cara de bobo, quando parado debaixo de uma cerejeira em plena floração.

Quando se tira uma foto de recordação na costa oeste, pode parecer óbvio que cada rosto na foto estava fazendo “xis” até momentos antes. Mas, muitas vezes, isso é apenas um mal-entendido por parte de quem está olhando a foto.

Na costa oeste dos Estados Unidos, é natural pensar que todo mundo que circula por ali está apenas performando alegria; mas, de certa forma, acredito que algumas pessoas de lá performam também a melancolia.

Agora, escrevendo algo com o título Costa Oeste, me sinto um tanto desconfortável — como se uma cerejeira estivesse florindo por sobre a minha cabeça.

## エ

### エチケット | *etiquette* | etiqueta

Como você era adorável durante aquela época em que frequentava o cursinho de etiqueta.

Tomava a sopa sem fazer ruído, e tocava o piano tão suavemente.

Quando se curvava, sua reverência era mais profunda que o oceano.

Os pauzinhos que você usava às refeições sujavam-se talvez só uns dois milímetros. Quando terminava de comer o peixe, os ossinhos que sobravam eram tão bonitos que eu sentia até vontade de empalhá-los.

Seu sutiã cobria os seios completamente, e as marcas do elástico da calça passavam acima do umbigo.

Nenhum mau hálito, o cabelo bem-escovado e brilhante, um leve aroma de sabonete vinha de todo o seu corpo.

Por que será que você saiu do curso de etiqueta?

Era eu quem costumava dizer que isso de etiqueta era uma bobagem; mas você sempre me refutava, muito modestamente, dizendo que não pensava dessa maneira.

Ultimamente, tenho escovado os dentes por três minutos, três vezes ao dia — manhã, tarde e noite.

Passei também a dizer os cumprimentos com uma voz cheia de energia: “Bom dia!”, “boa tarde!”, “boa noite!”

Parei também, por completo, de assistir televisão durante as refeições, e sempre lavo as mãos e enxaguar a boca quando chego da rua.

Talvez seja falta de educação pensar nessas coisas, mas estou preocupado; acho que você está de namorado.

Ouvi você falando com alguém ao telefone, sem querer.

O que quer dizer “se for segunda base, tudo bem”? O que é *segunda base*? Seria beijo? Desculpe por ficar pensando nessas coisas estranhas.

Quando você chegar em casa, vamos conversar melhor, está bem?

Vou indo para o trabalho.

*7h30m*

*Seu pai*

## エリート | *élite* | elite

O rapaz com quem tive um encontro outro dia faz parte da elite.

É um graduando da Universidade de Tóquio, naturalmente.

— Me formei de uma faculdade bem simples — Ele mesmo disse apenas isso, mas eu pude perceber, pela maneira como suas mãos brincavam distraidamente com uma folha de avenca.

Sentamos juntos em um banco, no parque, e conversamos um sobre o outro.

Quando meus ombros estremeceram por causa do frio, ele tirou o próprio casaco e pôs à minha volta. Na parte de trás, vi que havia uma etiqueta onde estava escrito *Burberry*.

O pai dele é um empresário importante daquela grande corporação siderúrgica, a Shin Nippon Seitetsu. Isso é algo que descobri graças à intuição feminina. Simplesmente tive esse vislumbre.

— Você é uma pessoa muito perceptiva — ele riu. Ele também tinha um bom olho. Adivinhou logo que eu trabalhava como esteticista.

Na discoteca Tsubaki House, foi ele quem me convidou, de forma simpática:

— Quer sair num encontro comigo?

O carro dele é um Benz. Vendo que no chaveiro dele estava gravado o logotipo da Benz, perguntei tentativamente:

— É a Benz?

— Sim, é a Benz — ele respondeu.

Conversamos infinitamente sobre Shakespeare, um favorito nosso. Ele disse que gostava particularmente da Olivia Hussey.

Quando quis se envolver comigo mais intimamente, ele disse:

— Não vou te forçar a nada.

“Gente de elite é mesmo tão gentil!”, pensei.

Ele dava uma impressão de pertencer à elite também quando estava nu — até mais do que quando estava vestido.

Embora ele tenha se esforçado muito para esconder, em suas costas estava lá tatuado, em enormes letras: *E L I T E*.

## エレベーター | elevator | elevador

— Por favor, informe o seu andar — disse a ascensorista.  
— 176º andar — disse o homem de meia-idade.  
— 176º andar, entendido.  
— 328º andar — disse uma moça jovem. Ela tinha belíssimas pernas.

— 328º andar, entendido.  
— 413º andar — eu disse.  
— Perdão — disse a ascensorista, parecendo realmente pesarosa. — Este elevador só vai até 390º andar.

— Essa não — falei. — Acontece que esqueci três pares de meias no 413º andar.

— Então venha até minha casa — disse a jovem de belas pernas, com uma voz doce. — Estou no 328º andar, mas tenho um par de meias, pelo menos.

Exatamente o que eu queria.

O quarto dela era muito agradável. A iluminação, a escolha dos móveis, a música de fundo, o ar-condicionado, a maciez do carpete — tudo estava ideal. Tudo se adequava ao meu gosto, como se ela tivesse pesquisado minhas preferências de antemão. Se eu fosse James Bond, suspeitaria que algo estava errado. Mas felizmente, eu não era James Bond. Não era também Mark Hammer, nem Lew Archer, nem Matt Helm, nem Philip Marlowe.

Como é maravilhoso ser um cidadão comum!

Conversamos horas e horas, enquanto bebericávamos champanhe gelado, sobre música, literatura, esportes, formas de cuidar de peixes tropicais. Nossos gostos eram tão perfeitamente alinhados, que quase poderia chamar isto de um milagre. Só o que me aborrecia um pouco eram os três pares de meia que eu tinha esquecido lá no 413º andar.

— Ah, sim, as meias — dizendo isso, ela puxou minha mão e levou-me até outro quarto, onde abriu suavemente a gaveta de um grande guarda-roupa de mogno. Dentro, estavam uns duzentos pares de meias em várias cores, impecavelmente dobradas e organizadas, como joias.

— É do seu agrado?

— É perfeito — suspirei. — É realmente uma maravilha!

— Podem ser todas suas, se você quiser.

Puxei-a em minha direção, unindo meus lábios aos dela. Sua camisola caiu suavemente no chão.

Com isto, agora tenho duzentos pares de meias.



オ

オイル・サーディン | *oil sardine* | sardinhas com  
óleo

Ei, juiz  
está olhando pra onde?  
Ontem comi uma lata de sardinhas,  
E elas ainda estavam melhores do que você

10/4/1981

\* Parte da *Antologia Especial dos Yakult Swallows*<sup>4</sup>.

Ⓜ

---

<sup>4</sup> O Tokyo Yakult Swallows é um clube profissional de beisebol japonês, do qual Haruki Murakami é membro honorário.

## オール・ナイト | *all night* | noite em claro

Quando se trata de um Sr. *All-Night*, tem que se mencionar o Tsuneyoshi.

Existem outros gigolôs que passam a noite em claro, mas não podem ser chamados de Sr. *All-Night*.

Todas as noites, quando termina o Notícias de Beisebol Profissional das 11 horas, Tsuneyoshi exclama:

— Oh!

O “Tô saindo!” que viria depois disso é omitido. Mas o mais estranho, é que não há ninguém por perto para ouvir esse *Oh*.

A Mika ainda está no trabalho, fazendo vários tipos de serviço. Quanto à natureza desses serviços: espalhar loção de banho, proporcionar um agrado quando o *instrumento* da clientela aparece por sobre a água do banho... esse tipo de coisa.

Porém, mesmo no meio do trabalho, quando é hora do *Oh!* — Mika responde com um *Ai!*. Um *ai!* apenas — de natureza particular — no meio do trabalho, não há de causar incômodo em ninguém. Nenhum dos clientes, até agora, parou para indagar com cara de confusão: “*Ai!* o quê?”

Tsuneyoshi é o gigolô particular da Mika. Foi a própria Mika quem propôs que ele assumisse essa posição. Pensando que seria um favor de uma vez só, ele generosamente atendeu o pedido. Mika pensa, com frequência, se ama Tsuneyoshi ou não. Pensa sobre isso principalmente durante as horas do trabalho, o que naturalmente acarreta o risco de ficar distraída durante o serviço e levar uma bronca do gerente. Seus sentimentos por Tsuneyoshi são um assunto de natureza obviamente pessoal; não é coisa sobre a qual ela deva estar

pensando enquanto passa sabão pelos corpos dos clientes, ou enquanto proporciona um final feliz a um freguês excitado. Porém, nem Yamazaki, seu gerente; nem os clientes imersos na água quente com seus negócios pendurados lá nas virilhas, ou dormindo de lado nos colchonetes — nenhum deles entende o que se passa no coração de Mika, então desde que não atrapalhe de fato o trabalho, ninguém reclama.

Tsuneyoshi aciona, com um clique, a fechadura eletrônica bastante segura do prédio e começa a bater os pés. Seus tênis de corrida, de cor berinjela, fazem barulho contra o tapete vermelho do corredor.

Tsuneyoshi não usa o elevador; em vez disso, sai do prédio descendo a escada em espiral da saída de emergência. É quase o fim de outono, e ele já consegue ver o branco do ar quando respira. Tsuneyoshi estava profundamente contente pela vitória arrasadora dos Yomiuri Giants. Começara a morar com Mika em abril, quando começara a temporada de beisebol profissional. Os Giants já tinham começado arrasando os Chunichi Dragons. Pensando bem, naquele dia também caía uma chuva fina, e estava tão frio quanto hoje. Tsuneyoshi e Mika ainda estariam juntos quando o tempo esquentasse, e quando ficasse frio novamente. Com certeza, não seria em razão dos Giants, time do qual Tsuneyoshi era fã. Isto estava claro. Porém, será que estariam vivendo em meio a tanta felicidade, se os Giants estivessem em terceiro lugar? Tsuneyoshi pensa que talvez não.

Por volta de quando Tsuneyoshi chega, depois de uma corridinha leve, ao parque público bem no meio do caminho entre o apartamento e o lugar onde Mika trabalha, as tais “11 da noite” chegam ao fim — ao ritmo de um canto de *scat*: *dabadadabadabadabada-dabadaba-dada, dabadaba, washu...*

Sentado em um banco enquanto enxuga o suor, Tsuneyoshi sobe os olhos para o céu, e chama o nome de Mika. Ela também, nessa mesma hora, volta seu olhar para o teto — e pensa em Tsuneyoshi. É uma promessa que existe entre os dois.

Fazem isso em dias de chuva, e fazem também em dias de tempo bom.

Diferentemente das outras funcionárias, Mika sai do serviço às uma da manhã.

Quando Mika se troca e está vestida com suas roupas normais, Tsuneyoshi para de correr, e faz sinal para um táxi em frente à farmácia 24h. Enquanto recupera o fôlego dentro do carro, tomando um café enlatado, Mika dá uma corridinha em sua direção.

Os dois voltam de táxi para o apartamento, ponto de partida da corrida.

Mesmo Tsuneyoshi não sabe direito o que gerou essa rotina. O fato é apenas que, quando decidira fazer algo que Mika pudesse gostar — simplesmente começara a correr.

Eles voltam para casa e tomam banho juntos; Tsuneyoshi lê um livro para Mika. Ele o lê em voz baixa, bem perto do ouvido dela. Isso dura umas duas horas.

Depois, por meia hora ele a ouve falar, enquanto tomam cerveja.

Um pouco antes do amanhecer, fazem amor. Mika faz sexo o suficiente durante o trabalho; durante as horas em que está com Tsuneyoshi, ela procura conforto, leveza. Por isso, o sonolento Tsuneyoshi a toca realmente com toda a gentileza, sem impor qualquer pressão.

E então, eles dormem.

Quando estão prestes a cair no sono, Mika sempre pergunta a Tsuneyoshi:

— Você pode ficar amanhã também?

— Fico — responde Tsuneyoshi. E virando-se na cama, já está dormindo.

Mika vai dormir com um sorriso no rosto, pensando: “Será mesmo que alguém tão bom assim vai mesmo estar aqui amanhã também?”

Certa vez, uma amiga intelectual lhe disse que, para surgir na vida de Mika um gigolô desses, só podia ter sido graças ao alinhamento dos planetas.

— *Besteeeeeira* — rira Tsuneyoshi.

Mika também dera risada. *Rá rá rá.*

## オニオン・スープ | *onion soup* | sopa de cebola

Nós fizemos sexo, à maneira como ensina a mãe-natureza.

Uma hora depois, fizemos sexo uma segunda vez — novamente, como ensina a mãe-natureza.

Ufa.

A primeira vez não foi ruim, mas não passou de razoável. Como explicar? Não posso negar que a sensação foi a de que tinha um leão aposentado no quarto vizinho, escovando ruidosamente os dentes.

A segunda vez, porém, foi mesmo uma beleza.

Não seria capaz de descrever o quão maravilhoso foi. É mesmo mágico quando não somos capazes de explicar através das palavras aquilo que sentimos fisicamente. Se não fosse por esses momentos, praticamente não haveria razão pela qual se viver.

À uma da manhã, após fazer sexo pela segunda vez, estávamos fumando cigarros na cama. No quarto ao lado, o leão esquentava a sopa para um lanche noturno. O cheiro familiar de cebolas entrava em nosso quarto pela fresta da porta. Uma humidade suave nos envolveu, como um daqueles balões de pensamento que se vê nos quadrinhos. Ela descansou a palma de sua pequena mão em meu peito.

# カ

カーペット | *carpet* | *carpete*

Qual o sentido de um tatame oculto sob o carpete?

É como o arroz cozido, escondido sob a bisteca e o ovo, em um prato de katsudon. Porém, poucas são as pessoas que associariam o arroz, neste caso específico, à expressão *falsa acusação*.

Há ainda certa semelhança passageira com livros tal qual os intitulados “*Como Agradar uma Mulher*” — quando encapados pelo papel de embrulho próprio da livraria. Mas aqueles que têm esses livros, geralmente dão preferência ao conteúdo, em vez da capa.

Então, qual seria a relação entre os óculos escuros e os olhos? Parece-me que são poucas as pessoas que vão dormir ou tomam banho ainda de óculos escuros, então estes ainda são menos trágicos que o tatame.

Personalidades ocultas por cartões de visita: nenhuma semelhança aí, já que a personalidade está sendo deliberadamente escondida.

Que tal um longo torso, envolto em roupas de marcas estrangeiras?

Talvez este seja o que mais se aproxima.

## カーマストラ | *kamasutra*

— Feliz aniversário. — ela disse, estendendo na minha frente uma bela e pequena caixa, decorada com um laço verde.

Estávamos em um ótimo restaurante no trigésimo segundo andar de um arranha-céu, tomando uísque escocês diluído enquanto comíamos rosbife. Era, afinal, meu aniversário.

— O que você acha que é? Tente adivinhar.

— Um aparador de cabelo — eu disse. Estava brincando, é claro.

Quando retirei o papel de embrulho, descobri uma pequena caixa bege e brilhante e, dentro dela, um pedaço de papel do tamanho de um ingresso de cinema. E no pedaço de papel estava escrito: *tiquete da diversão*.

— Pode usá-lo quando quiser — disse ela.

Ao chegar em casa, abri a gaveta superior da minha escrivaninha. Dentro dela estavam 78 “tiquetes da diversão”, em diferentes cores, que me foram dados por 78 garotas.

Tirei todos da gaveta e adicionei ao maço o tiquete mais recente, elevando o total para setenta e nove.

Um número razoável.

Cavei um buraco no jardim com uma pá e ali enterrei a lata de balas onde tinha enfiado juntos os 79 “tiquetes de diversão.” Depois, peguei uma mangueira e reguei por cima.

Minha personalidade é dessas.

## カツレツ | *cutlet* | costeletas

Quando “costeletas” são mencionadas na prefeitura de Kōbe, é certo que estamos falando de costeletas de boi. Não do bife à milanesa, nem do bife à Cordon Bleu — mas sim, das respeitáveis costeletas bovinas. Infelizmente, elas não existem em Tóquio. Uma capital sem costeletas de boi... é muito como Stalingrado em 1942. No meu caso, sou um entusiasta tão grande de costeletas que só de pensar nelas sinto vontade de embarcar no trem-bala naquele mesmo instante.

As costeletas são deliciosas mesmo quando saboreadas com pão. Espalha-se manteiga e mostarda por duas fatias de pão de forma; as costeletas, levemente grelhadas na torradeira, são servidas com uns dois talos de agrião. Para acompanhar, um chá gelado sem açúcar — ou uma cerveja Märzen... aah, aah...

Se não for para comer com pão, as costeletas devem ter o tamanho aproximado da sola de um tênis do tamanho 37. A carne não pode ser nem muito grossa, nem muito fina. Se for muito fina, é decepcionante; muito grossa, e torna-se desagradável ao olhar. E jamais — em hipótese alguma — deve ter nervos. Na hora de fritar, o ideal é que o empanado seja um pouco mais firme e crocante do que o empanado das costeletas de porco. A farinha de pão também não pode ser fina demais.

Como guarnição, nada de repolho picado. Servir costeletas de boi com repolho picado é como colocar um adesivo do coelhinho da Playboy num Rolls-Royce. Um macarrão temperado apenas com uma pitada de sal, algumas vagens, agrião, ou algo do tipo — já é o suficiente. Se

aparecerem com algo como “cenouras glaceadas”... pode jogar fora em algum cinzeiro.

Daí, passamos para o arroz. O ideal seria o arroz da cevada, mas não é fácil achá-lo nos restaurantes — o jeito é se virar com arroz branco. Os tais pãezinhos redondos dos restaurantes também não me agradam.

Em geral, a forma de comer é semelhante à de comer as costeletas de porco. Entretanto, a sensação ao inserir a faca é completamente diferente. A crocância da camada empanada; a maciez que revela por baixo a firmeza típica da carne bovina; e aí novamente o empanado — até que a faca toca finalmente o prato, com aquele som seco. É simplesmente irresistível.

Quando eu era criança, meu pai costumava me levar ao cinema; na volta para casa, parávamos sempre para comer costeletas de boi. Pela janela, era possível ver o porto, e ao fundo, o nítido Monte Rokkō.

Quando leio os guias de viagem sobre Kōbe, só se fala do bife de boi (não é nem preciso ir até Kōbe para comê-lo; com dinheiro suficiente, dá pra encontrá-lo em muitos restaurantes de Tóquio). Não há nem uma única referência às costeletas de carne bovina. Por que será?

# キ

## キャンプ・ファイア | *camp fire* | fogueira de acampamento

Pergunto-me o que exatamente pensam as meninas que respondem rindo — rá, rá, rá — quando lhes cantam “*Ei, mocinha, vamos ao bosque?*”<sup>5</sup>

Não se deve fugir de perguntas com risadinhas.

O certo é responder que sim, caso tenha vontade de ir; ou que não, se não quiser.

Detesto músicas relacionadas a montanhas<sup>6</sup>, em geral.

Veja aquela música com a letra: “*não vá se apaixonar por um homem da montanha*” — não há como verificar que alguém tenha de fato se apaixonado pelo homem e quais os resultados, então não consigo deixar de pensar que é só presunção.

Também não gosto de letras como “*mesmo as beldades também, peidam e cagam*”, em *10.000 Shaku Nos Alpes*<sup>7</sup>. Por que

---

<sup>5</sup> 「森へ行きましょう」 (“*Vamos ao bosque*”) é uma cantiga infantil, enquanto 「山男の歌」 (“*Canção do Homem da Montanha*”) é uma canção de 1962, da banda japonesa DARK DUCKS.

<sup>6</sup> As músicas *Ode à Montanha Nevada*, *10.000 Shaku nos Alpes* e *Canção do Homem da Montanha* (org. 「雪山讃歌」, 「アルプス一万尺」 e 「山男の歌」) mencionadas neste conto são frequentemente cantadas em torno de fogueiras de acampamento ou relacionadas ao esporte do montanhismo.

<sup>7</sup> 「アルプス一万尺」 (“*10.000 Shaku nos Alpes*”) é também uma cantiga infantil, cuja melodia é baseada na música americana *Yankee*

fazer questão de deixar claro que até beldades fazem essas coisas? Deixem isso para as que não são bonitas, e já bastaria. Realmente não suporto esse tipo de realismo chocante.

Aquela do “*Se um dia eu vir a morrer numa montanha...*”<sup>8</sup> também tem algo de ameaçador, faz pesar o coração. Isso de passar por cadáveres é o tipo de coisa que lembra mais *A Internacional*<sup>9</sup>.

Que outro esporte inspira tanta música?

No máximo, me vêm à mente algumas letras de músicas como “*pedalando, pedalando, uhul!, uhul!*” e “*você conheceu um jogadorzinho de beisebol?*”<sup>10</sup>

Existe até certa arrogância em *Ode à Montanha Nevada* quando cantam que “*nós já não podemos morar na cidade...*” Dá vontade de dizer a eles que, bom, já que não são capazes de morar na cidade, basta não morarem lá. Não consigo deixar de sentir que julgam a si mesmos algum tipo de povo escolhido; é desconfortável.

Gostaria que cantassem músicas cujas letras são mais como: “*escalar montanha é bem bacana!*”, “*nas montanhas há meninas feias também; mas elas têm uma boa natureza, e de certa forma, isso talvez as torna melhores ainda que as beldades!*” ou “*sim, fica gelado aqui quando neva, mas vamos tentar aguentar firme e*

---

*Doodle. Shaku* é uma unidade de medida japonesa, equivalente a cerca de 30 cm.

<sup>8</sup> Da música「いつか或る日」, também da banda DARK DUCKS; aparentemente baseada em um poema do alpinista francês Roger Duplat.

<sup>9</sup> Hino internacionalista que ganhou notoriedade ao se tornar o hino da União Soviética.

<sup>10</sup> Prováveis referências às canções 「青春サイクリング」 (“*O Pedalar da Juventude*”) de Kiyoshi Hikawa; e 「野球小僧」 (“*Menino do Beisebol*”) de Katsuhiko Haida.

*continuar escalando, que tal?"* — músicas com esse nível de franqueza e humildade, mas sem provocar repulsa, sabe?

①

# ク

## クイズ・ショー | *quiz show* | quiz

— Vamos à primeira pergunta: entre dois porcos-negros-de-Kagoshima e dois bodes, quais têm a cor preta?

Fui eu quem fez com que a luz de resposta acendesse mais rápido.

— Os dois porcos-negros!

— Sim, resposta certa! Sua cadeira subirá um degrau. Continuando, segunda pergunta. Essa é muito fácil, então tratem de apertar logo o botão, sim?

“Quem é a maior beldade desta ilha? Por favor, escolha entre as três seguintes opções: 1) a filha mais velha do rei, 2) a filha do meio do rei, 3) a filha mais nova do rei!”

Que pergunta terrível. Até os porcos-negros sabem que as três princesas da família real são as maiores feiosas da ilha.

Todos os participantes permaneceram imóveis, sem apertar o botão.

— Ah, parece que estão com dificuldades para responder, já que todas são de parar o trânsito! Então vamos nomear um de vocês para responder. Número 5, vá em frente.

Era o meu número. Tanto fazia se estivesse errado ou não, então respondi “a número 1” sem pensar muito. Sem nem esperar que eu terminasse totalmente de falar, o apresentador gritou:

— Sim! Resposta certa. Está indo bem, hein, Número 5. Vamos para a terceira pergunta.

Como assim, resposta certa? Se a maior beldade da ilha é a filha de 45 anos com 120 quilos, há um problema sério.

— Aí vai: segundo o ditado popular, quando o sapo-da-chuva coaxa, significa que vem chuva por aí. Então, quando o sapo-do-tempo-bom coaxa, como é que fica o tempo? Esta pergunta vem do próprio rei!

Sequer existe esse tal “sapo-do-tempo-bom” nesta ilha...?

O jovem Número 2 apertou o botão de resposta.

— O tempo fica bom! — *Beeeeee*. Campainha da resposta errada.

— Que pena! Vamos escolher outro competidor. Você aí, Número 5, que está numa maré de sorte. Qual seria a sua resposta?

— Não seria... “*chove*”, seria? — respondi, exasperado.

— Perfeito! Resposta certa. Número 5, você agora responderá à Pergunta *Royale*, subindo ao terceiro degrau!

“Pergunta quatro. Que tipo de pessoa é o soberano desta ilha? Escolha uma entre as três opções: 1) uma pessoa admirável; 2) uma pessoa maravilhosa; ou 3) uma pessoa magnífica.”

Por mais que o único canal de televisão disponível nesta ilha seja a Emissora da Família Real, eles não realmente deviam colocar uma pergunta dessas.

— Ah, essa não, essa não. O Número 5 já está com a resposta certa na cabeça. Exatamente. É a alternativa 3), “uma pessoa magnífica.” Número 5, você sobe mais uma vez.

Sem entender bem como, acabo acertando todas as dez perguntas.

Os outros competidores, sem subir um único degrau, apenas sorriem em silêncio, de maneira inquietante.

O apresentador está quase dançando de animação.

— Agora, para o Número 5, aquele que ascendeu dez degraus sem descansar, com ímpeto avassalador: um presente colossal do rei o aguarda!”

De alguma forma, tenho a sensação de que estão me pregando uma peça, mas não seria nada mal receber alguma coisa.

No programa da semana passada, um cara de um vilarejo vizinho ganhou um porco preto. E na semana antes daquela, o que acertou dez perguntas foi premiado com uma canoa pintada de branco, e aparentemente teve de carregá-la nas costas de volta para casa, do outro lado das montanhas.

Mesmo assim, o *Quiz Royale: Porta Para a Felicidade* desta semana está progredindo de forma um tanto apressada.

No centro da plateia, nosso monarca — rodeado por concubinas ajoelhadas ao seu redor — observava o palco com uma expressão estranhamente radiante. As três irmãs feias exibiam as gengivas sem qualquer pudor, rindo sem parar.

— Agora, o prêmio desta semana!

Os tambores batem com força.

— Literalmente, a felicidade lhe bate à porta!

Umãs crianças fecharam as cortinas escuras ao redor do local, escurecendo o estúdio.

As luzes dos holofotes se moviam em círculos pela plateia, como que sondando o público, e então pararam.

Com os olhos semicerrados pela luz brilhante, a filha mais velha — a de 120 quilos — levantou-se, encarou-me intensamente e baixou o olhar, tímida.

## クールミントガム | *cool mint gum* | chiclete de menta

Faz muito tempo, mas lembro quando avistei, ao acaso, uma moça jovem dirigindo um Volkswagen cinza-escuro. Vestia um vestido de verão cor-de-rosa; seus seios bem-formados projetavam-se para a frente, como dois motores a jato. Além disso, ela calçava sandálias brancas. O motivo pelo qual reparei nesse detalhe tão insignificante das sandálias é que a jovem estacionou seu carro em frente ao banco onde eu estava sentado — para só então calçá-las nos pés (estivera, portanto, dirigindo descalça). Daí saiu então do carro, passou por mim e entrou em uma loja, onde comprou um pacote de chicletes de menta.

Fiquei observando-a o tempo todo. Uma observação muito proveitosa, já que o vestido lhe caía perfeitamente. Os ombros eram arredondados e lisos, seu abdômen reto como uma folha de papel de desenho, e todo o corpo, esbelto. Em suma, o tipo de moça que parecia ter herdado, sozinha, todo o verão de 1967. Tive a impressão de que tudo a respeito daquele verão estava cuidadosamente guardado no guarda-roupa do quarto dela — como roupas íntimas dobradas com todo o devido esmero.

Ela rasgou o lacre do chiclete de menta, colocou um pedaço na boca e, mais uma vez, passou por mim — mastigava com muito charme, *nhac, nhac*. Em seguida, o Volkswagen cinza-escuro deslizou de volta pela correnteza veranil, gracioso como uma truta.

Passaram-se catorze anos desde então. Mas ainda me lembro dela, toda vez que vejo um Volkswagen cinza-escuro.

Ⓜ

## クラブ | *club* | clube

Eu estava assistindo um programa de variedades voltado ao público jovem.

Na segunda metade do programa, havia um segmento de divinação com cartas de baralho — o qual, pelo que meus amigos contavam, costumava ser bem certo. Sou do signo de Escorpião, e naquele dia aparentemente minha sorte estava no máximo.

— Parece que será um fim de semana de sorte; um daqueles nos quais você tropeça, e encontra um anel de ouro — dizia, com plena confiança, uma mulher vestida em trajes ciganos.

Esse negócio costumava acertar. Agora totalmente empolgado, comecei a planejar como seria meu dia. Hora de tomar coragem e fazer todas as coisas que, normalmente, não consigo fazer. Eu ainda era garoto, nessa época.

A tal mulher, por último, adivinhava a sorte do signo de Peixes.

Tirara do baralho o cinco de paus<sup>11</sup>.

— Aos piscianos: cuidado com clubes extracurriculares a partir das cinco da tarde.

Eu ainda era jovem — mas, enquanto levantava-me da mesa, por alguma razão senti que aquele não seria lá um dia de sorte.

Comecei esse dia atrasado.

---

<sup>11</sup> Em japonês, a palavra *クラブ* (do inglês *club*), ou *clube*, também pode significar o naipe de paus, assim como a palavra original do inglês.



クレープ・ドロップス | *grape drops* | dropes de  
uva

Quando meu pai, um Drope de Uva, morreu em 1806, eu tinha apenas dez anos. Foi assim que me tornei órfão.

Porém, isso não me trouxe qualquer compaixão. Havia muito mais órfãos naquela época do que agora, afinal — e além disso, eu era um Drope de Uva. Quem se importaria com o que aconteceria comigo?

Mesmo no orfanato, faziam troça de mim. Lá, quem dava as ordens eram os órfãos dropes de Laranja e de Limão.

— *Dropes de Uva*? Nunca ouvimos falar disso aí — eles me diziam.

Fugi então do orfanato, e me tornei ajudante de vaqueiro em um circo. O velho vaqueiro era uma pessoa muito boa; dividia comigo qualquer comida extra, e ouvia com fervor o que eu lhe contava sobre os Dropes de Uva.

— Minha mãe está por aí, em algum lugar — eu dizia. — É uma Drope de Uva muito bonita.

— He, he. Quer um pouco de leite? — ele respondia. O velho vaqueiro era praticamente surdo.

Mas esses dias felizes não durariam por muito tempo. O cruel domador de leões matou nossa vaca para poder comer-lhe as costeletas. Domadores de leões adoram costeletas de vaca. O choque desse acontecimento matou o velho vaqueiro, e eu fugi do circo e tornei-me o cão-mascote de uma cavalaria. Em 1889, durante a Revolta Apache, mordi três aborígenes até a morte — ganhei então meu apelido, Canino Branco. O Presidente fez um convite para que eu visitasse a Casa Branca, mas declinei educadamente. Meu objetivo era encontrar minha mãe.

A primeira vez que ouvi sobre os Dropes de Uva foi no ano de 1936, em Madrid, em meio à Guerra Civil Espanhola. Eu tomava xerez com Hemingway.

— Ei, Ernest. O que você acabou de dizer?

Hemingway estava caído sobre a mesa, completamente bêbado. Dei umas batidas enérgicas em sua cabeça com um revólver, e depois joguei-lhe água gelada.

— *Chope de uva!* — ele gritou.

— Não — falei, e bati-lhe com o revólver mais uma vez.

— Chope de uva.

Hemingway só recuperou a consciência três dias depois.

— Dropes de Uva — ele disse. — Entendo. Você é filho do Drope de Uva.

— Me conte sobre a minha mãe.

— Não, é melhor não perguntar isso.

Mas quando tirei o revólver do bolso, ele foi revelando tudo.

— No verão do ano passado, sua mãe foi violada por uns soldados das forças rebeldes, e transformaram-na em um selante para pneus de caminhão.

Assim, passei três anos viajando pela Espanha, revistando pneus de caminhões. Mas no fim, não consegui encontrar minha mãe.

— Querido Ernest — escrevi a Hemingway, numa carta.

— Se há mais alguma coisa sobre os Dropes de Uva que você ficou sabendo desde então, gostaria que me contasse.

Ele me respondeu que não sabia mais nada; e que eu devia tentar perguntar ao Steinbeck — o qual consegui alcançar em Estocolmo, enquanto ele estava na cerimônia do prêmio Nobel.

— Ei, John, será que pode me dizer algo sobre Dropes de Uva?

— Dropes de Uva, é? — Steinbeck suspirou. — Se não me falha a memória, há uns dois anos vi um, em uma cidadezinha no Texas. Na época, tinha se tornado um cinto ortopédico, para correção de hérnia.

Estou sempre chupando dropes de uva, para diminuir a quantidade de cigarros que fumo. Escrevi este breve texto para eles.

Ⓜ

ケ

K | k

*K ..... 11ª letra do alfabeto.*

*(Frase de exemplo) “Certa manhã, ao acordar, K tinha se transformado em um capacho de porta.”*

Certa manhã, ao acordar, K tinha se transformado em um capacho de porta.

— Que problemão... — pensou K. — E logo em um capacho...

O primeiro a encontrar K metamorfoseado em capacho foi um amigo que trabalhava na prefeitura.

— Ei, pare de brincadeira — ele disse. — Está ensaiando alguma performance para a festa de fim-de-ano da empresa?

— Não, é sério, me transformei mesmo nisto aqui — disse K.

— Bom, menos mal... Por sinal, já providenciou seu registro de metamorfose?

— Registro de metamorfose?

— O seu imposto de renda será cobrado diferente agora, sabe? Quando você se transforma em um capacho, o desconto nos impostos sofre uma baixa de uns 10%.

— Não pode ser — disse K.

— Falo sério. Uma pena não ter se transformado em ferro de passar. Aí o corte seria só 3%.

A próxima pessoa a vê-lo foi um amigo que era crítico de arte.

— À primeira vista, parece um capacho de porta — ele disse.

— Sou um capacho, de fato — disse K.

— Há alguma prova disso?

— Experimente limpar os pés aqui.

O amigo limpou os pés. Com isso, comprovou que K era um tapete de entrada.

— Mas por que logo num capacho?

— A culpa não é minha.

— *“A culpa não é minha?”* — Ele repetiu. — Uma fala mais Camusiana do que Kafkiana.

Depois, veio uma amiga que trabalhava em uma editora. Ela tropeçou em K, o capacho de porta, e deu com a cabeça numa caixa de correio.

— Ora, perdão. Estou passando noites em claro por causa desses manuscritos, tendo que trocar índices, essas coisas... Mas deixando isso de lado, por que você se transformou em um capacho?

— Para escapar da realidade — disse K.

— Pobrezinho — ela disse. — Há algo que eu possa fazer? Talvez se eu der um beijinho, você se transforme de volta em um ser humano.

— Esse tipo de lógica acabou lá pelo século XIX — disse K. — Mas se você puder me estender na entrada de algum dormitório feminino, seria de grande ajuda...

— Isso aí é fácil. Não me importo, mas você agora não deve mais usar aquele seu tocador de fitas, não é? Posso ficar com ele?

— Pode.

— E imagino que você também não deve mais precisar das fitas do Boz, nem do Paul Davis.

— Não preciso.

— Também gosto muito daquela camiseta havaiana.

— Fique com ela.

— Posso pegar o carro emprestado também?

— Troque o óleo de vez em quando. E peça para darem uma olhada na embreagem. Está fazendo um barulho horrível.

— Sim, sim.

E assim, K viveu feliz para sempre na entrada de um dormitório feminino, sem prefeitura, ou crítica de arte, ou editora. Pensando bem, até que não é tão ruim assim ser capacho.

## コ

### コイン | *coin* | moeda

Uma mulher chutava a máquina automática de bebidas geladas.

— Algum problema?

— Eu coloquei o dinheiro, mas não está saindo nada.

Suas botas Villon, que estavam na moda naquela época, voavam inúmeras vezes em direção à máquina de bebidas. O som do impacto descontrolado ecoava pelo corredor estreito onde acontecia o concerto. As garrafas sacudiam loucamente nas prateleiras internas.

A mulher atormentou a máquina persistentemente, mas finalmente desistiu, e saiu andando na direção dos bastidores. Talvez fosse fã de alguma das bandas.

Quando já não era mais possível vê-la, a máquina de bebidas puxou conversa comigo.

— Como é frustrante! Quero vingança.

— Está pedindo a minha ajuda?

— No lado direito inferior, tenho algum dinheiro. Está trancado, mas se fizer força, deve abrir. Com esse dinheiro, quero contratar a sua ajuda.

Fiz como ela disse, mas ao abrir o compartimento, não havia dinheiro algum.

— Oras. Essa mulher de agora não pagou, então? Que horror. Estou mesmo com raiva!

— Parece que não vai poder pagar a minha taxa. Ninguém mais comprou bebida?

— Agora que você mencionou, passaram coletando meu dinheiro mais cedo. Que azar. Como estou triste.

— Parece que devo me tornar um soldado voluntário, então.

— Se o fizer, serei muito grata.

— Entendido.

Procurei então a mulher de antes, mas por fim não consegui encontrá-la.

— Mesmo que leve uma vida inteira, continue a procurá-la para mim. Bata nela, chute-a, enfie-lhe uma moeda de 100 ienes... — disse a máquina de bebidas, estremeando.

Muitos anos se passaram desde então, e ainda não encontrei aquela mulher.

É possível que a cliente que me fez aquele pedido também não esteja mais neste mundo. Mas continuo em busca da vingança que me foi confiada.

コーヒー | *coffee* | *café*

Na fachada daquele estabelecimento pendia um imenso letreiro escrito **CAFÉ**. Não era o nome da loja, nem um *slogan*. Apenas a palavra **CAFÉ**, escrita em preto, sobre o fundo branco. Para completar, o cartaz inclinava-se um pouco para cima, o que fazia parecer que fora cravado ali como uma provocação por escrito, destinada aos céus.

Não entendo bem por que instalariam, propositalmente, um letreiro desses. Estava em uma posição alta demais para que os passantes na calçada vissem, e além disso o tamanho da fonte era exageradamente grande. Só reparei nele pois, naquele exato momento, estava por acaso dentro de um carro, olhando para o céu por nenhuma razão em particular — pura questão de sorte.

Nós estávamos regressando de uma viagem, bem exaustos. Meu amigo, no volante, bocejava a cada vinte segundos, e sua namorada dormia profundamente no assento ao lado. O cinzeiro estava cheio, e nos alto-falantes do carro tocava uma música dos Temptations, cuja letra era sobre a discrepância de clima entre fevereiro e maio.

— Café — li em voz alta.

— Café? — perguntou meu amigo.

— Passamos por um cartaz escrito **CAFÉ**.

— Tem desses em todo lugar.

— Mas esse tinha uns oito metros, estava escrito só **CAFÉ**, e estava voltado para o céu — protestei.

— É para evitar as bombas — ele disse, após um bocejo.

— É que nem o símbolo da Cruz Vermelha. Afinal, ninguém jogaria uma bomba numa cafeteria. Estou errado?

— Não está — eu disse.

Em uma cidadezinha antiga que fica ao longo de uma rodovia nacional ao norte, há uma cafeteria com um imenso cartaz. Hoje, como sempre, as pessoas vão até lá para tomar café. Ali encontra-se a paz que é característica da bebida, e além disso o café também é quentinho e uma delícia.

— Café — Lá no céu, um jovem oficial de bombardeio lia em voz alta.

— Café? — perguntou o piloto.

— Estou vendo um cartaz escrito *café*.

Se fosse uma tarde coberta de neve em fevereiro, aquela sem dúvidas seria uma fantástica vista.

## コーヒー・カップ | *coffee cup* | xícara de café

Talvez o período de tempo mais doloroso na vida seja a hora logo depois de você acomodar uma moça no táxi que a levará de volta para casa.

Ainda resta um pouco do calor dela na cama, e na mesa ficou a xícara de café pela metade — é aquele sentimento. É um espaço de uma hora, que lembra a sensação de sentar-se no fundo de um tanque em um aquário, do qual foi extraída toda a água. Mesmo que você vá ler um livro, ou ouvir um disco, nada permanece na sua mente. Nem chega até lá, na verdade.

Mas sinto um pouco de fome. Como então, a soja fermentada junto com o arroz. Quebro também um ovo. Sobrou uma ponta de nabo, então posso até preparar missô. Já que estou aqui mesmo, acho que gostaria também de alguns peixinhos secos. Também não seria bom esquecer os picles de vegetais. E parando para pensar, também sobraram algumas algas, dos presentes que ganhei do festival de Obon.

Quando termino de comer tudo isso, aquele sentimento de *ennui* já se foi completamente. É mesmo peculiar.

## コカコーラ | *coca cola*

Quando se trata da *peessoa* responsável pela invenção da Coca-Cola, não temos escolha senão acreditar no que afirma a Coca-Cola Company; porém, se estamos falando do *animal* que inventou a Coca-Cola, neste caso minha pesquisa é, sem dúvidas, a mais avançada do campo.

As selvas do interior da ilha de Bornéu são — como os leitores devem estar familiarizados — famosas pela presença da “árvore de Coca-Cola”.

A derrubada dessas “árvores de líquido” — que são vistas internacionalmente como peculiaridades — é considerada um tabu pelos nativos da região, e não é praticada desde os tempos pré-históricos.

Mais adiante, nas profundezas das selvas, há uma colina rochosa onde é possível colher as “rolhas de Coca-Cola” — custa-me mencionar para leitores instruídos algo que é de conhecimento geral.

As “rolhas de Coca-Cola” podem ser coletadas por meio da mineração a céu aberto ou nas banheiras termais ao ar livre. Mas — devido ao fato de que os marinheiros espanhóis tinham o hábito de defecar nas proximidades no começo do século 16 — a população local parou de se aproximar da área, por ser considerada “suja”. Na realidade, a área ao redor dessa colina rochosa é considerada inadequada para o turismo, devido ao seu odor de azeite de oliva podre.

Ao norte dessas colinas, há cachoeiras em cujos lagos há conjuntos formados de uma dúzia de “garrafas de Coca-Cola” ali enfileiradas; porém, devido a este milagre da natureza ter se tornado objeto de adoração por parte dos nativos, não se pode tocá-los, nem movê-los de lugar. Diz-se que, durante a Segunda Guerra, alguns soldados japoneses se refugiaram na

ilha e partiram com um único frasco para “polir arroz”, mas de acordo com um ancião local: “Isso aí não é verdade não. O número delas está certinho.” Esta notícia foi relatada em jornais como o *Tópicos do Exterior*, portanto, aqueles capazes de ler jornais já devem estar cientes desta informação; mas tomei a liberdade de mencioná-la aqui.

Agora, como é que o animal que inventou a Coca-Cola — o “macaco da Coca-Cola” — realizou a grande façanha de extrair Coca-Cola da “árvore da Coca-Cola”?

As pesquisas até o presente teorizam que os “macacos da Coca-Cola” extraem a Coca-Cola da “árvore de Coca-Cola”, inserem-na dentro da garrafa de Coca-Cola e fecham-nas com as “rolhas de Coca-Cola”, mas os estudos estão estagnados nesta etapa. Os outros animais que habitam a região — como os orangotangos, os elefantes africanos, os *Ultraman Tarôs*<sup>12</sup>, as vespas de papel, e as criaturas parecidas com pandas e besouros-japoneses — comentaram apenas que não sabem, enquanto os “macacos da Coca-Cola” apenas riram sugestivamente quando os pesquisadores apontaram o microfone em sua direção:

— Nós não vamos dizer nada, *he, he, he*.

Não importa qual seja a série de tevê — em geral, quem dá risadas assim são sempre os vilões. Por isso, ficou decidido por unanimidade, mesmo na conferência internacional, que “com base em nossa intuição adquirida ao longo dos anos, esses macacos são suspeitos.”

---

<sup>12</sup> Personagem principal de programa de televisão homônimo dos anos 70 produzido no Japão, parte da série de ficção científica *Ultraman*.

Porém, quando essa hipótese é analisada à luz dos estudos feitos até agora, ela no máximo alcança o nível de um “bom, pensando bem... até que faz algum sentido.”

Leitores sensatos entenderão, é claro, que uma pesquisa assim, tão pouco confiável, jamais poderia ser incluída em livros didáticos.

①

## コンドル | condor

— No dia 26 de julho, você não deve colocar nem um pé fora de casa. — disse a vidente.

— E uma mão? — perguntei, aflito.

— Mão?

— Se eu não esticar a mão para fora de casa, não posso pegar o jornal.

— A mão não importa. Desde que não ponha um pé.

— Se eu colocar... o que vai acontecer?

— Algo inimaginável acontecerá.

— Algo inimaginável?

— Isso mesmo.

— Por exemplo, posso ser mordido por um tamanduá gigante?

— Isso não acontecerá.

— Por quê?

— Porque agora você já imaginou isso acontecendo.

Entendo.

Não é que eu particularmente acreditasse em divinação, mas no dia 26 de julho, me tranquei em casa, e ouvi todos os meus discos do The Doors enquanto bebia as latas de cerveja da minha geladeira, uma atrás da outra. Daí, tentei imaginar tantos desastres inimagináveis quanto possível. Enquanto eu pudesse imaginá-los, o número de desastres inimagináveis que poderiam acontecer comigo continuaria a diminuir.

Mas pensando bem, é algo sem sentido de se fazer. Não importa o quanto diminua o número de desastres, certamente sobraria algum “desastre inimaginável” ao final.

Ah, que seja.

No dia 26 de julho, o tempo estava ótimo. O sol brilhava sobre a terra com vigor, assando as solas dos pés em um nível até metafísico. Era possível ouvir as vozes alegres das crianças vindo da piscina do bairro.

A piscina de 25 metros, geladinha...

Não, lá deve ter uma anaconda escondida, esperando por mim, para dar o bote.

Registrei no caderno: *“anaconda.”*

Com isso, a possibilidade de uma anaconda desapareceu. O que também é um tanto triste, mas é o que é.

O relógio passou do meio-dia, as sombras alongavam-se e chegava o fim de tarde. Em cima da mesa, estavam 17 latinhas de cerveja enfileiradas, e uma pilha de 21 discos de vinil. E eu já estava de saco cheio.

Às 7:00, o telefone tocou.

— Vamos sair para beber — disse a voz de alguém.

— Não posso — respondi.

— Mas hoje é um dia especial!

— Para mim também é.

Após anotar *“intoxicação alcoólica”* no caderno, desliguei o telefone.

Às 11:15, o telefone tocou. Voz de mulher.

— Depois que nos separamos, tenho pensado só em você.

— Hum.

— E sabe, acho que finalmente entendo o que você tentou me dizer daquela vez.

— Sei.

— Pode se encontrar comigo esta noite?

Desliguei o telefone, depois de anotar no caderno: “doença venérea ou gravidez.”

Às 11:55, recebi uma ligação da vidente.

— Você não saiu de casa, saiu?

— Claro que não — respondi. — Mas gostaria que você me dissesse só uma coisa. Quando falou sobre um desastre inimaginável me acontecendo, pode me dar um exemplo do que seria?

— Por exemplo, talvez um condor.

— Um condor?

— Chegou a pensar sobre condores?

— Não — eu disse.

— Um condor poderia aparecer de repente, agarrar você pelas costas enquanto voa para o céu e largá-lo bem no meio do Oceano Pacífico.

Ah, sim. Um condor.

O relógio bateu meia-noite.

# サ

## サーファー | surfer | surfista

Ouvi dizer que as pessoas que se fazem de surfistas embora não pratiquem surfe de verdade são chamadas, com certo desprezo, de “surfistas de cidade”.

Eu tinha bastante interesse em como os tais desprezados surfistas urbanos reagiam a isso.

Quem sabe fizessem cara feia, e fossem lá pegar uma onda, dizendo:

— Se o problema é esse, é só eu ir lá, surfar e pronto.

Ou talvez pedissem desculpas, com a humildade de um motorista pego numa infração de trânsito, e parassem com a atuação.

Porém, um genuíno “surfista de cidade” surpreendeu-me com uma atitude completamente inesperada:

— É que nós somos surfistas de cidade mesmo — ele respondeu, aparentemente sem saída.

*Sem saída* talvez não seja a expressão mais certa. Alguém como ele não está tomando a ofensiva por estar sendo perseguido, afinal. Talvez *sem agitação* seja a expressão mais certa.

Como é que sei algo assim?

Lendo umas revistas voltadas para mulheres, notei que há muitos comentários femininos como “Meu tipo ideal seria mesmo alguém alegre. Talvez alguém como um daqueles surfistas de cidade.” ou “Só tenho namorado firme com

universitários; mas se for algo casual, alguém como um surfista de cidade é melhor.”

Os surfistas de cidade provavelmente são menosprezados em revistas masculinas, mas estão longe disso nas publicações para moças, nas quais são celebrados como um “tipo” preferido.

Ao sair nas ruas com isso em mente, nota-se que há muitos jovens que parecem surfistas. E cada um deles anda por aí de peito aberto, confortáveis consigo mesmos.

Os surfistas de cidade tomam a seguinte atitude, sem quaisquer reservas: “Eu gosto de coisas... *tipo* surfe.” E frente a essa ousadia, não há qualquer sentido em procurar a distinção entre o falso e o verdadeiro.

Parando para pensar, desde muito tempo atrás, crianças usam bonés com o mesmo *design* de jogadores profissionais de beisebol; empresários das companhias tal-e-tal — sem qualquer ligação com o esporte — vestem imitações dos uniformes dos atletas.

Talvez o erro tenha sido meu — eu, que acreditava que os surfistas de cidade tinham algum tipo de complexo em relação aos surfistas de verdade.

Ultimamente, parece que há pessoas que se aproximam de garotas com falas como “Quanto a mim, eu sou ativo em grupos nacionalistas”, pessoas que riem dizendo “Pessoas que realmente têm *crenças*, devem ter um parafuso solto.”

Os seres humanos realmente são animais de sabedoria...

## サドン・デス | *sudden death* | morte súbita

Depois que passei a usar óculos, várias coisas à minha volta se tornaram extremamente claras. Embora eu mesmo não tivesse notado, sem dúvidas minha visão tinha se tornado bem ruim — ao colocar os óculos e dar um giro, foi como se eu tivesse sido jogado em um mundo inteiramente novo, em uma dimensão diferente.

Algumas coisas que até então eram difíceis de distinguir tornaram-se muito vívidas; e passei a ver outras que antes eram completamente invisíveis. Falando em termos concretos, o Macaco Gigantesco se encaixa na segunda categoria.

Comecei a reparar a presença do Macaco Gigantesco nas esquinas da cidade desde que comecei a usar óculos. É algo que se tornou muito claro para mim: até então, jamais tinha posto os olhos em algo como o Macaco Gigantesco.

De acordo com o que registrei em meu diário, estive na presença do Macaco Gigantesco sete vezes ao todo, desde que comecei a usar óculos quatro meses atrás. Ou seja, 1.75 vezes por mês. Separando por dias da semana, foram duas vezes nas segundas, quintas e sextas, e uma vez na terça. Naturalmente, é possível que seja coincidência, mas pode-se conjecturar que os Macacos Gigantescos não aparecem nos fins de semana.

Há algumas peculiaridades quanto aos lugares onde os Macacos Gigantescos fazem suas aparições, até agora estão restritas ao caminho percorrido pela linha Ginza de metrô.

Para descrever com mais detalhes:

- (1) Arredores de Omotesandō (três vezes)
- (2) Arredores de Aoyama-Itchōme (duas vezes)
- (3) Toranomom (uma vez)
- (4) Kyōbashi (uma vez)

Porém, é claro que estes resultados existem sob a condição de eu realmente estar lá, por acaso, para poder vê-los — talvez apareçam também, da mesma forma, pela linha Marunouchi. Afinal, em princípio, os Macacos Gigantescos têm a liberdade de irem a Yotsuya ou ao jardim Korakuen, desde que se desloquem para plataforma oposta, em Akasaka-Mitsuke.

Sobre a quantidade dos Macacos Gigantescos, não sou capaz de oferecer uma conclusão definitiva. O fato é que pode ser que eu tenha visto o mesmo Macaco Gigantesco todas as sete vezes; e é também possível que tenham sido sete criaturas diferentes. Não importa o quão belo o mundo tenha se tornado agora para mim através dos óculos, seria praticamente impossível distinguir com exatidão as diferenças de pelagem de sete Macacos Gigantescos tão similares. Não gosto de inventar desculpas, mas sequer existe um ser humano capaz de um feito desses?

Dos sete Macacos Gigantescos, o que lembro mais nitidamente é o que vi em Kyōbashi. Ao subir as escadas da estação para as ruas, lá ele estava, na esquina da grande ótica Kimpōdō, defronte Nihonbashi. É aquela esquina pela qual se sai do prédio-matriz da Chūō Kōron para a rua principal. Segurava em sua mão peluda uma enorme chave de boca, pacientemente na espera de que alguém virasse a esquina. O macaco curvara-se, com as mãos rentes ao chão, sem mexer um músculo. Estava tão absolutamente imóvel que, não fosse o ar branco que às vezes escapava de sua boca, talvez eu o tivesse tomado por algum manequim, como aqueles de taxidermia. Porém, este Macaco Gigantesco estava devidamente vivo, e parecia prestes a nocautear e matar

alguém com a chave de boca que segurava firmemente na mão direita.

O tal alguém provavelmente nunca nem sonhara que morreria naquele momento, golpeado na cabeça. Quanto a mim, naquele dia eu tinha um compromisso importante, então não pude ficar para observar o desenrolar. Será que aquele Macaco Gigantesco foi, afinal, bem-sucedido em aplicar essa morte súbita à cabeça desse tal alguém?

Ⓜ

## サラリーマン | *salary man*<sup>13</sup> | homem assalariado

Quando se fala de um homem assalariado cujo passatempo é olhar a chuva, não há alguém que não o conheça ali na vizinhança de Marukomechō.

Nobuyuki Tomita é um japonês incomum.

Em músicas estrangeiras, frequentemente ouve-se letras como: “enquanto via a chuva, e você *isso-e-isso*” ou “a chuva desce, e eu *isto-e-aquilo*.” Talvez a chuva seja algo raro por lá, ao ponto de que os casais apaixonados tendem a parar para observá-la, sem nem notar que o estão fazendo.

Mas na vida de Nobuyuki Tomita, a chuva definitivamente não é um fenômeno raro.

Apesar disso, ele fita a chuva. Faz disso um passatempo. Vai além: anuncia às outras pessoas que é o seu passatempo observar a chuva.

Em uma tarde de quinta-feira que está ora ensolarada, ora nublada, ele escapou sorrateiramente do escritório, e foi a uma cafeteria.

— Um café. Preto.

O creme e o açúcar são servidos separadamente, então não há real necessidade de anunciar que se vai beber sem o açúcar; mas Nobuyuki Tomita, sem pensar, acaba falando.

Desde ontem, há uma nova garçõete trabalhando neste café.

---

<sup>13</sup> O *salaryman* (em japonês, pronunciado *sararīman*), aqui traduzido como “homem assalariado”, é um termo muito conectado à cultura moderna japonesa, trazendo à mente o assalariado japonês comum, de terno e gravata, que trabalha longas horas em uma companhia.

— Eu gosto é de observar a chuva. — disse suavemente Nobuyuki Tomita à recém-chegada, que vinha trazendo o café.

— Ah, desculpe. Não era café? — A garçonete não ouvira bem o que Nobuyuki Tomita tinha dito, então assumiu que tinha feito algo de errado.

— Não, é sobre a chuva.

— Ah, a chuva? Desculpe.

Nobuyuki Tomita levantou os cantos dos lábios, com um sorriso satisfeito, e balançou a cabeça.

— É gostoso, não é? O café daqui.

— Ah... sim.

O funcionário no balcão — que já trabalhava ali há muito tempo — chamou a garçonete com um gesto.

— Aquele cliente ali é meio estranho. Não precisa lidar com ele.

O homem mais velho serviu para si um pouco do café recém-preparado que ainda restava no sifão, bebendo-o de uma xícara que retirara da água.

A garçonete nova abandonou o emprego no café uma semana depois, mas contava a todos em seu trabalho seguinte — em um salão de beleza — sobre o homem chamado Nobuyuki Tomita, que anunciava seu gosto pela chuva sempre que ia tomar um café.

— Que estranho, hein — diziam seus colegas de trabalho, sem demonstrar lá muito interesse. Mas uma das clientes, cuja cabeça estava envolta pelo secador profissional, abriu a boca:

— Com o barulho do secador não pude ouvir direito, mas eu conheço esse sujeito também. Não é Yoshikawa o nome dele? Ele frequentava um café onde eu trabalhava, em Hamamatsu.

— Sim. Mas não, ele disse que se chamava Tomita.

Por sinal, Akira Yokota é um japonês assalariado incomum cujo *hobby* é observar a chuva, e não há cidadão da cidade de Heiwa, em Aichi, que não saiba desse fato.

Mudando de assunto, Keiichi Ogata é um homem assalariado que passa o tempo livre vendo a chuva, como é do conhecimento pelos que moram em Oimatsu.

O tempo nesta tarde também oscila entre ensolarado e nublado.

Parece que há alguns, ou vários, homens assalariados cujo passatempo é observar a chuva — seres raros mesmo no Japão, todos sentando-se em alguma cafeteria, tomando um cafezinho preto.

シ

シーズン | *season* | estação

Quando pessoas que não conhecem muito de propaganda resolvem de fato criar um anúncio, certos padrões emergem.

O mais típico deles é a pergunta “*Que tal (...)?*”

Sem dúvidas, o criador do anúncio faz isso sem perceber, partindo do seguinte ponto de vista: o de que seria arrogante virar para alguém que nunca fez uma determinada coisa, e ordenar: “Faça *isto!*” Mas se pedir “faça *isto*, por favor” — é como se estivesse pedindo que o cliente tire vantagem. Daí, para poder expressar ao público que ao fazer o que o anúncio sugere estarão agindo em seu próprio interesse... nada é melhor que o preciso “*Que tal?*”

Na vitrine de um salão de cabeleireiro ou de uma barbearia, muitas vezes há um pôster onde está escrito à mão algum *slogan* como “*Que tal* fazer uma permanente a ferro AGORA, você também?” ou “Ei, moça elegante! *Que tal* uma permanente?”

Os especialistas mais acanhados exageram — dizendo que o olhar dos amadores tornou-se mais afiado, ultimamente. Mas, no fim das contas, amadores são amadores. E quando é hora de escreverem um *slogan* por si mesmos, caem imediatamente ao nível de “*Que tal...?*” — portanto, não acho que haja necessidade de se preocupar com esse tal “olhar” dos amadores.

Um slogan clássico equiparável a “*Que tal...?*” é “*Nesse verão...!*”

“*Nesse verão, é enguia!*” “*Nesse verão, é arroz!*” “*Nesse verão, é chinelo!*” “*Nesse verão, é yukata*<sup>14</sup>!” “*Nesse verão, é chá!*” “*Nesse verão, é carne!*” “*Nesse verão, é leitura!*” Já vi até mesmo a obra-prima: “*Nesse verão, é táxi!*”

Não há necessidade de enfatizar “*nesse verão*” sobre artigos que já são comuns no verão, como *yukata* ou chinelo — e acho que “*neste verão*” ainda seria mais próximo do aceitável. Talvez estivessem distraídos pela enguia e pela carne.

Fundamentalmente, negócios e produtos que entram em baixa temporada quando chega o verão adoram esse tal “*Nesse verão!*”

Se tudo der certo, os fregueses que ouvirem “*Nesse verão!*” talvez pensem: “Ah, é mesmo. Não costumo ver essas coisas no verão...” Porém, se não tiver sorte, há a possibilidade de que o freguês se irrite, achando que é piada de mal gosto.

Os *copywriters* da cidade — que tão inadvertidamente escrevem “*nesse verão!*” — devem realmente acreditar na eficácia das palavras.

Quem sabe são do tipo que entra pingando de suor em uma cafeteria, e enquanto tomam um café gelado, resolvem dar em cima de uma garota com a fala: “*Nesse verão, é Yumiko!*”

Enquanto isso, a tal Yumiko diz:

— Está quente hoje, então faz o favor de não sentar do meu lado, tá? — *Puf*, aí é que sentem na própria pele a verdadeira impotência das palavras.

---

<sup>14</sup> *Yukata* é um quimono simples e de tecido leve, usado tradicionalmente no verão, geralmente em festivais ou ocasiões informais.

Para colocar sal na ferida, o Motoharu (ah, perdão, acabei nomeando o sujeito, sem querer) diz:

– Mas... nesse verão! Que tal uma escapada comigo, Yumiko?!

Impossível! Francamente, é impossível.

①

## シーズン・オフ | *season off* | baixa estação

Estávamos hospedados em um hotel resort durante a baixa estação. Era a pior época do ano: a neve nas ruas tinha começado a derreter, e tudo se transformara em lama.

Não vimos nenhum hóspede — além de nós mesmos — no espaçoso salão de jantar. De fato, não havia mais uma única pessoa se hospedando no hotel. Havia três garçons, e cada um nos dava as costas alternadamente, para deixar escapar um bocejo. A metade esquerda do salão de jantar estava completamente às escuras; a eletricidade fora desligada. Desfrutamos, em meio a isso, um jantar de robalo. A sensação era exatamente a de que o fim do mundo estava próximo.

— ...E foi isso — eu disse à minha namorada, por sobre a mesa, enquanto tirava um pedaço de um pãozinho. — O que acha?

Ela me encarou por uns dez segundos, em silêncio.

— Desculpe. É que eu estava pensando em outra coisa.

Bom, que seja. Enfiei na boca um pedaço do pão, cujo gosto lembrava muito um contador público pouco amigável.

Não há nenhum lugar tão maravilhoso quanto um hotel resort em época de baixa estação. Quando se está lá, é exatamente como se você comprasse — no crédito — a estação baixa do ano seguinte.

## シェービング・クリーム | *shaving cream* | creme de barbear

Há algo peculiar sobre o creme de barbear — lembra um príncipe escocês. Por algum motivo ou outro, ele está fingindo ser um creme de barbear. Acredito que tem algo a ver com a sucessão ao trono ou algo assim. Às vezes, quando toco um disco de alaúde do Julian Bream, ele faz comentários como: “Ah, você é bom nisso, hein. Pode aumentar um pouco o volume?”

Meu palpite é que a sucessão ao trono escocês é tão complicada de entender, que ele deve ter se cansado.

Assim, eu e o príncipe escocês — que finge ser um creme de barbear — estamos compartilhando entre nós uma moça. Nas segundas, quartas e sextas, ele dorme com ela, na cama; e eu durmo com um cobertor, na cozinha. Nas terças, quintas e sábados, é o contrário. Daí nos domingos, ela volta à casa de sua família, em Yokohama; eu e o príncipe escocês, que finge ser um creme de barbear, passamos uma noite a dois, jogando baralho. Por volta do amanhecer, vou dormir — com a barba feita.

## シゲサト・イトイ | *shigesato itoi*

Para ser sincero, só me encontrei com o Sr. Itoi algumas vezes, e realmente não conheço fatos detalhados sobre ele. Devido à natureza do meu trabalho, passo muito tempo sozinho, e além disso tenho uma tendência à timidez, então não me encontro com pessoas em geral — não só o Sr. Itoi — com frequência. Por isso, não sei fatos detalhados sobre as pessoas, em geral. Mas muitas vezes, quando estou folheando à toa alguma revista, vejo de passagem o rosto ou os textos do Sr. Itoi, então é como se eu o encontrasse de forma constante.

Sempre fui fã de sua prosa, e desde a época em que *Chūsan Kaikyū no Tomo* era serializado na revista *Takarajima*<sup>15</sup>, quase dez anos atrás, leio e gosto de seus textos. Assim, pessoalmente, não me incomoda em nada que meus encontros com o Sr. Itoi tenham como intermediária a palavra escrita.

No mundo afora, há muitas situações em que um sujeito é boa pessoa, mas sua escrita é péssima; ou ele é detestável como pessoa, mas escreve muito bem. A prosa do Sr. Itoi é incrivelmente peculiar neste aspecto; algo nela não permite facilmente essa reviravolta de “..., mas...”. É algo que o distingue bastante, em tonalidade, do estilo dos autores de romances.

Farei uma comparação com vendedores ambulantes, como os que trabalham em festivais (uma estranha

---

<sup>15</sup> *Takarajima* era uma revista *underground* e de subcultura, iniciada nos anos 70. Em uma entrevista com a revista BRUTUS, Murakami coloca a coletânea da coluna *Chūsan Kaikyū no Tomo*, publicada originalmente na *Takarajima*, como a 37ª dos 50 livros dos quais “não consegue se desfazer”, e menciona ter sido ali que leu Shigesato Itoi (dentre outros escritores) pela primeira vez.

comparação, mas...). Mesmo quando um romancista diz “por hoje é só” e fecha seu “estande”, algo tende a ficar para trás; um calor corporal, ou uma sombra. Por outro lado, quando a prosa do Sr. Itoi nos diz que “por hoje é só” — ela realmente para por ali. Nada resta, além do espaço vazio que já existia ali no começo. É uma perfeita opcionalidade dupla — existir ou não-existir — e nesse sentido, acredito que o Sr. Itoi é um gênio da conversão temporal em festivais. O espaço vazio normal do cotidiano, que deveria estar ali logo antes, repentinamente transformou-se 100% no espaço vazio de um festival — ou o contrário.



## シティ・ボーイ | *city boy* | garoto de cidade

Pessoas que sabem como mascarar o cheiro de suor com colônia. 80% dessas pessoas não carregam um lenço de bolso.

Pessoas que conhecem muito bem as vielas e as rotas de fuga da cidade. Por alguma razão, não conhecem muito bem a geografia da área de Marunouchi.

Pessoas cuja especialidade é seduzir as garotas que não são *city girls*. A razão, não sei bem.

## シャワー | *shower* | ducha

O fato é que só a ducha não é suficiente.

Para começar, a ducha não esquentava o corpo. Além disso, a temperatura da água não é estável. E também não dá para se esticar. Se as ligações metálicas que servem para fixar o chuveiro não estiverem em boas condições, a água da ducha não chega aonde o chuveiro está mirando. Está sempre fazendo *chuuáááá*, o que é irritante. Quando você usa o tempo na banheira para fazer outras coisas que normalmente não faria ali, é como se você estivesse fazendo um bom uso do seu tempo e saindo no lucro; mas se você deixa o chuveiro ligado para ir fazer alguma outra coisa, é apenas desperdício.

Duchas não têm excelência alguma.

Fico irritado quando me hospedo em hotéis no exterior e nos quartos só há duchas, sem banheiras. Sinto vontade de explicar a situação para eles: “Eu quero me *esquentar!*” É bem possível que apenas riam da minha cara se eu pedir por uma banheira porque “quando faço outras coisas enquanto na banheira, é como se eu estivesse fazendo um bom uso do meu tempo” — então não tenho intenção de dizer esse tipo de coisa. Não, não é isso. Também não tenho muita intenção de fazer esse tipo de coisa. Quero me esquentar, quero deixar o corpo amolecer na água, quero realmente me livrar da sujeira. Gostaria que compreendessem essa parte do espírito japonês também no exterior.

Mas, pensando bem, tem um caso que me irrita mais ainda.

É quando há uma banheira — devidamente abastecida com água quente — mas não há chuveiro acoplado.

Não há nem uma área para lavar o corpo, tampouco um caldeirão para a água do enxágue. É um sistema de total e completa desordem, em que te mandam usar o sabonete ali, se lavar de qualquer jeito e cair fora.

As pessoas nesses países estão contentes em usar esses banheiros miseráveis?

Como superei essas condições inferiores de banho? Quero que saibam como. Para a primeira situação: sem usar o sabonete, submerjo o corpo na água enquanto imóvel, e depois saio. No segundo caso: coloco água quente em um copo no lavabo, e daí molho o corpo.

Nos últimos anos, tenho usado principalmente a segunda estratégia.

ジャングル・ブック | *jungle book* | livro da selva

— E dá para encher a barriga com algo como amor? —  
disse o macaco-aranha.



## ショート・ストップ | *short stop* | interbase

— Um shortstop consegue marcar pontos? — perguntou certo amigo meu (mais velho).

— De certo modo sim, mas é mais uma posição na qual você evita que os outros façam pontos.

— Ah, então é *out*?

— Não, às vezes é considerado *safe*.

— *Shortstop* e *shortground* são a mesma coisa?

— Mais ou menos. Bom, os dois tem a ver com “*short*”, mas...

Este meu interrogador tem guardado muitas perguntas brilhantes até este momento.

— O pessoal que fica na área de aquecimento é forte?

— O Reinbach<sup>16</sup> cruzou a linha ou não?

Aqueles que estão próximos a seres humanos assim querem que eles continuem dessa mesma maneira para sempre — e assim, dão respostas ambíguas, a fim de que as outras pessoas permaneçam em um estado eterno de ignorância do que está acontecendo.

E, às vezes, chegam até a sussurrar no ouvido delas algo como:

— Olha aí, acabaram de dar o sinal para um *home run*. Vai ficar tudo bem.

①

---

<sup>16</sup> Mike Reinbach, jogador profissional de beisebol.

## ジンクス | *jinx* | azar

O fato de um gato preto cruzar o meu caminho não é nada demais para mim. Afinal, sou dono de um gato preto.

No entanto, nos dias em que perco o prêmio Nobel, algo ruim costuma acontecer. No ano passado, a moeda de dez ienes com a qual paguei o telefone público não foi estornada, embora a ligação tenha desconectado bem no meio da minha conversa.

Mesmo no dia em que tive um acidente de trânsito e perdi uma das pernas... bom, esse tipo de coisa não acontece sozinha: acabei deixando cair também a salsicha do meu cachorro-quente, inteira, de uma vez só.

Dias de chuva também, não há nada bom. Acabo tendo que molhar o guarda-chuva que acabei de comprar.

O dia em que um ladrão invadiu minha casa no meio da noite foi um de grande azar: esqueci de botar o lixo para fora logo antes.

Quando entrei na sala de aula e só havia estudantes lindas sentadas na frente, tinha que ser azar. Fiquei tão feliz que acabei urinando nas calças.

Mas o pior dia mesmo é aquele em que eu morri. A última vez que aconteceu comigo, foi logo no dia em que começaram a vender os bilhetes de loteria.

# ス

スクイズ | *squeeze*<sup>17</sup>

— Entre a terceira base e a *home base*...  
contava, após a partida, o jogador Osugi<sup>18</sup>.  
— ...havia algo como o Trópico de Câncer,  
E aquilo,  
parou o meu pé.

2/9/1981

\* Parte da *Antologia Especial dos Yakult Swallows*.

Ⓜ

---

<sup>17</sup> *Squeeze* é um termo de beisebol.

<sup>18</sup> Provável referência ao jogador Katsuo Osugi, que jogou para os Tokyo Yakult Swallows.

## スーパーマン | *superman* | super-homem

Para perseguir um vilão que escapara para o meio do oceano, o Super Giant fez uma incrível demonstração de nado de peito.

Eu — que era uma criança na época — não dava muita bola para nado de peito.

Havia mais um defeito no Super Giant. A área de sua virilha parecia muito vultosa, muito inchada. Ainda criança, perguntava-me se ele não ficava com vergonha, aparecendo com toda aquela protuberância.

O Shōnen Jetto, a fim de resolver sobre algum caso na prefeitura de Aoyama, desligava o telefone e imediatamente montava em sua scooter — a qual tinha velocidade supersônica — e partia a toda velocidade. Seu cachorro, Shen, seguia atrás dele — correndo com as próprias patas.

Eu — ainda criança — pensava: “Como é que você pode dizer: ‘Vamos lá, Shen!’?”

Não me vem à mente nada em particular que o Nanairo Kamen fizesse de errado; mas sua cabeça era semelhante demais ao formato de um nabo. Eu — ainda criança — pensava que qualquer coisa ficaria melhor se não lhe fossem adicionados nabos.

National Kid<sup>19</sup> usava demais os eletrodomésticos da companhia National Electronics. Eu, ainda criança, achava isso decepcionante.

Dizem que *Superman* era um dos programas de TV favoritos de Sua Majestade, o Imperador. Ao saber disso, eu — quando criança — julgava o Superman um desleixado: sempre numa contínua enrolação, fazendo as mesmas coisas de sempre, sem se importar que até o próprio Imperador o estivesse assistindo.

Não penso mais nessas coisas — afinal, já sou adulto.

①

---

<sup>19</sup> *Super Giant*, *National Kid* e *Nanairo Kamen* são heróis de *tokusatsu* (um termo japonês para séries ou filmes com forte uso de efeitos especiais, ao estilo de *Kamen Rider* e *Ultraman*). Shōnen Jetto é o protagonista de um mangá homônimo, eventualmente adaptado para uma série de tevê.

スター・ウォーズ | *star wars*

Há muito tempo,  
Em uma galáxia muito, muito distante...  
Venciam os Yakult Swallows...?

24/03/1986

\* Parte da *Antologia Especial Yakult Swallows*.

Ⓜ

## ステレオタイプ | *stereotype* | estereótipo

— Então, como eu ia dizendo... — Dizia essa jovem. — De qualquer forma, ele era uma pessoa *incrivelmente* genial, mas também *incrivelmente* estranha.

— Entendo.

— Frequentou o curso de pinturas a óleo da Universidade de Artes de Tóquio por cerca de um semestre, mas não queria saber do tipo de pinturas que ensinavam lá, então trancou a faculdade e foi trabalhar como marinheiro, em um navio cargueiro. *Não tinha um centavo.*

— Oh...

— Mas quando o navio chegou ao Egito, de repente ficou com febre, e o fizeram desembarcar. Daí passou três meses em um hospital em Alexandria, mas nesse meio-tempo o navio já tinha zarpado de volta para o Japão.

— Que problema!

— Não teve jeito... assim, ele se instalou ali em Alexandria, e começou a recitar canções em um clube noturno, para ganhar a vida. Ele canta *incrivelmente* bem, afinal. Vale a pena ouvir uma música dele, nem que seja só uma vez na vida.

— Ele tem talento mesmo, então.

— Enquanto ele estava por ali, um italiano muito rico ouviu sua música e, *muito* emocionado, disse que tinha um iate no qual passeava pelo Mar Mediterrâneo, e perguntou se ele não tinha interesse em trabalhar lá, como tripulante e cantor.

— Parece uma bela oferta.

— Mas *na verdade* não era isso; ele descobriu que aquele italiano era um contrabandista, e homossexual. Ele sabia que tinha que escapar o mais rápido possível, mas quando ele chegou a descobrir a verdade, *já estava a uns dez quilômetros do litoral de Beirute...*

- Certamente era o fim dele.
- Mas ele era bom de nado e, com apenas o passaporte e a carteira amarrados à cintura, nadou dez quilômetros, *no mar à noite*, até a costa.
- Que problemão.
- Em Beirute, ele juntou dinheiro trabalhando nos portos e, de trem em trem, foi do Irã até a Índia. Durante o caminho, *quase morreu* de uma diarreia terrível, e também foi atacado por bandidos nas montanhas.
- Deve ter sido casca-grossa.
- No fim, levou dois meses para que ele conseguisse chegar à Índia. Mas ele mudou ao ir à Índia. Ele mesmo diz que, sem a Índia, ele não existiria. Foi uma experiência importante a esse ponto.
- Incrível.
- Ele morou na Índia por quatro anos. Depois, voltou ao Japão. Mas não conseguiu se adaptar, e o Japão não o aceitou também. Os círculos de artistas no Japão são bem autoritários, e não reconhecem nada que esteja além do que é aceitável para eles. Por isso ou aquilo, ele acabou perdendo o gosto pela cena artística principal, e foi viver nas montanhas. Isso já faz doze anos.
- Muito tempo.
- Hoje, enquanto trabalha com a mulher nos campos, ele pinta quando e como bem quer. Vem a Tóquio só umas duas ou três vezes por ano. Então, não é muito conhecido. Embora seja incrivelmente genial.
- Hã... se você for à casa desse sujeito, consegue uns tomates muito frescos?
- Sim, incrivelmente deliciosos.
- É um sujeito que toma o saquê da região servido frio, e canta umas músicas obscenas quando fica animado?

- Mas como você sabe?
- Tive essa impressão, de alguma maneira.
- Hum.

Ⓜ

## ストレート | *straight* | sequência

Jogar baralho contra tartarugas-marinhas não é uma experiência que faz o coração dançar de animação. Isto porque tentar adivinhar as cartas que elas estão segurando ou o que estão pensando é tão simples quanto tentar adivinhar quantos corvos estão fazendo descansando sobre a neve. Jogar noite após noite com esse tipo de adversário não é nada interessante.

Por exemplo, durante o jogo de pôquer — quando a tartaruga-marinha de repente baixa suas cartas sobre a mesa, desce da cadeira e dá duas voltas com a carapaça contra o chão, e volta à mesa após respirar fundo, isto quer dizer que ele conseguiu dois pares. Basicamente, a tartaruga-marinha faz isto *toda vez* que completa dois pares.

Às vezes a tartaruga-marinha vai até a cozinha, abre a torneira, e após cuspir nas duas mãos e lavá-las, fazendo também um gargarejo antes de voltar. Quando isso acontece, é sinal de que ele tem uma trinca. Apesar disso, a própria tartaruga não tem qualquer consciência do que está fazendo.

Então, obviamente, eu ganho todas as partidas. E toda vez, ele inclina de leve a cabeça para o lado:

— É como se você pudesse ler meus pensamentos. — diz a tartaruga-marinha.

— Não é bem esse o caso. Mas você tem alguns hábitos sutis, aqui e ali. — eu digo. — Alguns comportamentos involuntários, por assim dizer.

— Oh, eu não tinha notado. Hábitos, é mesmo, quem diria? Você é meio como um psicólogo, hein.

— Ah, bom... — respondo, com um sorriso sem-graça.

A tartaruga-marinha arrancou uma folha do bloco que está em cima da mesa e no presente momento, com as narinas infladas, corta-a em formato de lua crescente, com uma tesoura. Ao que tudo indica, ele conseguiu formar uma sequência de naipes.

Ⓜ

スペシャル・イシュー | *special issue* | edição

especial

A edição especial da revista — contando com 24 e 32 páginas de, respectivamente, fotografuras e tipografia — tinha como título: *O Último dos Bonecos de Neve*.

Logo na capa estava o rosto sorridente de um velho boneco de neve, que passara dos cem anos de idade e falecera no fim do ano anterior. Para os seres humanos — seres de temperatura corporal amena, cuja atenção está voltada apenas em ganhar o pão de cada dia — é impossível compreender a força de vontade necessária para não derreter, por mais de cem anos.

Os olhos de carvão reluzem com uma escuridão profunda e transparente, a apenas um passo mais perto do alvo final do carbono — o diamante. Nessa foto está impresso num fundo branco, em inglês, as palavras *SEE YOU AGAIN* — porém, parece que foi traduzido como uma tradução liberal de *descanse em paz*, em japonês. Difícil chamar a isso uma tradução ideal.

Nas fotografuras coloridas que introduzem o volume, são apresentados o patrimônio cultural dos bonecos de neve, fotos de seu cotidiano, a arte popular por eles produzida, e as roupas que costumam vestir. Dentre todas as fotos, aquela em que os pequenos bonecos de neve, de expressão angelical, estão no meio de um campo de tulipas em plena floração enquanto cantam a canção folclórica dos bonecos de neve, *Rick'n'Dunkle Chip* — provavelmente tocaria o coração até dos seres humanos que os perseguiram.

As páginas seguintes, com fotografias em preto-e-branco, não são de muito bom gosto. Crimes e

incidentes bizarros causados por bonecos de neve são contados em um texto de tom fortemente sarcástico, acompanhados por fotografias granuladas. Além disso, há uma página de “dados médicos”, com ilustrações detalhadas de desenhos anatômicos dos bonecos de neve. Parece que houve um debate bastante acalorado quanto a políticas editoriais nessa área. Em especial, apenas espero que o expressar de algumas coisas — como certas posições — de forma muito sugestiva, tal qual o título hipócrita “*Todo o Amor*” indica, não ponha em risco o relacionamento amigável entre os bonecos de neve e os seres humanos.

Nas discussões das páginas de texto, há muitas coisas dignas de nota.

Acredito que um vislumbre do futuro dos bonecos de neve e dos seres humanos encontra-se na interseção entre as perspectivas dos artigos *Música de Gamelão de Neve na Era Dinástica Média* (por Inazō Hayakawa) e *Tanto Oeste Quanto Leste* (Zekō Matsumoto). Evitarei conclusões precipitadas, mas também o chocante relatório do ponto de vista de um cientista descrito em *O Festival da Quinta Era do Gelo e o Gene Humano* (Isamu Kanda) certamente causará polêmica por um tempo. Porém, o uso do ritmo *dodoitsu*, estilo poético regular que o autor descreve como tendo uma “tendência voltada para o passado”, pode acabar tendo o efeito oposto.

Em seu posfácio editorial, o Sr. Sono (pseudônimo) escreve: “O amor frio é uma forma profundamente avançada do amor quente. É possível que os seres humanos — que aquecem seus sentimentos até que estes evaporem em direção aos céus — sejam, de fato, eternamente incapazes de compreender os bonecos de neve, que buscam atingir a eternidade devolvendo esse amor ao ponto zero.”



## セ

### セーター | *sweater* | suéter

É raro conseguir testemunhar a migração de suéteres.

Certa vez, por acaso, tive essa oportunidade. Era uma noite de inverno; a paisagem era bela e quente.

Eu e meu amor transávamos e comíamos batatas *chips* em uma quitinete em Higashi-Kōenji.

Na época, eu tinha 19 anos — e para um rapaz de 19 anos, mesmo que se trate de uma moça que você conheceu naquele mesmo dia, após se passar meia noite juntos, ela se torna “meu amor”.

Eu e meu amor — com a intenção de tornarmo-nos o “meu amor” um do outro — embarcamos juntos no metrô. Devia ser por volta das nove da noite.

O suco de limão, o gelo e o gim foram retirados de uma sacola de papel. Dois copos de vidro turvos foram preparados.

Abrimos a torneira, e um som estridente como um grito ecoou pelo apartamento silencioso. Bebemos nossa gim-tônica, como se fôssemos parte de um ritual.

Ligando a TV, que estava toda pintada de vermelho exceto pelos tubos de raios catódicos e, usando a tela fluorescente como fonte de luz, nos encostamos na janela.

O estudante que morava no apartamento ao lado estava usando o suprimento de água. Um som de rangido encheu o quarto.

Deixamos para depois a hora de nos tornarmos amantes, e ficamos sendo amigos por mais um tempo.

Logo, a tela da televisão ficou cinza e apenas um som de zumbido começou a tocar.

Meu amor e eu, que até então estávamos conversando enquanto nossas palavras eram refletidas através da tela, agora nos falávamos olhando um para o outro, diretamente.

Reduzi — usando os pés — apenas o volume e deixei a tela ligada, embora não mostrasse nada além de luz.

Meu amor e eu eventualmente acabamos fazendo sexo.

Quando a manhã se aproximava, abrimos as janelas, para deixar entrar a brisa do inverno.

Fui o primeiro a avistá-lo: vindo da direção de Shinjuku, uma revoada de suéteres coloridos, aproximando-se num voo que se assemelhava a uma dança.

Devido às correntes de ar e ao clima, as migrações de suéteres são vistas principalmente no inverno, tarde da noite.

— Incrível. Estamos mesmo com sorte.

Em cerca de trinta minutos, o grupo de suéteres desapareceu na direção de Ogikubo.

Meu amor e eu pensamos em contar desse fato aos nossos amigos que moravam na vizinhança; mas como a cabine telefônica estava bem longe, decidimos aproveitar o acontecimento sozinhos.

Ainda me lembro vividamente daquela cena — dos incontáveis suéteres voando em bando pelo céu noturno — embora tenha esquecido completamente o rosto do meu amor.

## ゼロックス | *zerox* | xerox

Quando o cara me mostrou uma folha, rindo enquanto contava do quão estranho era o homem que estava com a botãõ em ON enquanto falava sobre como detestava mulheres que sentavam de bunda nua no painel de vidro da xerox, sinto vergonha, porque eu tinha dito “vamos tirar xerox disto aqui” mesmo pensando que os dois eram farinha do mesmo saco, uma vez que o pecado ali não foi cometido por ser humano algum, e sim pela máquina de xerox, e além disso, se pensarmos pela lógica de que se deve odiar o pecado e não o pecador, de fato, reclamar de uma máquina é como odiar uma pessoa, então por que não deixar esses incômodos de lado e começar uma bela de uma agitação, gente?, mas logo que anunciei isso começaram as vaias, as publicações semanais correm, os bebês choram, e quando tornou-se um problemão mesmo, teria sido perfeito se meus olhos se abrissem, mas como um vilão tirou xerox do meu sonho, acabou que fui preso e condenado à morte.

ソ

## ソフトクリーム | *soft cream* | sorvete expresso

Será que ainda existem criminosos que tentam sequestrar crianças usando como isca a promessa de uma casquinha de sorvete?

Na época em que eu tinha a idade em que ser sequestrado não seria estranho, talvez esse tipo de pessoa fosse mais comum.

Aquele sorvete impaciente era nossa doce admiração.

Eu sabia que o sorvete expresso nascera por acidente, fruto de um erro de um fabricante de sorvetes, e sabia também que os cones usados como recipientes serviam para que a língua pudesse descansar da sensação gelada. Sabia também que havia três tipos — o sabor baunilha de cor branca, o chocolate de cor marrom e morango de cor vermelha, e sabia que venderiam uma mistura de até dois sabores. Tinha também consciência, lealmente, de que se começasse a lamber pelas bordas, o sorvete logo começaria a derreter e sujar as mãos ou cair na calçada; devia, portanto, me apressar na parte mais elevada e parecida com uma torre.

O sabor, por outro lado, era sempre uma incógnita.

A língua registra para sempre um sabor que julga ruim, mas esquece-se surpreendentemente rápido dos sabores bons.

Eu sempre esquecia o sabor delicioso do sorvete expresso enquanto comia saudosamente o fundo da crocante e profunda casquinha, com aquele padrão de malha.

Se pudesse comê-lo por três dias seguidos, ou até mesmo de dois em dois dias, o deleite do sorvete expresso teria sido meu, para sempre.

Mas uma história dessas, boa demais para ser verdadeira, parecia-se demais com um sonho. Assim, eu e meus amigos discutíamos, entre nós, nossos conhecimentos sobre o sorvete expresso, tão incompreensivelmente delicioso.

## ソフトボール | *softball* | softebol

De acordo com pesquisas, o progresso de uma civilização é diretamente proporcional ao número de entusiastas de softebol em relação à população total.

Porém, no panorama atual em que os próprios conceitos de civilização e progresso andam sendo questionados, é inevitável que alguns países sejam atacados pela opinião pública internacional quando este estudo for publicado.

Pode-se conjecturar também que essa publicação fará com que as operações básicas do softebol, puras e inocentes — como arremessar, bater, correr e capturar — atraiam uma suspeita geral, de serem atos impuros e indecorosos.

Uma donzela gira os braços, lança a bola. A jovem garota segura o bastão, bate a bola. Os funcionários de uma empresa perseguem a bola voadora, durante o horário de almoço. Os alunos da escola primária chutam e correm da base... É possível que a época em que estes atos sejam negados e proibidos esteja muito próxima.

Nos países em desenvolvimento, onde uma parte muito pequena da população joga softebol, parece que qualquer um ainda pode aproveitar os jogos tranquilamente.

É quase nostálgico recordar os dias em que costumávamos nos gabar de nossa civilização em termos da quantidade de papel consumida, da taxa de sistemas de esgoto funcionais, do consumo de carne bovina, da prevalência do ar-condicionado.

Aos leitores fãs de softebol: isto não é nem um pouco culpa de vocês.

É apenas o destino. O fenômeno em si era de uma configuração trágica.

Porém, isto não significa que não há salvação. Ao que parece, uma pesquisa complementar, realizada por acadêmicos do mesmo laboratório, trouxe à tona a seguinte pergunta: “Além da proporção de entusiastas de softebol na população geral, será que não devemos considerar também, como fator, a qualidade técnica?” Se isto for verdade, é uma ótima notícia.

Senhores, vocês são capazes de fazer retroceder o progresso civilizacional — arremessando o pior que puderem, rebatendo tão mal quanto puderem, pegando a bola da pior maneira possível, correndo desajeitadamente.

Há aí duas escolhas: diminuir o número de pessoas que jogam softebol, filtrando-as através de intenso treinamento; ou garantir o declínio da técnica, ao praticar o esporte terrivelmente.

Porém, até que a pesquisa seja publicada, e até que as dúvidas acerca da civilização e do progresso sejam esclarecidas, estão livres para jogar softebol sem preocupações — então deem o seu melhor hoje, como sempre.

Assim, com este simples discurso, gostaria de concluir meu discurso de abertura do torneio nacional de softebol.

タ

ダイレクトメール | *direct mail* | spam

Temos recebido inúmeras perguntas acerca da grande invenção do Dr. Yoneda, e por isso gostaríamos de descrever alguns de seus recursos inovadores, na medida do possível.

O notável na grande invenção do Dr. Kumetarō Yoneda reside no fato de que não nasceu de um desejo pelo mérito acadêmico; tampouco foi concebida como um instrumento a ser usado na busca pelo lucro, manipulada pelo tal capital mercantil; não é, também, o fruto do conhecimento autocontido, oriundo dos sistemas fechado de pesquisa, nem se trata de uma conveniência voltada para o uso cotidiano, daquelas que agradam às massas vulgares. É algo que só pode ser descrito como uma dádiva trazida ao mundo através da revelação divina — obra de um deus detentor de grande sabedoria e magnificência.

Como é do conhecimento de todos, o doutor é um homem notável que se vangloria de sua avantajada figura de quase dois metros de altura, um robusto e vigoroso antropólogo de esponjas, alheio às panelinhas acadêmicas, aos clãs empresariais e às intrigas familiares; por outro lado, ao voltar para casa, ele leva uma vida feliz e harmoniosa, assumindo o papel de bom pai e marido.

Se respondêssemos acerca da grande invenção do doutor sem antes informá-los sobre este contexto, é possível que surgissem mal-entendidos, e por isso tomamos a liberdade de trazer essas circunstâncias à tona.

Francamente falando, o propósito de sua grande invenção não está definido, no presente momento.

O Dispositivo de Regeneração Urgente de Movimentos Intestinais, assim nomeado pelo próprio doutor, não é acompanhado por fórmulas matemáticas nem gráficos técnicos. Este fato, por si só, pode ser considerado evidência de que ele é um gênio escolhido pelos céus.

Segundo a explicação oral do doutor, sua pesquisa parte da hipótese de que, caso um ser humano A fosse repentinamente acometido de uma forte vontade de evacuar enquanto em um ponto X arbitrário, e um cão B defecasse em um ponto imaginário Y, neste caso os movimentos intestinais do ser humano A seriam atenuados — embora em grau incomensuravelmente pequena.

Deduz-se que o dispositivo em si identificaria o ponto imaginário Y e fixaria ali o cão B.

Conseqüentemente, quando este dispositivo estiver pronto, e os senhores, a bordo do trem, sentirem uma súbita necessidade de evacuar — logo que pensarem “Ah, como gostaria de fazer cocô agora!” —, serão então capazes de imaginar o cão B defecando em um ponto Y (designado como a sua própria residência). Com isso, o impulso de evacuação será reduzido. Podem estar certos de que a defecação do cão B coincidirá com a sua vontade de evacuar, dentro de uma margem de erro de 24 horas.

Bem complicado, esse panfleto de casinhas de cachorro que me mandaram.

タクシー | *taxi* | táxi

— Senhor, eu não sou *tanuki*<sup>20</sup>, não. Sem essa fumaceira de cigarro, fazendo o favor.

— Ah, desculpe. Já vou apagar. — Biii...

— A janela! Abre a janela. Não está vendo que o carro ficou cheio de fumaça? Diabo, o carro da frente ultrapassou sem dar a lanterna. — Kiiii...

— Ah, que perigo, hein.

— Que palhaçada. Eu aqui ganhando o pão de cada dia para sustentar a patroa e as crianças... — *Bi-bi!*

— Com licença, o ar-condicionado está um pouco frio...

— Você vai descer já, dá para aguentar um pouco de frio, não? Já eu dirijo o dia inteiro, e aqui fica tão quente que meu corpo não aguenta. Que tal pensar um pouco na situação dos outros também, hein? — *Bii-bii.*

— Ah, é verdade, desculpe.

— Bom, se só desculpas resolvessem, ninguém precisaria de polícia. Ah, chegamos. — *Screeeech...*

— Er, eu disse “cruzamento entre Omotesandō e Meiji-dōri.” Aqui é o cruzamento de Aoyama-dōri...

— Aqui é Omotesandō.

— Acontece que aqui é a *estação* de Omotesandō, e eu gostaria de descer na interseção entre a *rua* Omotesandō e a Meiji-dōri. — *Biiii.*

---

<sup>20</sup> *Tanuki* é o nome pelo qual é comumente conhecido o cão-guaxinim japonês; aparece muito no folclore e em provérbios japoneses. A fala seguinte provavelmente se refere ao fato de que soltar fumaça é um método popular de expulsar *tanuki* de jardins.

— Estou dizendo que aqui é Omotesandō. Existe alguma outra Omotesandō? *Hein?! — Biiii, biiii.*

— Então, é que a rua é Omotesandō, mas meu destino é onde ela cruza com a Meiji-dōri.

— Isso aí não é na frente do Santuário Meiji? Omotesandō é só essa aqui — *Biiiiin.*

— Entendo. Por favor, me leve até a frente do Santuário Meiji — *Biiiiiiiiin, bi-bi.*

— Se for abrir a janela, feche direito depois. Senão, mesmo com o ar-condicionado ligado, não vai adiantar nada.

— *Bi-bi.*

— Arrã — *Bi-bi.*

— Deu 910 ienes. — *Screeech.*

— Arrã.

— 5000 ienes?! Não tenho troco, não. Os clientes até agora só deram nota alta, então não tem como dar troco.

— Bom, então eu também não vou pagar, idiota!

— O quê? Deixe de asneira!

— Só porque eu fiquei na minha, ficou se achando, é? São só vocês mesmo que ficam bancando os grandões para cima dos clientes.

— Oooh, então vou chamar a polícia, que tal? A polícia!

— Antes disso, é bom você tirar o troco de algum lugar!

— Filho da mãe...

— Como é! — *Pow, pow, crash, crash!*

— Ai, ai! Entendi, já entendi! Não precisa pagar, não.

Pare com isso aí.

— Pago o quanto for necessário. Só me deixe te bater mais. Pode chamar a polícia, se quiser. — *POW!*

— Ah, desculpe, é sério, por favor, pare!

— Se vai arregar por tão pouco, então não se faça de forte para começo de conversa, seu palerma...!

Fico orgulhoso de ter feito algo assim — mesmo que tenha sido apenas aqui, no papel.

①

## タルカム・パウダー | *talcum powder* | pó de talco

Às vezes, sem aviso algum, tenho a sensação de que neste mundo só restamos eu, e o pó de talco.

Isso não significa que eu e talco sejamos assim tão chegados. Há dias em que não nos entendemos nem um pouco. Seja como for, entre nós existe algo que pode ser chamado de uma segunda natureza, cultivada através de todo um compartilhamento de experiências.

Em outras palavras, experiências como já termos dormido com uma mesma mulher; contraído a mesma doença venérea; ter o pênis do mesmíssimo tamanho; recebido um maldizer do mesmo crítico; reembolsados no mesmo valor pela receita, coisas desse tipo.

Seria improvabilíssimo sentir algo assim em relação aos outros: a escova de pentear, o *eau de cologne*, o xampu pós-treino físico, a pasta de dente, a toalha de banho. É algo que ocorre apenas com o talco em pó. O porquê, eu mesmo não sei.

チ

チャーリー・マヌエル | charlie manuel

*dedicado a Charlie Manuel*<sup>21</sup>

Charlie Manuel,  
como quem pega  
uma granada caída bem no meio do campo minado  
pegou uma bola em voo  
no campo da direita

28/06/1981

\* Parte da *Antologia Especial dos Yakult Swallows*.

Ⓜ

---

<sup>21</sup> Charlie Manuel é um jogador profissional de beisebol, que jogou com sucesso para clubes japoneses, incluindo o Tokyo Yakult Swallows.

## チューインガム その1 | *chewing gum part 1* | goma de mascar, parte 1

Há meninos e meninas que, carentes de bom-senso, pensam na goma de mascar como substituta para escovação dos dentes.

Certamente há lugares que são propícios para que essas ideias tolas tomem forma. Um exemplo típico: a metrópole decadente onde a maioria das pessoas ali reunidas acredita que o beijo pré-nupcial deve ser permitido — caso exista amor.

A maioria das pessoas que vivem no mundo moderno não respeita o papel que a goma de mascar desempenhou na história.

Há registros de que uma certa figura histórica, que calçava sapatos com sola de borracha, teve de parar por alguns segundos ao perceber que pisara em um resíduo de chiclete.

Não é possível que alguém com um mínimo de interesse em progredir na vida não saiba que o carpinteiro que tentou construir uma casa usando placas sólidas de goma de mascar de placa é agora o presidente da marca de chicletes Carpinteiro's.

Aquele garoto holandês que hoje aparece em livros didáticos — por enfiar o próprio dedo na ruptura de uma represa<sup>22</sup> — comentou em uma entrevista posterior ao fato, sobre a importância de mascar chiclete diariamente.

---

<sup>22</sup> Referência a uma história holandesa popularizada pelo livro *Hans Brinker and the Silver Skates*, na qual um menino passa a noite com o dedo em uma ruptura para evitar a inundação da cidade.

Os fabricantes das telhas usadas no ônibus especial viravam-se para cada azulejo, a fim de persuadi-los: “você vejam se mascam bem a goma, hein!” — mas mais tarde foram difamados, pois as perversas telhas não fizeram o que lhes foi dito.

O total de vendas de goma de mascar em todo o mundo é equivalente ao custo de locomoção de todas as toupeiras do planeta.

Puxar papo com uma mulher esnobe chamando: “Ei, gata...” enquanto se masca goma é um ato extremamente educativo para se conhecer a grandeza do mundo afora. Da mesma forma, bater de porta em porta — mastigando audivelmente a goma de mascar — para perguntar “Qual jornal vocês assinam aí?” também nos ensina que os jornais nem sempre são assinados com base no seu conteúdo.

Entretanto, o fato de que a goma de mascar não substitui escovar os dentes é algo que os pais não costumam ensinar.

## チューインガム その2 | *chewing gum part 2* | goma de mascar, parte 2

A juventude faz muitas coisas aumentarem.

Se houvesse um homem cuja única coisa que aumentasse fosse a bola de chiclete que ele masca — aí ele não seria um homem normal.

— Você sabe que *aquilo* não desceu esse mês...?

— Sei. Você contou à Momoko pelo telefone.

— O que eu devo fazer?

— O que achar melhor. Se você quiser ter, pode ter.

— Ah, isso não...

— Não é algo que eu possa decidir sozinho. Vou respeitar a sua decisão.

— Como assim, *respeitar*?

— Estou dizendo para você fazer o que achar melhor.

— Mas eu estou te perguntando exatamente porque não sei...

— Já parou para pensar um pouco?

— Sim. Pensei bastante, mas depois de pedir conselhos, já não sei mais. Não dá para confiar muito em você.

— Por quê?

— Quando você namorava com a Ikuyo, você a deixou também, não foi?

— Não fugi, não. Ikuyo me deixou porque quis. Me mandou embora.

— Então, é mentira dela?

— Isso aí.

— Vou perguntar a ela.

— Pergunte. Estou falando a verdade, então não tenho que ter medo de nada.

— Então seria melhor eu *ter* mesmo...?

— Eu já disse; faça o que achar melhor.

— Quantos filhos você tem?

— Dois.

— E como eles estão agora?

— Um é presidente de uma companhia siderúrgica, e tem dois filhos no primário, e um no fundamental. A outra foi se casar com um ciclista profissional.

Fico imaginando que destino aguarda os rapazes que passaram a juventude fazendo crescer apenas bolas de chiclete.

# テ

## ディズニー・ランド | *disney land* | disneylândia

É um erro pensar na Disneylândia como um parque de diversões.

Não é precisamente que não seja um parque de diversões; uma forma de dizer mais exata seria que é como uma feira de exposições que também preenche os requisitos necessários para ser considerada um parque de diversões.

*Fantasyland, Adventureland, Frontierland, Futureland* — todos construídos para encaixarem no modelo do “Venham para ver!”

Embora exista a diferença de que estamos olhando enquanto andando com os próprios pés, ou que estamos olhando enquanto sentados em objetos móveis, quase todas as instalações têm como objetivo encher os olhos.

Por exemplo, imagine que você comprou um tíquete para a atração *Viagem ao Fundo do Mar*. Um amador pode pensar que o objetivo é embarcar em um submarino. Porém, mesmo após a escotilha do submarino ser fechada, não é como se você estivesse submerso em meio ao oceano. São realmente só alguns metros de profundidade. A velocidade é quase igual à de um ser humano andando. Isto porque, se o submarino fosse mais rápido, não seria possível aproveitar a vista debaixo d’água. Naturalmente, é um “fundo do mar” que existe a alguns metros da superfície.

Os passageiros apenas continuam a observar com devoção, pela janela redonda, o “fundo do mar” do lado de

fora. Uma fita pré-gravada é reproduzida, com uma narração dramática dizendo coisas como: “*Uau! Um polvo gigante segurando um baú do tesouro!*” ou “*Parece que há uma sereia ali atrás das algas!*”

Após dar uma volta completa e terminar de observar os muitos truques, é o está terminado.

O sistema é idêntico a uma “casa do terror” em um parque de diversões.

Seja qual for o título da atração, o princípio é o mesmo. Consiste apenas em exibir o cenário.

É um conceito muito parecido com o dos desenhos animados da Disney.

Aquele tal Disney — tão obcecado pelo ato de “ver” e que preencheu uma área ridiculamente grande apenas com o objetivo de pôr esse “ver” à venda —, se estivesse vivo hoje, provavelmente seria um terrível ignorante, constantemente importunando os jovens.

Algumas pessoas devem duvidar, então deixarei registrado, mas é o seguinte: há um lado esquerdo e um lado direito nesses submarinos. Não tem jeito: é estranho demais que, independentemente do lado em que o passageiro esteja sentado, *ambos os lados* olhem para o lado de fora de suas janelas ao ouvir aquela transmissão de “*Uau, um polvo-gigante...!*”

Tive essa mesma dúvida enquanto passageiro. Então, pedi (“*Licencinha, desculpe aí...*”) para dar uma espiada na janela do outro lado. E o que vi ali, senão exatamente o que estava sendo descrito na tal transmissão?

Havia dois do mecanismo que mostrava o polvo — um em cada lado — com os trilhos do próprio submarino agindo como eixo de simetria.



## デート | *date* | encontro

Até então, eu aceitava totalmente o tipo de encontro que minha namorada gosta.

Aquela ideia mesma de ir ao zoológico dar pão com geleia aos orangotangos — graças ao meu raciocínio rápido — acabou sendo um grande sucesso. Sem que o tratador dos animais visse, subornei o chimpanzé mais próximo para que passasse um pão com geleia ao orangotango em meu lugar.

Aquele foi nosso primeiro encontro.

Quando ela me pediu que fôssemos brincar de mico (o jogo de baralho) no meio de uma cafeteria para casais, fiquei um pouco desconfortável; mas consegui recuperar a compostura, e fiz de tudo para que aquilo se tornasse uma bela memória. A dificuldade de jogar mico só com duas pessoas está no fato de que é comparativamente muito fácil saber quem está segurando o mico — mas eu deixei a carta do mico escondida no sapato, então acabou sendo um jogo bem emocionante.

Tivemos outro encontro num dia em que chovia bastante — no qual só um de nós carregava o guarda-chuva. Exceto quando estávamos dentro de um prédio, só ela podia segurar o guarda-chuva.

Um encontro em que cada um tinha de mencionar o máximo de méritos de pessoas que amávamos. Contei sobre como minha mãe cozinhava muito bem, e que pesava mais do que qualquer um na nossa cidade, de longe, e provavelmente manteria esse título por um tempo. Minha namorada tagarelou animadamente sobre um cara que ela conhecia — que era vice capitão do time de beisebol e também chefe do departamento de pesquisa histórica. Em tempo: fui eu quem

sugeriu que não incluíssemos um ao outro dentre as pessoas citadas.

Outro encontro, no qual nos divertimos descascando uvas. Esse, só eu aproveitei, realmente; ela comentou que era uma pena só ter podido ficar na função de comer.

Tivemos todo tipo de encontro até agora, mas o plano da vez é um com o qual eu não consigo concordar.

— Que tal uma coisa mais planejada, como combinar de não nos encontrarmos nunca mais?

Pessoalmente, acredito que um projeto de grande escala como esse exige uma certa frequência de encontros.

## デス・マッチ | *death match* | duelo mortal

— A culpa foi minha. Mesmo que eu peça seu perdão, é inútil. Prefiro compensar com a minha morte.

— Talvez com isso você seja capaz de manter sua própria dignidade... Mas quem pode saber o que dirão sobre mim, caso você acabe com sua vida logo após manchar este meu rosto daquela maneira?

— Entendo. Na verdade, meus pés e minhas mãos não se movem, e por esta razão estava justamente quebrando a cabeça pensando em como sequer conseguiria cometer suicídio.

— Eu também poderia resolver tudo isto com um soco na sua cara, mas como não consigo me mexer, estou num certo apuro aqui.

— Ah, você também? Mesmas condições, então.

— Juremos aqui e agora um duelo até a morte. Daí, podemos esperar até que nossas mãos e pés voltem a funcionar. O que acha?

— Entendido.

As duas baratas, capturadas em uma armadilha, com seus membros imobilizados — decidiram por ora decidiram se amaldiçoar mutuamente.

Ambos foram assim convocados aos céus, tal qual guerreiros que lutariam até a morte, sem jamais padecer de quaisquer feridas externas.

## テント | *tent* | tenda

Viajar com uma tenda a tiracolo é muito divertido. É como se você tivesse se tornado um caracol.

Está chovendo. É algo bom também. As gotas de chuvas batem no teto da tenda — fazendo um som de *plop, plop*.

Vim com minha namorada. Isto também não é nada mau. Embora ela seja uma virgem rígida como ferro — e tenha vindo com uma tesoura escondida no bolso — mesmo assim não é um problema. O sexo é, verdadeiramente, uma trivialidade. Pelo menos é isso que eu penso, aqui de dentro desta tenda.

Lá fora, insetos fazem barulho; o rádio portátil transmite um programa local de música praticamente incompreensível. No riacho em frente à barraca, uma dúzia de latinhas de cerveja estão gelando. E a Terra está girando sem parar. Tenho uma sensação de que tudo isto aqui é incrível.

Nesse momento, alguém dá um pigarro do lado de fora.

*Ahem.*

Eu puxo para baixo o zíper da porta, coloco para fora o pescoço e meu olhar se ergue para o exterior. Um rapaz jovem, vestido com uma camiseta de estampa de melancia, e bermudas. Tudo nele parece liso, suave — como uma fada de ovo cozido.

- Desculpe perturbar o seu descanso — ele diz.
- Se veio pedir um abridor de latas, desculpe, mas não tenho — digo eu. Não como nada enlatado.
- Não, não tem a ver com abridor de latas.
- Se quiser cerveja, posso te dar uma lata.
- Também não vim por cerveja.
- Ah — digo.

— É uma pesquisa.

— Oh.

— Uma pesquisa sobre tendas. Fui enviado pelo Comitê de Tendas.

Ele tira uma identificação, a qual examino. Não há erro. É do Comitê Nacional de Tendas.

— E daí? — pergunto.

— Será que posso fazer algumas perguntas?

— Claro.

Ele parece aliviado.

— Então, vou começar. Um: você está feliz dentro da sua tenda? Por favor, responda *sim* ou *não*.

— Sim.

O rapaz registrou a resposta, escrevendo de lápis em um papel próprio para pesquisa. Depois disso, abriu um sorriso por nenhuma razão aparente:

— Dois: sua namorada é virgem?

— Sim.

Ele escreve.

— Três: pretende respeitar a virgindade da sua namorada?

— Se ela preferir.

— Por favor, responda *sim* ou *não*.

— Sim.

*Escreve, escreve.*

— Finalmente, quatro: você acredita que o planeta Terra está girando?

— Sim.

*Escreve, escreve.*

— Muito obrigado.

— Disponha.

Ele começa a ir embora; mas após hesitar, dá outro pigarro.

— Hum... Será que você me daria mesmo aquela cerveja?

— Claro.

Fechei o zíper da porta e engatinhei para dentro. O interior da tenda estava quente e úmido com a respiração de minha namorada, adormecida.

Ⓜ

ト

ドーナツ その 1 | *doughnuts part 1* | rosquinha,  
parte 1

Duas rosquinhas se apaixonaram, uma pela outra.

Uma relação entre duas rosquinhas não teria futuro, então um deles decidiu se dividir ao meio e tomar a forma de um bumerangue. Não era essa a intenção, mas o corte fez com que se formassem dois bumerangues, de modo que um dos bumerangues se tornou um empecilho.

– Muito bem, eu serei o juiz, então.

– Ah, já que você vai ser o juiz, então pode ficar.

– A seus postos... *comecem!*

O bumerangue em formato de rosquinha e a rosquinha em formato de bumerangue começaram a partida.

Já que eles estavam apaixonados, para começo de conversa, era melhor que tivessem feito alguma outra coisa.

– *Lutem!*

O bumerangue juiz era o mais animado.

## ドーナツ その2 | *doughnuts part 2* | rosquinha,

### parte 2

Já faz quase dois anos que minha namorada se transformou em rosquinha.

Como a maioria das pessoas que passaram por essa transformação, ela acredita que seu centro — ou seu núcleo — é um vácuo. Então sempre que ligo, ela diz:

— Você só enxerga o meu exterior. Minha essência é o *nada*. Não quero me encontrar com você.

Por razões religiosas, aqueles transformados em rosquinhas só podem se associar com outros que passaram pelo mesmo processo. Por isso, não a vejo há quase dois anos.

Os transformados em rosquinha não comem enguia, e não vestem roupas que tenham zíper. Não fumam cigarros de filtro, e sexo oral é proibido. Também não é permitido que leiam livros cujos autores estejam vivos.

O porquê dessas restrições é totalmente incompreensível para mim. Afinal, qual a relação causal entre não possuir nada no seu “centro”, e não poder comer enguia?

Outro dia, conheci num bar uma garota jovem que foi transformada em uma rosquinha daquele tipo torcido.

— A natureza do ser humano é não-direcional. — ela disse, na cama. — Por isso, nós não andamos de avião em hipótese alguma.

— Entendo — falei. Sinto que a sociedade fica mais complexa a cada dia.

## ドッグ・フード | *dog food* | comida de cachorro

Nosso cachorro leva de 40 a 50 segundos para terminar uma refeição. Ele come duas porções diárias de ração para cães, o que quer dizer que em um espaço de 24 horas, suas refeições duram cerca de dois minutos ao todo.

Se os desejos dele — Toro — fossem organizados por ordem de preferência, não tenho dúvidas de que “*comida*” brilharia em primeiro lugar.

Mas, para um ser humano, 40 segundos dentro de um dia de 24 horas é um período de tempo notavelmente curto.

Um punhado de ração, do tipo semiúmida, é inserido em um recipiente estável, feito de plástico amarelo. Ao mesmo tempo que minha mão se afasta do pote, a cabeça dele avança naquela direção; seus longos pelos agitam-se, fazendo lembrar a tradicional dança do leão chinesa, enquanto os grãos de ração rolam, fazendo um barulho de leve. Assim que cerca de 30 segundos se passarem, Toro vai engasgar-se e tossir. A essa altura, tudo o que restará no pote serão apenas alguns poucos grãos. E quando restarem dez segundos, eles também terão desaparecido por completo.

Depois, ele estica a língua rapidamente e lambe o focinho, parecendo satisfeito; com isso, está terminado. Sua frase de efeito é: “Só o meu focinho já vale 80.000 ienes!” E qualquer um que o visse com isso em mente, seria convencido disso. Seu focinho é parecido com uma joia negra, feita de borracha.

Sem agradecer a refeição, ele sai andando — para nenhum lugar em particular —, fazendo cintilar o focinho. Na maioria das vezes, está indo deitar-se pesadamente ao lado do braço do sofá, enquanto dá um enorme bocejo.

Definitivamente não sou o tipo de pessoa que odeia os seres humanos e prefere os animais; mas sempre que invejo a maneira como meu cachorro lida com suas refeições.

Admiro a ousadia que ele tem em finalizar, em meros segundos, aquele que é seu momento mais esperado; aquela cerimônia chamada “comida”, pela qual ele aguarda ansiosamente o dia inteiro.

Os seres humanos querem saborear os momentos pelos quais anseiam. Mas antes que se perceba, aquele tempo em si começa a se tornar o objetivo, não? Não que eu desgoste de pessoas por agirem assim — mas gostaria de poder recuperar aquela distorção ocasionada pelo desejo, do tipo que nos faz esquecer de medir o tempo.

## 二

### ニックネーム | *nickname* | apelido

Idiota disse ao Hipopótamo:

— Sua mãe é Bolotinha.

Quando ouviu isso, o Bolotinha disse ao Hipopótamo:

— Eu sou sua mãe?

— Não é isso — respondeu Hipopótamo, mas logo adicionou: — Ou talvez seja.

A mãe do Hipopótamo, por algum motivo, deu ao Idiota um par de luvas que ela tricotara durante a noite, de presente.

Idiota agradeceu ao Hipopótamo.

— Sua mãe não é Bolotinha.

Ao ouvir isso, Bolotinha disse ao Hipopótamo:

— Parece que eu não sou sua mãe, né?

O Idiota disse:

— Isso aí, não é o Bolotinha.

Mas o Hipopótamo disse, numa voz baixinha:

— É verdade, mas é *bem* você...

ノ

ノック | *knock* | toc-toc

Tsai Chi Choi e eu fomos visitar minha namorada.

Tsai Chi Choi fechou a mão, e bateu na porta, abrindo ali um buraco — com o formato de um punho.

Minha namorada espiou pela janelinha recém-criada, esticou os lábios cerca de uns dez centímetros e me beijou por ali.

Vendo isso, Tsai Chi Choi bateu à porta mais uma vez, da mesma maneira de antes. Minha namorada passou novamente os lábios pelo novo buraco, a fim de beijá-lo. Porém, Tsai Chi Choi — cujo coração era tão tímido quanto cheio de desejo — deu um passo para trás, evitando o pescoço que se estendia em sua direção — e desferiu um gancho de direita. O pescoço decepado voou longe, em direção à porta de emergência no final do corredor.

Uma vez no quarto, Tsai Chi Choi sentou-se com força, destruindo de uma vez só a cadeira de pernas entalhadas.

— Vamos agir com um pouco mais de delicadeza — eu disse a Tsai Chi Choi, com uma voz suave; mas ele apenas riu, seus olhos estreitos curvando-se como duas finas luas crescentes. Dois segundos depois, ele já esmagara o telefone; dez segundos depois, mastigava uma xícara de café — com a boca aberta — enquanto seus pés afundavam no chão.

Minha namorada esticou bem o braço, pegando um passarinho que pousara no gradil da varanda.

— Ela se estica bastante, não é, Tsai?

Tentei convidar Tsai Chi Choi a parar com a destruição sem sentido, e juntar-se a uma discussão pacífica.

Tsai Chi Choi espreguiçou-se com força e deitou o corpo no chão, como se estivesse pousando algodão.

— Quebrei a namorada dele ontem.

— *Ele* a quebrou?

— Não, *eu* quebrei.

— Devia ser uma moça muito frágil, então.

O rosto da namorada de Tsai Chi Choi era humano, mas o resto do corpo era igualzinho ao de um *gagambo*<sup>23</sup>.

— Era meio como o mosquito-gigante, sabe.

Ela errara de quarto e entrara voando no meu, sem nem bater na porta — acabei golpeando-a, por reflexo. Em seu pescoço, havia uma pequena plaquinha de identificação de perdido, com os dizeres: “*Em caso de contato, procure Tsai Chih Choi.*”

— Já é tarde demais então.

— Tsai a jogou na lata de lixo. Tinha a intenção de se casar com ela, ao que parece.

— Quer dizer que sou *eu* quem tem que consolar ele, então?

— Não é bem isso. Pensei que nós três pudéssemos passar um momento juntos, distrair a cabeça dele um pouco.

— Ele recusou o beijo.

— Acho que talvez ele não esteja acostumado com essas coisas. Ele vive apenas para as artes marciais, afinal.

Antes que eu tivesse percebido, peixinhos dourados voavam pelo ar à minha volta.

— Bichinhos de estimação novos?

---

<sup>23</sup> Gagambo é um inseto, parecido com um pernilongo.

— Sim. Os pássaros lá fora ficam tentando pegá-los. Já comeram uns cem.

— E agora?

— Aqui neste quarto tem uns mil. Só a metade consegue voar; os outros estão dormindo à sombra do sofá.

Tsai Chi Choi está olhando para os peixes dourados, de boca aberta.

Tsai Chi Choi sussurra no meu ouvido; diz que se apaixonou à primeira vista por um dos peixinhos.

— Ele diz que tem intenções de casar-se com um dos peixinhos. O que acha?

— Bom, prefiro que ele vá embora a perder um dos peixinhos dourados. Esses reparos vão dar muito trabalho.

Ao ouvir isso, Tsai Chi Choi ficou em júbilo — guardou o peixe dourado pelo qual se apaixonara dentro da boca, e saltitou com os dois pés juntos. Atravessou o piso, descendo desde o quarto andar até aterrissar no escritório do síndico lá no térreo — em um só passo.

— Ele é mesmo um guerreiro e tanto! Este prédio é feito de concreto.

— O regime de treinamento dele é bastante intenso, ao que parece. Vários países já foram destruídos graças ao treino.

— Ei, dê aqui um beijo — Ela me interrompeu, estendendo os lábios, que haviam brotado novamente.

Coloquei minha jaqueta sobre sua boca longa e tubular, e limpei o suor com um lenço.

— Vamos descansar um pouco. O pessoal do terceiro andar está olhando aqui para cima.

Sem dúvidas, o pessoal do segundo andar, assim como o síndico lá no primeiro, também estavam prestando muita atenção ao nosso quarto. Compreendo bem como devem se sentir as pessoas normais.



ハ

ハイウェイ | *highway* | rodovia

A bicicleta descia a ladeira completamente escura com os freios rangendo.

Quem a pedalava era um policial.

Um carro corria lentamente em segunda marcha, de modo a ir cruzar com aquela bicicleta.

Uma lâmpada vermelha estava presa no teto do carro, embora não estivesse acesa.

De repente, a janela do carro abriu-se — e um outro policial esticou o pescoço para fora.

— Espera, espere aí.

É o que parecia estar dizendo ao policial na bicicleta.

O policial da bicicleta virou-se momentaneamente para o carro de patrulha — e então pedalou o mais forte que pôde, saindo correndo em fuga.

— Tá pensando que pode competir com um motor e quatro rodas?! — Um grito de alto-falante veio do carro de patrulha.

O fugitivo na bicicleta pôs a mão na boca — como a imitar um megafone — e gritou com tudo o que tinha:

— Palermo! *Eu sou uma verdadeira cria de Tóquio!*

— Ora, mas a minha casa também fica dentro da linha Yamanote<sup>24</sup>, viu!

---

<sup>24</sup> A linha Yamanote é uma linha ferroviária circular, uma das linhas mais movimentadas de Tóquio.

O carro de patrulha perseguidor finalmente abriu suas asas. Poucos segundos após o início da perseguição, e já estava pronto para voar para os céus.

A bicicleta, por sua vez, tinha alcançado a cabine de pedágio da rodovia em questão de momentos.

— Se estamos na rodovia, não há como competir comigo. Sujeito imbecil. Pode tentar vir atrás de mim, seja na terra, ou no céu.

O carro, afinal, começou a planar.

Uma luz vermelha girava sobre minha cabeça, afastando-se suavemente.

O policial da bicicleta então engoliu umas pílulas anabolizantes.

Logo depois, o carro de patrulha alcançou o ciclista por cima e desligou o motor.

A trinta metros, o carro caiu, esmagando a bicicleta — e o policial que a pedalava.

O alto-falante do carro transmitiu a voz do motorista, enquanto ele se esforçava para gritar uma última vez:

— Eu sou o demônio da rodovia!

Mas veja, o policial da bicicleta levantou-se, segurando com as próprias mãos o carro de patrulha alto no ar, jogando-o para em direção à estrada.

— E eu sou... o *anjo* da rodovia.

Esta história não aconteceu no Japão.

ハイヒール| *high heeled* | *de salto alto*

A elefanta embarcou no metrô usando uns lindos sapatos de salto alto. Sua mão esquerda segurava firmemente o tíquete de embarque, e a direita carregava dois volumes de um romance *best-seller*. Isto me surpreendeu bastante, já que até então não sabia que elefantes liam *best-sellers*.

De qualquer modo, era a hora do rush, então a presença de um elefante era um incômodo para todos os passageiros. Em particular, se uma elefanta de salto alto acabasse pisando no pé de alguém, não seria brincadeira. Nem rolar pelo chão gritando “ai, ai, ai!” resolveria a situação. Por essa razão, o espaço ao redor do elefante estava completamente vazio; lembrava o formato de uma rosquinha. A própria elefanta talvez tenha se dado conta disso, porque parecia muito sem-graça.

De fato, uma elefanta de salto alto entrar no metrô durante a hora do *rush* é algo que vai contra o senso comum, não há como discutir. Mas havia algo naquela elefanta que tornava difícil não simpatizar com ela. Por isso, dei um sorrisinho em sua direção. Não que eu quisesse dormir com a elefanta, nem nada assim.

A elefanta pareceu muito aliviada com meu sorriso.

— Sabe dizer se falta muito para Ochanomizu? — perguntou a elefanta para mim.

— Vejamos... parece que faltam quatro paradas. — respondi.

— Ah, sim — A elefanta corou. — Obrigada.

— Desculpe perguntar, mas... — Decidi fazer à elefanta uma pergunta. — Onde você comprou esses seus sapatos de salto?

Por um instante, a elefanta me olhou de forma espantada.

— Por que está perguntando isso?

— Ah, é que são tão bonitos, que pensei em comprar de presente para minha irmã — Eu não tenho irmã nenhuma, é claro.

A elefanta sorriu, parecendo mais calma. Provavelmente pensou que eu a criticaria por usar salto alto.

— Estes aqui são vendidos lá na Yoshinoya, em Ginza.

A elefanta desembarcou na estação de Ochanomizu. Antes de sair, parou na frente da porta, e acenou para mim.

Quando não consegui mais vê-la, dei um bocejo e continuei a ler o livro. Sou bastante popular no mundo dos elefantes.

## ハルキ・ムラカミ | *haruki murakami*

As maquetes particularmente bem-feitas de trens em miniatura normalmente incluem bonequinhos — por exemplo, um casal de velhinhos sentados em um banco à espera do trem a vapor, ou um carregador com uma mala aparentemente pesada. Eles capturam meu interesse mais do que as locomotivas ou as linhas férreas.

Haruki Murakami tem o jeito de alguém que estaria ali dentro de uma dessas maquetes, fazendo o papel de um viajante.

Talvez sua miniatura — belamente pintada, até os dedos mindinhos de zinco — esteja esperando o trem.

Sua mala é muito pequenina, tornando impossível espiar o que há dentro. É também vago, neste panorama, se ele está saindo nesta pequena viagem para realizar algum afazer.

No cenário que imagino, a intenção dele é dar uma volta completa, pela maquete inteira. Mas o boneco responde apenas que “sim, talvez seja isso.”

— Foi você quem fez esta maquete?

— Entendo como você pensaria isso, já que é bem o tipo de coisa que eu gosto.

— Quando se embarca no trem, é difícil saber quando voltar para casa.

— Sim. Uma vez que se embarca, parece que o tédio desaparece.

Quando ele se cansa do panorama da enorme maquete, em um instante, aparece na plataforma de uma outra maquete, esperando o trem.

— Você fez outra?

— Não. Era um terreno adjacente; apenas me mudei. —  
Mexe-se, em silêncio, a boca de zinco.

①

パン | *pan* | pão

O fato é que estávamos com muita fome. Não, não é nem que estávamos com fome. Era como se tivéssemos engolido o próprio vácuo do espaço sideral. Era pequeno no começo — um espaço pequeno, como o buraco no meio de uma rosquinha —, mas conforme o dia ia passando, aumentava dentro de nós até tornar-se um vazio sem fim. Uma pirâmide de fome, acompanhada por uma solene música de fundo.

Por que surge a fome? Por causa da falta do alimento, é claro. E por que falta alimento? Porque não há a troca equivalente necessária. E por que não está acontecendo essa troca equivalente? Talvez porque nos falta imaginação. Não; a sensação da fome talvez seja causada *diretamente* pela falta de imaginação.

Que seja.

Deus, Karl Marx e John Lennon estão todos mortos. Fosse como fosse, estávamos com fome, e por isso, avançaríamos na direção da criminalidade. Não era o caso que a fome nos fizesse correr para as trevas — as trevas tinham usado da fome para nos botar para correr. Era como um existencialismo meio incompreensível.

— Ah, tô pronto pra me perder de vez — disse meu parceiro no crime. Em poucas palavras, era isso aí mesmo.

Não era de surpreender, porque não tínhamos bebido nada além de água por quase dois dias inteiros. Tentamos comer umas folhas de girassol, só uma vez — e não tivemos vontade de comê-las de novo.

Por isso, saímos em direção à padaria, levando conosco umas facas de cozinha. A padaria ficava bem no meio da galeria comercial, entre uma loja de colchões e uma papelaria.

O dono era um careca que já passava dos cinquenta, membro do Partido Comunista.

Caminhamos lentamente pela galeria até a padaria, com as facas em punho. Como naquele filme, *Matar ou Morrer*. Conforme andávamos, o cheiro do pão assando se tornava mais forte; e quanto mais forte o cheiro ficava, mais profunda se tornava nossa inclinação para fazer o mal. Estávamos empolgados tanto com a ideia de assaltar uma padaria quanto de atacar um comunista — e o fato de que as duas coisas aconteceriam ao mesmo tempo nos comovia, de uma maneira à la Juventude Hitlerista.

Já era fim de tarde, então só havia um cliente dentro da padaria: uma mulher de meia-idade, de aparência desleixada, segurando uma sacola de compras, com um ar pra lá de descuidado. Um cheiro de perigo pairava ao redor dela. Crimes premeditados são sempre frustrados por alguma tiazona desajeitada. Pelo menos, é sempre assim que acontece na televisão. Dei um olhar para o meu parceiro, sinalizando para não fazer nada até a mulher ir embora. Escondi então a faca atrás do corpo e fingi que estava escolhendo pães.

Após uma quantidade de tempo que pareceu interminável, a tia colocou um pão frito e um pão de melão na bandeja, com uma cautela digna de quem está escolhendo um guarda-roupa ou uma penteadeira. Mas isso não quer dizer que ela iria comprá-los imediatamente. O pão frito e o pão de melão, para ela, não passavam de um conceito ou tese. Ou talvez fossem como o remoto Ártico. Ela ainda precisava de algum tempo de adaptação.

Com o passar do tempo, o pão de melão foi o primeiro a escorregar de seu status de “tese”. A mulher inclinou a cabeça, como que se perguntando por que, afinal, escolhera pão de melão — logo o mais doce e enjoativo de todos. Devolveu-o à

prateleira, e após pensar por um momento, colocou dois croissants na bandeja. Era o nascimento de uma nova tese. Os icebergs derreteram um pouco; alguns raios de sol da primavera brilharam por entre as nuvens.

— Ainda não? — perguntou meu parceiro, em voz baixa.  
— Vamos matar a velhota também.

— Estou dizendo, espere. — Segurei-o.

O proprietário da padaria não prestava atenção; tinha toda a atenção voltada para seu rádio cassete, no qual ouvia Wagner atentamente. Se é algo certo ou não um comunista ouvir Wagner, não sei bem dizer.

A tia continuava a fitar os *croissants* e o pão frito. Algo não está certo. Não é natural. Parece que croissant e pão frito não devem ficar juntos, na mesma categoria. Ela sentiu, aparentemente, que havia ideias conflitantes ali. A bandeja dos pães tremia em sua mão, *ta-ta-ta-ta* — como uma geladeira cujo termostato estava com defeito. É claro que ela não estava, de fato, tremendo. Era um tremor de sentido completamente figurado. *Ta-ta-ta-ta*.

— Vamos matá-los logo — disse meu parceiro. Ele estava tão sensível quanto a penugem de um pêssego, graças ao nervosismo polvilhado pela fome, Wagner e a tiazona. Balancei a cabeça, em silêncio.

E ainda assim, com a bandeja em mãos, a tiazona parecia estar perambulando pelo inferno de Dostoievski. O pão frito subiu primeiro ao pódio e fez um discurso emocionante aos cidadãos de Roma. Palavras elegantes, truques admiráveis, o barítono muito bem afinado... todos aplaudiram, *clap, clap, clap*. Depois foi a vez do *croissant* subir: fez um discurso um tanto incoerente sobre semáforos de trânsito; os carros que viram à esquerda devem seguir em frente no sinal verde, só virar à esquerda depois de verificar cuidadosamente se algum

carro está vindo em sentido contrário — ou algo parecido. Os cidadãos romanos não entenderam bem o que ele quis dizer, mas parecia complicado, então aplaudiram, *clap, clap, clap*. Os aplausos para o *croissant* foram um pouco mais numerosos. E assim o pão frito foi devolvido à prateleira.

Uma perfeição de extrema simplicidade manifestou-se na bandeja da mulher. Dois *croissants*.

Depois disso, ela saiu da padaria.

Era nossa vez.

— Estamos com uma baita fome — admiti ao dono da padaria. A faca ainda estava escondida, atrás das minhas costas.

— E para piorar, não temos um tostão.

— Entendo — assentiu o dono.

Havia um cortador de unhas no balcão — e nós dois estávamos olhando para ele. Era um cortador de unhas enorme, tão grande a ponto de poder usá-lo para cortar as unhas de um urubu. Provavelmente tinham mandado fazê-lo para algum tipo de brincadeira.

— Se estão com tanta fome assim, é só comer pão.

Disse o proprietário.

— Mas estamos sem dinheiro.

— Eu ouvi, da primeira vez que disse — disse ele, parecendo entediado. — Não preciso de dinheiro; comam o quanto quiserem.

Olhei para o cortador de unhas mais uma vez.

— Olhe, nós estamos no caminho da criminalidade.

— Arrã.

— Então não podemos receber favores dos outros.

— Hum.

— É isso.

— Entendi — O proprietário assentiu mais uma vez. — Então, vamos fazer o seguinte. Vocês podem comer os pães que quiserem. Em troca, eu vou colocar uma maldição em vocês. Que tal?

— Que tipo de maldição?

— Maldições são sempre incertas. Não é como o horário dos ônibus.

— Ei, *perai* — Meu parceiro entrou na conversa. — Não gostei disso aí, não. Não quero maldição nenhuma. Vamos só matar ele.

— Espera, espera — disse o dono. — Eu não quero ser morto.

— E eu não quero ser amaldiçoado — disse meu parceiro.

— Mas tem de haver algum tipo de troca — eu disse.

Ficamos em silêncio por um tempo, olhando para o cortador de unhas.

— Que tal assim, o anfitrião abriu a boca. Vocês gostam de Wagner?

— Não — eu disse.

— Não — disse meu parceiro.

— Se passarem a gostar, deixarei que comam todo o pão que quiserem.

Parecia conversa de um missionário enviado ao Continente Negro; mas, aceitamos esse acordo bem rápido. Parecia melhor que a maldição, pelo menos.

— Eu gosto — eu disse.

— Gosto — disse meu parceiro.

Assim, comemos montes de pão, enquanto ouvíamos Wagner.

— Tristão e Isolda, que brilha de forma resplandecente na história da música, foi apresentada em 1859. Tornou-se

então uma obra indispensável para os que querem compreender Wagner em um período tardio — leu o proprietário, em voz alta, a partir do livreto explicativo.

— Nham, nham.

— Nhac, nhac.

— O sobrinho do Rei da Cornualha, Tristão, vai buscar a noiva de seu tio, a princesa Isolda, mas se apaixona por ela enquanto na viagem de volta. O belo tema de violoncelo e oboé no início da peça é o *leitmotiv* do amor dos dois.

Duas horas depois, satisfeitos, nos despedimos.

— Vamos ouvir *Tannhäuser* amanhã — disse o dono da padaria.

Quando chegamos ao quarto, o vazio dentro de nós já desaparecera por completo. E, fazendo *ta-ta-ta-ta* — como um objeto que desliza abaixo por uma suave ladeira — nossa imaginação começava a se mover.

## ハンサム | *handsome* | homem bonito

Sou feliz por não ter nascido um homem bonito.

Realmente sinto pena dos que nasceram para ser galãs de tevê. Existe, é claro, a opinião de que gente bonita se divertiam muito antigamente, então se agora as coisas não vão bem para eles, não há muito o que fazer. Mas os que aproveitavam a folia antigamente nasceram naquela época, e os que são galãs hoje em dia não estão saboreando esses louros, então dá mesmo pena.

É necessário explicar aos que não são lá muito afiados o porquê desses Adonises também merecerem a nossa compaixão.

Acontece que um galã sofre preconceito por ser o que ele é.

Veja aquela cantora pop, cujo nome de solteira era Yamaguchi — quando se casou, passou a se chamar Fulana Miura<sup>25</sup>. Quando ela revelou a identidade do marido, qual foi a opinião pública? Discriminaram o Tomozaku Tal-e-Tal, dizendo: “Com *aquele* tal lá?!” Não há fundamento algum para chamá-lo de “aquele tal.” A razão desse desprezo é só uma: o Tal-e-Tal é um galã.

“Galã” → nada além do rosto → vazio por dentro → burro → “ele que se exploda!” ...É uma pena que eles sejam julgados desta forma. Não é inevitável que um cara bonito seja um cabeça-de-vento, mas também não se pode afirmar com certeza que um feioso é boa pessoa.

---

<sup>25</sup> Momoe Miura (nome de solteira: Momoe Yamaguchi) é uma *ex-idol*, atriz e cantora pop japonesa. Casou-se, no auge de sua popularidade, com o ator Tomozaku Miura.

Mesmo quando um cara bonito diz algo normal — a impressão que passa é que ele está mentindo. Se ele pisa numa casca de banana e cai direto no chão, as pessoas pensam que é merecido. São totalmente discriminados.

Parece que as pessoas se recusam a aceitar tudo o que sentem que é muito distante delas mesmas.

Quando aqueles próximos a elas ou aqueles que elas conseguem julgar como inferiores são os que caem ao tropeçar na casca de banana, elas sentem aquela dor como se elas mesmas tivessem caído.

Acredita-se que os galãs usam a própria aparência como forma de influenciar os outros — mas a verdade é que todo mundo julga outros seres humanos pela aparência.

Aqueles que têm a infelicidade de nascer bonitos hoje em dia devem se esforçar mais do que a média, e tornar-se pessoas de importância apesar de sua beleza.

Em tempo: este conto é sobre aqueles que são *galãs* — não sobre os que são *herdeiros*, viu?

ヒ

ビール | *beer* | *cerveja*

*dedicado ao estádio de beisebol Meiji Jingū*

“O Matsuoka ter sofrido aquele home run  
não foi minha culpa”  
disse o desafortunado  
jovem que vendia as cervejas

16/5/1981

\* Parte da *Antologia Especial dos Yakult Swallows*.



# フ

フィリップ・マーロウ | *philip marlowe*

Ao amanhecer, o som de uma batida à porta; quando você abre, um amigo seu está parado na porta, trêmulo e segurando na mão direita uma pistola automática de calibre 45 na mão direita. Ele diz:

— Desculpe, mas preciso que me ajude a fugir para o México.

Não é o tipo de situação que ocorra com muita frequência na vida. Na verdade — para a grande maioria das pessoas — é improvável que aconteça sequer uma vez. Mesmo que ocorresse, com alguma sorte você estaria dormindo tão profundamente que talvez nem ouvisse a batida inicial na porta; e, o que é ainda mais importante: o México é muito longe.

Mas, se isto realmente acontecesse, acho que teríamos mesmo que começar com um café, como faria o Sr. Philip Marlowe:

— Bem, espera aí. Vou fazer um café. A conversa vem depois.

Já tive uma experiência como essas.

Às cinco da manhã, uma garota bateu à minha porta. Parecia que uma chuva fina caía lá fora; a garota estava encharcada, como um ferro a vapor quebrado.

O que ela está fazendo agora?

Será que ainda está batendo na porta de alguém às cinco da manhã?



ブルー・スエード・シューズ | *blue suede shoes* |

sapatos de camurça azul

*“Não ligo se você queimar a minha casa  
Pode tomar toda a minha bebida  
O que quer que seja,  
pode fazer o que for  
mas, baby  
só não toque nos meus sapatos de camurça azuis”*

Carl Perkins, *“Blue Suede Shoes”*

Graças a essa música, ganhei um fascínio de longa data por sapatos de camurça azul. Costumava ter a impressão de que se eu calçasse esses sapatos, a vida fluiria de uma forma extremamente leve — nessa época, eu tinha por volta dos quatorze anos.

Seja como for,

*“mas, baby  
só não toque nos meus sapatos de camurça azuis”*

...era a parte que eu mais gostava.

Quando eu tiver dezesseis anos..., eu pensava. Quando completasse dezesseis anos, compraria sapatos de camurça azul. Eu pensava que dezesseis parecia, por alguma razão, a idade própria para sapatos de camurça azul. Eu pensava que aos dezesseis anos, teria umas quinze namoradas e sairia com elas para encontros todos os dias e diria algo como: “Ei, ei,

nada de tocar nos meus sapatos de camurça azul.” Aos quatorze anos, esse tipo de idiotice era tudo o que eu pensava.

Assim, tal qual o interlúdio que acontece entre uma sessão dupla de cinema, dois anos se passaram, e eu fiz dezesseis anos. Como comemoração de aniversário, comprei os sapatos de camurça azul.

Daí, o que aconteceu?

A garota com quem saí em março já estava namorando. O namorado a estava pressionando para dar uns amassos, e ela estava bem chateada sobre isso. Tentei ajudá-la, dando alguns conselhos.

Só isso.

Não me dei bem com a garota com quem saí em junho. Quando eu falava sobre o Polo Sul, ela estava pensando no Polo Norte. Assim, pinguins e ursos polares perderam seu porto seguro; tiveram de embarcar numa jornada errante, de destino incerto.

Terminamos ali.

A garota com quem saí em julho estava quase três quilos acima do meu limite de peso aceitável.

A garota com quem saí em setembro vivia assoando o nariz dentro do cinema. Mas ela era mesmo sensacional. Em nosso segundo encontro, ela me disse:

— Sabe, esses sapatos azuis não combinam muito com você.

Com isso, guardei meus sapatos de camurça azul na gaveta de calçados.

Afinal, ela não tinha namorado, pensava no Polo Sul quando eu falava do Polo Sul, e não era muito gorducha; depois que seu resfriado passou, já não assoava mais o nariz, e não sofria por conta de amassos.

Enfim, foi dessa forma que encontrei, aos poucos, a felicidade.

Ⓜ

ブルーベリー・アイスクリーム | *blueberry*

*icecream* | sorvete de mirtilo

— Quero comer sorvete de mirtilo — anunciou minha namorada, às duas da manhã.

Pergunto-me por que as mulheres têm essas ideias completamente sem sentido, em horários completamente sem sentido. Sem nenhum motivo específico, vesti uma camisa, pensando no destino de e do governo nacionalista, e saí para a rua para pegar um táxi. Vesti uma camiseta enquanto pensava, por nenhum motivo em particular, no destino de Chiang Kai-shek e do governo nacionalista chinês — e então saí à rua para pegar um táxi.

— Qualquer lugar serve; é só me deixar em alguma loja que venda sorvete de mirtilo — eu disse ao motorista, e depois fechei os olhos, dando um bocejo.

Uns quinze minutos depois, o táxi tinha parado na frente de um prédio desconhecido, em uma cidade desconhecida. Era um edifício de três andares, bem envelhecido, com a entrada grande demais, e sete bandeiras estendidas no telhado, por alguma razão.

— Vendem mesmo sorvete de mirtilo por aqui? — perguntei ao motorista.

— Não é por isso que você veio? — disse o motorista.

Uma resposta realmente perfeita, em conformidade com a tradição dramática. Paguei, saí do táxi e entrei no prédio.

Na recepção do prédio, estava sentada uma moça jovem, de uns vinte anos. Embora não estivesse movendo nenhum

músculo, fazia uma cara de quem estava extremamente ocupada. Quando pedi:

— Um sorvete de mirtilo, por favor — Ela fez uma expressão desagradável, como quem diz “*e mais essa agora?*” Passou-me, então, um pedaço de papel em belíssimas cores pastéis.

— Escreva aí seu nome e endereço, e depois siga pelo porta número 3.

Com um lápis emprestado, escrevi no pedaço de papel meu nome e endereço. Em seguida, subi as escadas em formato de caixões, e empurrei a porta número 3. No meio da sala, estava uma mesa, de tamanho similar ao de uma mesa de pingue-pongue, na qual sentava-se um homem jovem, comparando com o olhar os documentos que segurava na mão esquerda e na direita.

— Um sorvete de mirtilo — Quando lhe estendi o pedaço de papel, ele bateu ali o carimbo fazendo um baque surdo, sem olhar para mim.

— Número 6.

Tive que atravessar um rio profundo antes de chegar à porta número 6. A luz branca de holofotes percorria em círculos a superfície do rio; às vezes eu conseguia ouvir o bang de tiros à distância.

Entre as portas de número 6 e 8 havia uma antiga igreja sendo utilizada como hospital de campanha; sobre a grama do átrio estavam deitados muitos soldados, os quais pernas ou braços haviam sido arrancados. Na área de refeitório do mini-hospital, havia três barris de sorvete de passas ao rum, mas não havia sorvete de mirtilo.

— Mirtilo fica no 14 — informou-me o cozinheiro.

A porta 14 fora completamente destruída por um bombardeio noturno, restando apenas sua moldura. Ali, fora

pregado um papel para escrever lembretes, no qual estava escrito: “Clientes, ir para a porta 17.”

Na frente da porta 17, um grande exército de camelos estava se revoltando. A escuridão da noite enchia-se com os gritos estridentes dos camelos e o odor de urina. Com muita dificuldade, finalmente encontrei um camelo amigável, e fiz com que abrisse para mim a porta 17.

A porta de número 17 era a última porta.

Quando abri a porta, lá dentro estavam dois homens de meia-idade, impecavelmente vestidos, no meio de uma luta com um grande tamanduá. Estavam sangrando bastante, e pelo corpo todo. Todos tinham chegado até aqui — e tinham, como objetivo final, o sorvete de mirtilo.

O amaldiçoado sorvete de mirtilo.

Mas não sou, de forma alguma, uma pessoa sentimental. Ao estilo de A Tragédia de Y, espanquei até a morte os dois homens e o tamanduá com o lado traseiro de um bandolim, um por um; abri o refrigerador e peguei um sorvete de mirtilo.

— Quanto tempo gostaria de deixar no gelo-seco? — perguntou a moça do balcão.

— Trinta minutos — respondi, friamente.

Quando voltei para casa com o sorvete, eram cinco da manhã, e o sol despontava. Minha namorada já estava dormindo profundamente.

プレイボーイ・パーティー・ジョーク | *playboy*  
*party joke* | piadas de festas da Playboy<sup>26</sup>

1

Quando Alice voltou de viagem, encontrou seu marido George na cama com uma jovem tamanduá fêmea.

— Ah, George, olhe só para você! Levando um tamanduá para a cama enquanto eu não estou em casa!

— Tamanduá?! — disse George. — Essa não, eu jurava que era uma *zebra*!

2

Quando Lewis voltou de viagem, encontrou em sua cama uma zebra e um tamanduá.

— Fred! Fred! Onde você está? Um tamanduá e uma zebra estão transando na cama!

— Ei, ei, não diga idiotices — disse a zebra. — Olhe direito. Eu só estou mordendo uma baguete na cama.

3

Quando a zebra e o tamanduá voltaram de sua viagem de lua-de-mel, encontraram na cama seu vizinho Richard, masturbando-se.

— Ei, o que você está fazendo aí?!

— Não seja idiota — disse Richard. — A casa de vocês é a do lado.

---

<sup>26</sup> O título, *Playboy's Party Joke*, é provavelmente uma referência a uma coluna humorística, com piadas sugestivas, publicada na revista Playboy desde os anos 50.

4

Enquanto dava um passeio na tarde do dia 23 de janeiro, Michael viu, no lago do parque, uma garota da vizinhança nadando completamente nua.

— Ei, Annie, cuidado para não pegar um resfriado, com o tempo frio que está fazendo agora.

— Do que está falando, idiota? — disse a garota. — Hoje é 4 de agosto.

Michael tirou do bolso do casaco uma agenda e consultou o calendário. De fato, era 4 de agosto.

5

Certo dia, um tamanduá foi até a Scotland Yard, fazer uma confissão.

— É que eu matei minha mulher, usando uma meia de lã.

— Nos dê mais detalhes — pediu o inspetor.

— Quando voltei para casa e abri a geladeira, minha preciosa meia de lã estava dura de tão congelada. Isso me enraiveceu tanto que bati e matei minha mulher com a meia.

— E o corpo?

— Enfiei em um bandolim grande, e joguei-o para afundar no Rio Tâmisa.

— Por que enfiar logo em um bandolim?

— Eu devo ter algum complexo, certamente...

— Essa história não existe — disse o inspetor, com um suspiro. — Não é para *Playboy*, é mais para *Mon Oncle*<sup>27</sup>.

---

<sup>27</sup> *Mon ocle* ("meu tio", em francês) foi uma revista japonesa, de primeira publicação em 1981, que durou seis edições. Seu conteúdo girava em torno do conceito de psicanálise, com linguagem acessível. Shigesato Itoi contribuiu com a primeira edição.

6

Quando Eddy voltou para casa após uma viagem de negócios na Flórida, encontrou em sua cama Ronald Reagan e uma esperança, o inseto.

— Senhor Presidente — disse Eddy, surpreso. — O que o senhor está fazendo?

— Imbecil, será que não tem olhos? — gritou Reagan, com raiva. — É que não tinha nenhuma zebra.

7

Quando Ronald Reagan voltou da cúpula de Ottawa, um tamanduá estava sentado na cadeira do presidente.

— Ei, o que diabos você está fazendo aí? — exclamou Reagan, irritado.

Só isso.





## ベースボール | *baseball* | beisebol

Mesmo no beisebol, há tanto luz como sombra.

Uma das coisas que entram na categoria de “luz” é o *score*.

Na época em que eu era estudante da escola primária, conseguia dizer diariamente a média de rebatidas do meu jogador favorito. O tal jogador favorito geralmente seriam rebatedores históricos, do tipo que é chamado pelo título honroso de Mister — então meu conceito de “média de rebatidas” sempre começava com um 3. Um rebatedor deve acertar mais de 3 vezes em cada 10 aparições no bastão. Além disso, às vezes, as bolas são rebatidas com tamanha velocidade e precisão, que as lentes das câmeras não conseguem acompanhá-las quando passam pela arquibancada do campo esquerdo. Eu acreditava que era essa a norma.

Quando você tem um jogador favorito em particular, acaba olhando exclusivamente para ele. Isso significa, inevitavelmente, que há menos atenção sendo direcionada ao que está ao seu redor — e antes mesmo de tornar-se incapaz de enxergar o jogo de beisebol como um todo, até os outros jogadores do mesmo time já se perderam nas sombras da sua percepção.

Se os jogadores que eu observava sob os holofotes, de maneira tão compenetrada, não fossem aqueles que comumente chamados de Mister — por exemplo, se fossem chamados de “Quase-Mister”, “Às do Aquecimento” ou “o

Mágico da Rede” ou “o Demônio da Rebatida Fraca” —, é provável que minha vida teria sido completamente diferente.

Uma rebatida é como um banquete, uma delícia que só pode ser vista cerca de uma vez a cada quatro aparições no bastão. Talvez por este pensamento ter se consolidado, o ser humano passou a acreditar que caso simplesmente trabalhe com diligência e usando de todo o seu esforço, em algum ponto será recompensado — ou não, e nesse caso, ah, que seja; vamos sair e beber esta noite. Passou-se a pensar dessa maneira.

Não posso afirmar que a maneira como eu assistia aos jogos de beisebol foi responsável por formar minha personalidade, mas quando procuro pensar nas coisas pelas quais me enamorei depois — e no processo pelo qual fiquei enamorado com elas — sim, parece-me que há algo de familiar aí.

Para ser franco, tudo gira em torno de um mesmo tema completamente descarado: o desejo de querer estar sempre sentado em um banquete, numa mesa cheia de delícias.

A razão para isso é que é o que eu considerava normal. O número que eu reconhecia como normal dentro de uma média de rebatidas era 30% ou mais. Da mesma maneira, quando fazia uma determinada coisa, queria que fosse, certamente, de uma determinada maneira; se colocasse em prática, e aí acabasse não sendo como imaginava — aí não me entusiasmava mais. Acabei incorporando uma espécie de idealismo distorcido.

Algumas pessoas mais devassas dizem — e há aí um quê de veracidade — que o destino de uma mulher é determinado pelo seu primeiro homem; porém, da mesma forma, parece que o caminho da vida de um jovem será decidido pelo primeiro ídolo pelo qual ele se apaixonou perdidamente.

Assustador. É assustador, mas é uma lógica deveras convincente, e que não parece de todo mentira.

Assim tem sido minha vida como fã de beisebol, caminhando até o presente por um percurso iluminado pela luz. Mas ultimamente, sem uma fonte tão brilhante quanto a daquela época, passo meu tempo voltando meu olhar para as penumbras também existem no beisebol.

Passsei, por exemplo, a reparar na existência dos árbitros, cujos nomes nem sequer são anunciados no placar; mas que se movem de repente pela linha do gramado, apenas quando a bola voa para o campo externo. Pergunto-me o que pensam aquelas duas silhuetas enquanto assistem ao jogo, respirando silenciosamente para não chamar atenção; ambas com um pé em cada lado, na fronteira entre o campo do impossível (a tal *foul ball*) e o campo onde tudo acontece (*fair ball*). Seus filhos provavelmente ganharam ingressos dos pais e, acompanhados por um amigo A e um amigo B, estão sentados em algum lugar na audiência. Sem dúvidas, um deles deve olhar na direção do pai de vez em quando, e murmurar, no fundo de seu coração: “*Ei, papai...*”. Fico brincando de imaginar coisas assim.

Embora isso não seja definitivamente *luz*, também não podemos chamar de *sombras*.

Sobre a parte das *sombras*, acredito que várias pessoas sabem usar do poder da imaginação e carregar nos ombros esse significado, por demais pesado — essa já não é, de qualquer forma, a minha área de especialidade.

## ペンギン | *penguin* | pinguim

O número de produtos de pinguim — brinquedos, bonecos, papel de presente, luminárias — têm aumentado de maneira indiscriminada.

Um amigo me presenteou com um boneco de pinguim elétrico, feito de borracha sintética, dizendo: “Olha só o que dá pra encontrar hoje em dia!” Era um daqueles tais brinquedos *adultos*, um pinguim castanho-avermelhado idêntico a um pênis; como não era algo que desse para usar como decoração, deixei-o na caixa. A embalagem tem o desenho de um pinguim inocente brincando entre as geleiras, e nada revela sobre a aparente maturidade contida em seu interior.

O pinguim está lacrado na caixa há bastante tempo e outro dia, por acaso, me veio à mente que ele ainda é virgem.

Nasceu com apenas um único objetivo na vida, e morrerá sem jamais ter tido essa experiência. Pensando bem, se ninguém o usar, *viverá* assim, de forma semipermanente.

Meus amigos só riem, chamando-o de “coitadinho!” — mas ninguém quer adotá-lo.

Se eu fosse mulher, seria capaz de realizar esse ato de compaixão.

As pessoas realmente fabricam umas coisas que só causam problema.

Por acaso, se alguém estiver interessado em cuidar dele, eu o darei de graça. Basta enviar sua solicitação à editora Tōjusha. Os encarregados também juraram total sigilo, então basta entrar em contato o mais cedo possível.

(Me pergunto se vão pensar que este último parágrafo é mentira...)



# ホ

ホエール | *whale* | *baleia*

A cantora entrevistada levou o microfone à boca.

O batom manchou a grade protetora do equipamento; porém, o microfone é apenas um instrumento inanimado, então nada tinha a declarar sobre seu contentamento ou desgosto. Em vez disso, a voz da cantora que deixara a marca de batom ressoou pelos alto-falantes.

— Gostaria de fazer apenas uma pergunta, ao repórter de agora há pouco. Você come baleia?

Aí está. É minha vez de responder. Meus colegas de profissão viram seus olhares para mim.

Um leve sorriso perpassa a expressão da cantora antes mesmo de ouvir a minha resposta, como se ela já soubesse.

Desta vez, eu é que segurei o microfone.

— Mas é claro que como.

Para falar a verdade, já faz muitos anos que não como carne de baleia. Porém, meus amigos o fazem ocasionalmente. O pai da minha esposa, que já pescou em quatro países, diz que não há coisa mais deliciosa do que a carne da cauda de uma baleia.

Então minha resposta já estava pronta desde o começo.

A intérprete, cuja maquiagem era mais forte que a própria celebridade, falou alto em inglês, dando ênfase às minhas palavras:

— *Of course! Always.* — Uma tradução correta, dependendo do ponto de vista.

Continuei disparando as palavras em japonês:

– Baleias são deliciosas. Minha comida favorita. Todos os dias, eu como baleia, golfinho e bolinho de peixe, mas o que tem isso?

A cantora corou um pouco; após controlar a própria respiração, disse alguma coisa, lentamente, em minha direção. Seus olhos azuis, rodeados por muitas pequenas rugas, permaneciam abertos, como se quisessem me imobilizar ali, sob seu controle.

A intérprete, com o mesmo olhar, disse para mim, devagar:

– A partir de hoje, por favor, pare de comer baleia e golfinho. E bolinho de peixe também.

## ホテル | *hotel*

6:50 de um certo dia, em um certo mês.

Estou escrevendo este manuscrito no 21º andar de um certo hotel. Hoje é o terceiro dia desta vida enlatada.

O trabalho arrasta-se, e as marcas de meu resmungo tornam-se farelos de borracha, acumulando-se sobre a mesa.

Na primeira noite, o hóspede do quarto ao lado ficou bêbado até tarde, fazendo grande estardalhaço. Insultos como “*Eu te mato!*” e “*Fedelho!*” voavam como se fosse um festival de fogos de artifício sobre o Rio Sumida. Considero a mim mesmo também um “fedelho” — e mesmo sabendo que eram destinados a outra pessoa, essas ameaças me deixaram assustado. Se tivesse durado só meia hora, teria me permitido pensar que assistira a uma peça de teatro em plena vida real e deixado para lá, mas já estava durando quase duas horas e não havia sinal algum de um epílogo; então liguei para a recepção e pedi que me trocassem de quarto.

Quando consegui conectar as palavras desconjuntadas que eram atiradas em uma voz especialmente alta, a situação foi ficando clara; ao que parecia, o hóspede do quarto ao lado emprestara 3 milhões de ienes ao tal fedelho, e estava pressionando-o a devolver o dinheiro. O mais curioso, a meu ver, era que o fedelho em questão não abrisse a boca nem oferecesse resposta alguma; porém, o funcionário encarregado do hotel sugeriu que meu vizinho provavelmente estava falando ao telefone, o que me deixou mais aliviado.

O novo quarto onde deixei minhas malas era habitado por um *poltergeist*. O barulho é interminável: *DOM! BAM! DANGARAN!*

O teto deste quarto é o piso de um quarto no 22º andar, que aparentemente é ocupado por uma família, a qual parece acreditar que o chão existe para seu uso exclusivo. Parecem ter vários filhos e são muito ativos — correndo e rolando, todo o tempo em que estão no quarto.

O fenômeno do *poltergeist* artificial durou até uma da manhã, quando cessou repentinamente com um estalo.

Assim foi a minha segunda noite na vida enlatada.

Fui para a cama de manhã sem nem mesmo trocar de roupa, e dormi por algumas horas. Tive muitos sonhos desagradáveis.

Acordei de mau humor e um pouco atordoado, e fui comer um sushi medíocre em um restaurante no andar subterrâneo. O sushi inferior que eu revirava na boca e o rosto do chef que o prepara eram parecidos, tal qual pai e filho.

Atualmente, são 8:35.

Alguns minutos após eu começar a escrever este manuscrito, houve uma vinheta.

Pelo corredor, ouvi passar uma estranha voz de piado de uma mulher; e a voz eloquente de um homem, clara e com jeito de vendedor.

Para ser breve, era possível ouvir pela porta o tipo de conversa cujas palavras do homem — “Oh, eu não faria algo assim. Eu sou um cavalheiro, afinal de contas” — já deixavam a situação ali totalmente clara.

A porta do quarto da frente fora fechada sem fazer barulho, mas — embora o som em si fosse mais baixo — a conversa podia ser ouvida com a mesma clareza de quando eu estava no corredor.

— Ah, ahn...

Para mim, este é o local onde passo uma vida enlatada, mas para a voz de Piu-Piu e a voz de Vendedor, este é um lugar de “*ah, ahn...*”

Eles não têm culpa de nada. Por outro lado, a minha culpa também não é minha. Acontece que quem acaba na posição de ter de ouvir “*ai, ahn*” acaba se sentindo um tanto quanto culpado.

Esse sentimento de culpa não tem razão para existir. Mas o que seres humanos fazem quando surge esse sentimento? Alguém como eu — representante número 1 da raça humana — tenho a tendência a virá-lo completamente pelo avesso: procuro jogar essa culpa irracional de volta para a outra pessoa.

Que a Piu-Piu e o Jeito de Vendedor sejam infelizes, então. Com isso em mente, fiquei atento ao progresso do teatrinho dos dois. *Se aquele “ah... ahn” se transformar em “ah, isso aí...” em alguns minutos, isso quer dizer que o planeta Terra está à mercê desse pessoal. Ó Deus: por favor, ponha à prova aqueles que desconhecem o temor. E quanto às minhas próprias provações, por favor, alivie-as um pouco — por meio da editora Tōjusha. É este o tipo de coisa que fico pensando.*

A verdade é que não é culpa de ninguém. Apesar disso, se realmente começasse o “*ah... é isso aí*” — minha antena parabólica auditiva se voltaria automaticamente para aquela direção, mesmo que não fosse minha intenção. Meu sentimento de culpa então se tornaria maior e maior, crescendo sem parar. Há muito tempo, enquanto lia um livro de Edogawa Rampo, pensei: “Esse Rampo é mesmo um homem assustador.” Mas talvez eu esteja me tornando como ele. Talvez eu não tenha outra escolha senão o remoer o fato de que tenho, no fundo, uma personalidade fundamentalmente sombria.

Mas foi só esperar — o que é seu, o destino traz, afinal.

O Vendedor fez alguma besteira. Talvez seu erro fatal tenha sido acreditar demais em seu próprio poder de persuasão. Por um tempo, Piu-Piu começou a chorar — comecei a temer que, se o choro da moça continuasse, eu acabaria tendo que meter meus pés de vez em alguma situação deveras lamacenta. Mas aí quase imediatamente comecei a ouvir também a voz chorosa do Vendedor, e então Piu-Piu sugeria, num tom maternal: “Vamos sair para comer alguma coisa, está bem?” — e o cenário da peça estava livre de novo. A porta foi aberta.

Ainda bem. Obrigado, Piu-Piu. Graças à sua boa ação, a saúde mental deste hóspede enlatado foi salva do perigo iminente. Conteí ao meu assistente a sinopse, assim como meus pensamentos, acerca da cena teatral cujas cortinas tinham acabado de se fechar.

— Acontece mesmo muita safadeza em hotéis, não é? — foi o que ele teve a dizer.

Fiquei feliz por voltar ao meu estado original de simples alegria e cansaço, sem precisar enfrentar o Edogawa Rampo que existia em mim.

Piu-Piu tinha se comportado de forma excelente, mas pensando bem, eu também sentia compaixão pelo Vendedor. E eu mesmo também fui louvável.

Na verdade, este capítulo devia ter terminado com um ponto final, na linha anterior. Porém, já faz seis horas desde então; e um incidente, de certa forma arruinou o final feliz. Não que seja culpa deles — mas mesmo assim, guardei rancor dos dois.

Sem qualquer energia para fazer minha transformação em Edogawa Rampo, saí do meu quarto, carregando a chave e algumas moedas.

O que terão pensado de mim os funcionários do saguão ao me ver jogando *videogame*, madrugada adentro, sem tirar os olhos do relógio?

## ポニー・テール| *ponytail* | rabo-de-cavalo

Todos os alunos da classe riram quando Akiko perguntou:

– Por que Kurama Tengu<sup>28</sup> não usava rabo-de-cavalo?

– Mas isso demonstra uma excelente percepção crítica  
– disse o professor Takami, olhando para Akiko fixamente, e escreveu em inglês no quadro-negro em giz branco: *PONY TAIL*. Depois de esfregar no canto da escrivaninha o pó de giz que ficara em seus dedos, ele leu em japonês: “rabo-de-cavalo.”

Num gesto que quase perfurava o ar, a mão do representante de classe Shin’ichi ergueu-se:

– Kurama Tengu usava disfarces, então é possível que tivesse um rabo-de-cavalo.

Shin’ichi ia dizer mais alguma coisa, mas a própria Akiko o interrompeu:

– Não. Às vezes, ele aparece sem estar disfarçado, e o cabelo dele está preso em um coque.

*Existência e essência* — o professor Takami escreveu novamente no quadro-negro. Depois, desenhou de qualquer jeito um círculo em volta dos ideogramas que formam a palavra *existência*, e também uma seta saindo dali.

– O número de espermatozoides liberados em uma única relação sexual é estimado em cerca de 200 a 300 milhões.

– Mas professor, e o Kurama Tengu? — disse Shin’ichi em um tom firme, levantando-se.

---

<sup>28</sup> O *tengu* é uma criatura da mitologia japonesa, de cara vermelha e nariz longo. Kurama Tengu (também chamado Sōjōbō) é um *tengu* específico que habitaria o Monte Kurama.

— O Kurama Tengu também; por isso estou dizendo, entre 200 e 300 milhões.

— Isso mesmo, este é um tema que precisa ser discutido dentro de uma estrutura circular. O que o professor está dizendo é que o conceito da própria ciência já é uma ideologia, e que é tolice fixar essa categoria chamada ciência sem estar ciente dessas ilusões! — Akiko também gritou.

— Akiko, você foi para a cama com o professor?! — A voz de Shinichi ecoou pela sala de aula como o grito de um pássaro em imensa dor.

Com uma aula tão idiota quanto essa numa turma de primeira série, não seria nem estranho se 200 ou 300 milhões de Kurama Tengu arrebatassem a janela e invadissem a classe.

Afinal, o Kurama Tengu usa disfarces, portanto não há como saber ao certo se tem rabo de cavalo ou não.

Sugestão de música de fundo: *“Hey Paula”*

マ

マーガリン | *margarine* | margarina

Se o panda-vermelho caçoasse do panda, certamente atrairia a ira do exército de fãs ardentes que os pandas possuem.

Mas a margarina, por outro lado, já pode praticamente rir da cara da manteiga, não?

Até então, historicamente, a margarina tinha sido obrigada a carregar a comportar-se como uma prima qualquer, sacrificando a si mesma para manter o prestígio da estrela principal da família: a manteiga.

É verdade que a margarina possui um aroma diferente da manteiga. Possui um gosto diferente. E o preço também é diferente.

As pessoas têm lançado à margarina um ar de desprezo, como se vissem algo um miserável Mitsuhide Akechi<sup>29</sup> — que tentou tomar o lugar da manteiga e falhou.

Porém, assim como o macaco em um zoológico jamais se tornará um ser humano, a margarina — por mais que se aproxime da manteiga — nunca será nada além de margarina. Não, não é certo dizer *nada além de*: ela apenas é margarina.

Assim como os macacos não se desculpam à humanidade, a margarina não deve humilhar-se perante a manteiga.

---

<sup>29</sup> Akechi Mitsuhide é uma figura histórica japonesa, conhecido por ter traído e matado o senhor feudal a quem servia, o famoso xogum Oda Nobunaga.

Sendo franco, sabe, a manteiga já é uma relíquia do passado. É rica em gordura, tem altas calorias, e também causa dificuldades para o gado.

Em primeiro lugar, a margarina é capaz de imitar a manteiga a ponto de receber aplausos e elogios de “É mesmo igualzinho!” — por outro lado, a manteiga não é capaz nem mesmo de passar por imitação de margarina. Justifica-se como um aluno-modelo o faria: “Ah, não... não me dou muito bem nessa área.”

Veja só o que aconteceria se todas as vacas do mundo fossem exterminadas por um Mas Oyama<sup>30</sup> açougueiro. Seria a extinção da manteiga, não?

Mas a margarina ficaria bem. Mesmo que as sardinhas morram, que os açafrões-bastardos sequem; mesmo que as espigas de milho pereçam, que o petróleo acabe e as baleias desapareçam; por alguma razão, me parece que ainda teríamos os ingredientes para fazer margarina.

Peço a todos que, por favor, tratem com carinho a margarina. Porque ela é gente boa.

De agora em diante, mantenha um galão industrial de margarina em sua cozinha. Com uma grande espátula de madeira, pegue uma grande quantidade — e use-a nas suas receitas e torradas.

Aos que realmente não quiserem fazer uso da margarina: podem apenas comprá-la e contemplá-la fixamente. Afinal, a cor é tão bonita, que talvez as raízes do amor comecem a brotar daí.

---

<sup>30</sup> Masutatsu (Mas) Oyama é um artista marcial japonês, conhecido por criar o estilo de Karate Kyokushinkai.

Sem que eu perceba, isto aqui se tornou algo como um comercial de má qualidade, patrocinado pela Associação de Margarina.

Vai acabar tendo o efeito contrário: quando se recomenda algo de forma tão persistente, a gente acaba pensando que é porque querem vender tudo e se livrar logo da porcaria.

①

## マスカレード | *masquerade* | fingimento

Gostaria de eliminar do mundo a palavra máscara.

Já que, se o fizer muito repentinamente, uma óbvia lacuna ficará em seu lugar, sugiro então deixar como substituta a palavra fantasia.

É que máscara dá uma certa sensação na língua — ou melhor dizendo, deixa ali um certo gosto —, algo meio intelectual. Acho que seria melhor nos livrarmos de todo esse tipo de coisa.

Falas como: “Eu estou usando a máscara, a máscara que se chama *eu*.” ou “É uma máscara por cima de uma máscara, e há outra máscara encobrendo aquela; o limite entre a pele do meu rosto e essa máscara não existe mais!” Não soa pretensioso? Se bem que nesse caso, mesmo trocando por *fantasia*, daria no mesmo.

Por exemplo: “Eu estou usando uma *fantasia*, a *fantasia* que se chama *eu*.” “Se tirar essa *fantasia* de ‘mãe’, você é apenas uma cadela!” Dá para brincar assim.

Dá até vontade de ler aquela história do tal Mishima, *Confissões de uma Fantasia*.

O antigo Baile de *Máscaras*, agora é um Baile de *Fantasia*s.

Uma palavra como “bobo da corte” também pode ir — vamos passar a usar *engraçadinho*, no lugar dela. Algo assim: “No fim das coisas, para você eu sou apenas um *engraçadinho*.”

Em vez de “heresia”, é o suficiente chamar de *esquisitice*.

“Hipocrisia” vira *descompasso*.

Para “emoção”, vocês vão ter que se virar com “forcinha.” Como: “Eu preciso sentir mais aquela *forcinha* humana por trás de toda a estética, sabe?”

“Ego” provavelmente se torna *euzão*.

São um pouco como aquelas comidas que aparecem muito nas histórias que contam os idosos: as comidas que substituem o arroz em época de guerra. Podem não oferecer a satisfação de um estômago cheio, e são caloricamente pobres, mas vejam bem, pessoal — atualmente, o que temos é um *excesso* de calorias.

Acredito que quanto menos tralha colocarmos por cima das palavras, mais fácil será a limpeza depois.

Mas, bom, talvez essa seja a minha própria “fantasia.”

## マッチ | *match* | palito de fósforo

Embora fosse véspera de Natal, não havia ninguém além de nós três naquele pequeno bar: eu, meu amigo e uma moça que não conhecíamos.

Eu e meu amigo conversávamos sobre o Super-Homem, enquanto tomávamos uísque. Ele não fica cansado de voar pelo céu fazendo aquela pose? Será que ele destrói o vaso sanitário quando vai ao banheiro? — esse tipo de conversa boba.

Durante esse tempo todo, a tal moça quebrava palitos de fósforos.

*Craque.*

*Craque.*

Quando os palitos acabaram, ela pegou outros fósforos do aquário que estavam sobre o balcão e começou a quebrá-los novamente.

*Craque.*

*Craque.*

Não era um barulho muito alto, é claro, mas era difícil de ignorar.

*Craque.*

*Craque.*

O *barman* careca também estava claramente perplexo pelo som. Talvez quisesse dizer algo à moça — mas não fazia ideia do quê. Se uma caixa de fósforos custava 10 ienes por fósforo, mesmo que ela quebrasse uns cinquenta, ainda seriam só 500 ienes para ele adicionar à conta dela. Já seria o suficiente, ele pensou. Não há necessidade de incomodar ninguém só por isso.

*Craque.*

*Craque.*

Eu e meu amigo paramos de conversar e ficamos ouvindo atentamente o barulho dos palitos de fósforo sendo quebrados.

A moça vestia um belíssimo terno — e seu rosto também não perdia em nada para o traje. Desde o topo da cabeça até a ponta dos pés, ela parecia custar caro. No mínimo, não era do tipo que estaria sozinha em um bar de Shinjuku às dez e meia, numa véspera de Natal, quebrando palitos de fósforo.

— Ei, o que é isso aí que você está fazendo já há um tempo? — perguntou meu amigo, chamando-a. Ele construía uma certa fama em Shinjuku por ser um mulherengo muito obstinado.

A garota nos olhou como se estivéssemos fazendo graça dela. Um olhar que você dá quando encontra na calçada um cupom de desconto para uma discoteca, depois de uma chuva.

— O que estou fazendo...? — *craque* — Quebrando... — *craque* — os palitos de fósforo.

— Isso aí é divertido?

— Isso é — *craque* — problema meu.

— Mas é que existem outras coisas mais divertidas no mundo.

— Por exemplo? — *craque*.

— Por exemplo... torcer o pescoço de um leão-marinho.

— Hum — disse a garota. — E onde tem um leão-marinho?

— Bem... — disse meu amigo. — Perto daqui tem um lugar muito bom e pouco conhecido, onde tem leões-marinhos. Quer ir até lá?

— Não estou a fim de ir para outro lugar.

— Que pena. Porque tem *muitos* leões-marinhos nesse lugar.

— É mesmo?

— É só sair pegando e torcer, *snap, snap, snap*.  
— Mas você não tem pena dos leões-marinhos?  
— Não, não; leões-marinhos têm que ter o pescoço torcido uma vez por ano, pelo menos. Senão, seus ossos não se desenvolvem bem. Então você pode se divertir, e ao mesmo tempo os leões-marinhos ficarão agradecidos.

Por fim, a garota e meu amigo desapareceram pela noite de Shinjuku, em busca dos leões-marinhos. Restamos apenas eu e o *barman* careca.

— Há mesmo muitas formas de se persuadir alguém, não é? — disse o *barman*, parecendo emocionado. — Leões-marinhos, veja só...

— Pois é — falei.

No cinzeiro da mesa dela, os palitos de fósforo quebrados pela metade haviam sido empilhados como lenha para um julgamento da Inquisição Espanhola. Quando coloquei fogo na pilha, o bar foi banhado por uma luminosidade peculiar, muito própria de uma véspera de Natal.

— Leões-marinhos, é... — O *barman* suspirou mais uma vez.

マット | *mat* | tapete

31º Concurso Nacional de Tapetes para Portas de Entrada

Premiado: nenhum trabalho aplicável

*(comentários selecionados)*

Sr. M. I.

“Apesar de minha idade avançada, acredito ter demonstrado uma compreensão mais alta do que a média acerca diante das obras, criadas com tanto fervor pelos jovens autores de tapetes de entrada, agora em atividade. Entretanto, para ser completamente honesto, ultimamente passar os olhos pelas obras concorrentes tem sido uma grande dor. E talvez isso não se deva apenas à minha dor crônica na cintura. Os dez e poucos tapetes que vêm até a minha casa, estranhamente, não movem o meu coração.

Não costumava ser assim, antigamente. Até cerca de cinco anos atrás, costumava alinhar todos os tapetes de entrada que me haviam sido enviados e me entretinha por uma boa semana, pulando e me esparramando sobre eles, junto à minha esposa. Devo dizer que a qualidade diminuiu. Nenhuma das obras pode ser considerada apta — é essa conclusão a que chego.

Não entendo as tentativas dos jovens de reimaginar os tradicionais tapetes de entrada — mas gostaria que eles

tivessem em mente que um tapete ainda possui uma maneira apropriada de ser um tapete de entrada.”

Sr. N. S.

“Dentre as obras participantes, *Um Dia na Vida de um Tamanduá* foi a que mais chamou a minha atenção. A ideia de tecer o bico de um tamanduá de verdade no tapete da porta da frente foi mesmo fora do comum. Entretanto, quando se trata da escolha dos tamanduás como tema, ainda tenho minhas dúvidas. Suspeito que o próprio autor não saiba bem a razão. É aí que reside o ponto fraco desta obra. A inevitabilidade não acontece da noite para o dia.

*Ao Estilo de Magritte* também pertence a essa categoria, a meu ver. Embora fortemente influenciada por outras obras estrangeiras, a sensibilidade da obra é pertence, sem dúvidas, ao seu próprio artista. Não vejo também falhas técnicas. Presto homenagem aos esforços extraordinários do artista em criar um tapete como esse, ao mesmo tempo tridimensional e paradoxal. Entretanto, não sou capaz de compreender a razão pela qual um visitante teria que dar três voltas no chão para limpar os pés.

Dito isso, havia algo de diferente nesses dois trabalhos, um presságio de coisas que estão por vir. Infelizmente — devido à forte oposição de outros membros do comitê de seleção — não foram selecionados como menções honrosas, mas desejo o melhor a ambos.”

Sr. M. T.

“Devido a uma viagem de inspeção de três meses pela França, compareci ao comitê de seleção sem ter tido muito tempo para examinar as obras pré-selecionados. Logo que dei uma olhada, percebi que não havia ali nada que fosse digno de

nota. Podem me chamar de irresponsável, mas ganho a vida nesse campo há uns 30 anos, então sei do que estou falando — sou capaz de notar a diferença entre um iceberg e uma raspadinha de gelo, pelo menos.

Em minha recente viagem à França, fiquei profundamente impressionado com o alto status social dos tapetes de entrada no país. Pode-se argumentar que é resultado do peso que a tradição tem por lá, mas o que realmente sustenta essa tradição é o afeto que as pessoas têm por seus tapetes, assim como sua própria força de vontade. Não quero fazer comparações — no entanto, simplesmente não consigo acostumar meus pés a esses tapetes de entrada de dois andares; tapetes com estampa de criptogramas; tapetes com o formato de leão-marinho.

Não advoco, de forma alguma, qualquer espécie de realismo retrógrado quando se trata de tapetes de porta de entrada. Mas, pelo que vi dos indicados esse ano, não posso deixar de me sentir um pouco pessimista em relação ao futuro dos tapetes no Japão.”

Sr. K. H.

“Tive a feliz oportunidade de ver cada um dos trabalhos pré-selecionados este ano. Não entendo bem sobre essas coisas mais complexas, mas fiquei impressionado com a criatividade.

Dentre todos, *Carta da Vila Hanamaki* é um trabalho de natureza singularmente feminina, uma obra de sentimentos muito refinados — o que reforça minha crença de que o naturalismo dos tapetes de entrada permanece intacto. A composição do *design* estimado e ininterrupto — o aroma do campo, as figuras simples das pessoas, as adoráveis vacas e os cavalos, e as abundantes espigas de arroz — só pode ser

chamada de magnífica. Chega a ser um desperdício esfregar os pés nele.

Alguns membros do comitê de seleção opinaram que essa obra era quase idêntica à do ano passado — *Festival da Vila Hanamaki*, do mesmo autor. Porém, considero admirável a atitude do autor de buscar novos temas em meio ao cotidiano de uma vila comum do interior.

Seja como for, aguardo ansiosamente o próximo da ‘série Vila Hanamaki’.”

*(comentários em ordem de chegada)*





## ミラーボール | *mirroball* | globo espelhado

Dei um globo espelhado, daqueles de discoteca, de presente a uma toupeira.

Como agradecimento, ganhei dela um par de óculos de sol. O *design* é tão cafona que normalmente deixo os óculos guardados na gaveta. Parece que as toupeiras acham que roupas de operário são algo incrível.

Às vezes, no meio da noite, vejo várias faixas de luz surgindo em meio à grama do jardim.

Durante essas noites, enterro fundo os fones de ouvido do meu *walkman*, para deixar as festas delas mais animadas.

Minha namorada reclama dessa minha gentileza exagerada para com as toupeiras.

— Te incomodou mesmo tanto assim que eu não sou mais virgem?

— Não. Todas as toupeiras por essas redondezas já perderam o hímen há tempos.

Será que é tão difícil assim acreditar que simplesmente gosto da companhia delas? Minha namorada, por sua vez, está suspeitando que há algo sexual acontecendo entre mim e a toupeira.

## モ

### モーツァルト | *mozart*

Eu estava num concerto de música ao ar-livre com uma lata de cerveja na mão quando encontrei a elefanta novamente. Era aquela mesma que eu vira no metrô — a que usava salto alto e lia romances best-seller.

A elefanta trajava um vestido bonito que parecia comprado na loja Laura Ashley, e usava um par de grandes óculos de sol, que haviam sido empurrados para cima da cabeça. E naturalmente usava sapatos brancos de salto alto, laqueados.

— Boa tarde — falei quando passei ao lado dela. Não havia real necessidade de cumprimentá-la, mas ela olhava de um lado para o outro parecendo tão desconfortável — talvez estivesse insegura por causa de seu grande porte — que acabei ficando com pena.

— Oh, boa tarde — respondeu ela, com um sorriso; parecia se lembrar de mim, também. Ela abanou o rosto com o programa do concerto, que trazia na mão. Sem nenhum motivo particular, inclinou a cabeça.

— Gosta de Mozart? — perguntei.

— Sim, gosto muito. Quando ouço Mozart com muita concentração, é como se meu corpo se tornasse invisível — Ao dizer isso, ela corou um pouco. Provavelmente, ficou apreensiva que a ideia de um elefante ficando invisível soaria absurda demais. — E você, gosta de Mozart?

— Bom, eu gosto de qualquer coisa, desde que dê para sair de casa à noite enquanto bebo cerveja e ouço boa música — respondi, erguendo o pacote de seis latas que segurava, para que ela o visse.

— Ah, sim, entendo. Está mesmo uma noite muito agradável, não é?

— Gostaria de uma cerveja?

— Não, estou bem — Ela fez com a cabeça que “não”, com uma expressão de desculpas no rosto. Quando balançava o pescoço, as duas orelhas sacudiam-se de forma adorável. — Se ficar lotado por aqui, podem não abrir caminho depois, para que eu possa ir ao banheiro.

— Hum — eu disse. É bem difícil ser um elefante. Se ela acabasse pisando no pé de alguém no banheiro, não daria para resolver só com “Ah, com licença, desculpe.”

Depois disso, voltei ao meu assento para ouvir a sinfonia de Mozart em Sol menor, enquanto tomava sozinho uma cerveja. E fiquei a imaginar como as orelhas dela deviam estar se sacudindo — *flap-flap* — em sintonia com a música.

## モラル | *moral*

Um membro da *yakuza* com uma tatuagem de *Doraemon* e um funcionário de banco com brincos em formato de cigarra começaram uma discussão acalorada na frente de um posto policial.

O policial responsável, maquiado e vestido como garota de programa, tirou da cintura, rebolando, seu bastão policial; mas ficou tão curioso sobre o que aqueles dois estavam discutindo que resolveu intrometer-se.

Quem devia ser mais valorizado: um pai ou uma mãe? Aparentemente esse era o tópico de altercação.

— Eu valorizo os dois, tanto a mãe quanto o pai — disse o policial que parecia uma *stripper*, com orgulho.

— Um homem assim provavelmente trata a própria esposa como inferior — disse o funcionário de banco, em tom rude.

— Com certeza deve estar pulando a cerca — disse o membro da *yakuza*.

— Ah, mas uma vezinha só não tem problema, não é? — O policial fez um biquinho infantil.

— Eu não faria isso — disse o funcionário de banco, trêmulo.

— Nem eu, nunca fiz isso, nem uma vez — exaltou-se também o *yakuza*.

O policial retirou-se para o posto, dançando.

ラ

ラーク | *lark*

Naturalmente, um festival de leões-marinhos não é um evento fácil de ser organizado.

Não é exagero dizer que a parte mais importante do festival de leões-marinhos é todo o processo até o festival. É claro, o festival em si é espetacular, mas não passa, por assim dizer, da conclusão de uma sucessão de atos, e é precisamente nessa sequencialidade que os próprios leões-marinhos têm a forte consciência e confirmação de que são leões-marinhos.

É complicado.

Falando em termos concretos, para que aconteça um festival de leões-marinhos, é necessária a aprovação de 2/3 de todos os leões-marinhos, assim como o consentimento dos leões-marinhos anciãos. Dito isto, leões-marinhos são animais apreciadores de festivais por natureza, então isso não exige muito trabalho. Basicamente, se alguém disser “Vamos organizar um festival de leões-marinhos?” — em geral, a resposta vai ser: “Ah, vamos, vamos, temos que fazer!” Essa parte é resolvida bem rápido.

O difícil vem depois. A primeira coisa que os leões-marinhos fazem é discutir sobre quem deve ser o organizador do evento.

Gostaria de deixar uma coisa clara: leões-marinhos são animais realmente diligentes e honestos. E mais: são humildes, atenciosos e nada exigentes. Quando jogam *mahjong*, imediatamente tentam fingir que sua pontuação é mais baixa

do que realmente é. Ficam dizendo “Vejam... estes devem ser *riichi*<sup>31</sup>, *tanyao*, *pinfu*, certo, é 3900, não é...?” e tentando derrubar todas as peças, para começar outra rodada. Mas aí, quando os outros três jogadores se juntam em volta para inspecionar a mão, aí eles acabam admitindo a vitória: “Ah, olha só, aqui tem um *dora* certinho, é *mangan*, é *mangan*.” Pessoas com esse tipo de personalidade não podem se tornar escritores.

Por isso, leva uns dois dias para decidir um único organizador. Não é que todos odeiem a ideia de ser responsável, mas é difícil para eles dizerem por si próprios: “Bem, que tal eu fazer?” Por outro lado, recomendar outro do grupo também equivale a forçar alguém a aceitar o trabalho, e isso também é desconfortável. Talvez este seria o caso de resolver isso na sorte, mas infelizmente, o conceito de “loteria” não existe no mundo dos leões-marinhos. São animais de memória curta, então também não dá para fazê-los se revezar em ordem.

Não tem jeito.

E o que fazem a respeito? Nada. Ficam todos em um círculo, em total silêncio.

Quando eventualmente o sol se põe e já é o meio da noite, o leão-marinho ancião se levanta e diz: “Bom, vamos continuar esse assunto amanhã.” Todos fazem que “sim, sim!” e vão para casa, com os olhos vermelhos. E novamente, ao amanhecer...

...

Essa é a continuação.

---

<sup>31</sup> *Riichi*, *tanyao*, *pinfu*, *dora* e *mangan* são termos do jogo de *mahjong*.

Leões-marinhos são animais pacientes, e se deixar, ficam por semanas neste...

...

Porém, se continuassem nisso para sempre, eles morreriam de fome; assim, o leão-marinho ancião calcula o tempo mais apropriado e levanta-se, abrindo a boca para dizer, hesitantemente:

— Se continuarmos assim, nada vai se resolver, então mesmo sendo impertinente da minha parte; que tal eu escolher alguém, o que acham?

Todos gritam que concordam. Na realidade, estavam todos esperando por esse momento.

— É... já que é assim... — O leão-marinho ancião olha em volta, enquanto apertando o estômago dolorido. — Toshibō do Rochedo do Sul, acha que poderia fazê-lo?

— Não me importo em fazer — Toshibō levanta-se, ficando vermelho. — Se vocês aceitarem alguém como eu. Para começar, sou bem fraco em *mahjong*...

Mas no fim das contas, Toshibō do Rochedo do Sul seria o organizador. Isto porque os leões marinhos já haviam previsto corretamente desde o começo que Tonbō, do Rochedo do Sul, provavelmente seria o organizador. Voltaram então para casa, cada um com uma satisfeita sensação semelhante a um *déjà vu*.

Com isso, o festival de leões-marinhos está de fato pronto para começar. O organizador tem muito trabalho a fazer. Em primeiro lugar, devem garantir o local, providenciar a bebida e os aperitivos, acertar a ordem das atrações, os cumprimentos dos anciões, preparar os estandes, alocar o orçamento... é uma lista interminável. Tudo isso é trabalho de um só organizador. Já que ele não tem tempo livre o suficiente para ir ao mar e pescar cavalinha, os outros leões-marinhos

buscam peixe. Além disso, acabam levando também o suficiente para eles comerem, então a casa do organizador fica a ponto de transbordar de tanto peixe, naturalmente.

Se fosse só isso, ainda estaria tudo bem.

Quando a noite cai, mocinhas bonitas se aproximam da cama do organizador, dizendo: “Mamãe pediu para eu vir te dar um conforto, senhor organizador...”

Isso acontece vinte vezes por noite; não importa o quão robusto seja um leão-marinho, é trabalho pesado. Mas é claro que também não seria de bom tom recusá-las quando vieram tão encarecidamente. Durante o dia, resolver uma montanha de tarefas diversas; durante a noite, encher-se de peixe até não aguentar e fazer sexo vinte vezes — estes são os deveres do organizador. No entanto, o leão-marinho deve se manter sorrindo; afinal, este é o seu destino.

Em cerca de uma semana, o local do evento está garantido, um orçamento foi alocado, preparações para a bebida e os lanches estão prontas, e um programa foi elaborado.

Mas isto não significa que o festival dos leões-marinhos pode ser realizado assim, de imediato. Quando a assembleia é aberta e as preparações para o festival são reconhecidas, é realizada uma cerimônia, a Resolução dos Leões-Marinhos. É um ritual no qual os leões-marinhos confirmam o fato de que são leões-marinhos, e nada mais do que leões-marinhos.

Parece simples quando isto é lido por escrito, mas é uma questão prática bastante complexa. Primeiramente, precisam estabelecer algumas definições, como “o que é um leão marinho?” e “o que torna alguém um leão-marinho?” Bom, apesar disso, leões-marinhos são animais de essência naturalmente reticente, então esta parte é feita sem muito cuidado. Todos sobem ao palco, um a um, e falam por um

longo tempo sobre como vivem suas vidas como leões-marinhos, como se tornaram conscientes de que são leões-marinhos; contam sobre suas aspirações de continuarem como leões-marinhos também de agora em diante, o que é recebido com muitos aplausos pelos outros leões-marinhos.

Isto é tudo feito de forma harmoniosa. Há ocasiões em que um leão-marinho é desastrado no palco e os outros fazem graça, mas é muito raro que não haja aplausos. Nunca acontece de um golfinho entrar de penetra e bagunçar o evento alegando ser um leão-marinho metafórico. Leões-marinhos são, por completo, leões-marinhos.

É o que escrevi até aqui. Mas, pensando bem, esta história não tem relação alguma com o título. Eu só queria mesmo escrever sobre leões-marinhos, então é sobre isso que acabei escrevendo.

O título é *lark*<sup>32</sup> apenas porque escrevi o manuscrito enquanto fumava um maço da marca Lark, o qual ganhei do meu cunhado, como souvenir de sua viagem a Hong Kong.

A propósito, ele fez uma parada em Taiwan quando voltava de Hong Kong, e embarcou pouco antes de um outro avião, o qual eventualmente caiu. Se a ordem dos voos tivesse sido trocada, eu estaria fumando um maço de Hi-lite agora. A vida é uma coisa estranha.

Ⓜ

---

<sup>32</sup> *lark* significa “cotovia”.

## ラブレター | *love letter* | carta de amor

Após reler mais uma vez a carta que acabara de escrever, dobrei o papel com os cantos bem alinhados, e inseri-o no envelope quadrado. Pressionei o selo firmemente com cola.

Após selar a carta, fui assolado pela ansiedade familiar de que tinha esquecido de escrever alguma coisa importante; mas decidi enviar como estava. Não importa o quanto eu revise, o quanto eu reescreva — assim que o selo é colado, fico apreensivo. O resultado é o mesmo, independente do tanto de vezes que eu o faça.

Tomei fôlego e toquei a campainha em cima da mesa, fazendo soar duas vezes, *tirintintim*. Como sempre, um macaco-aranha surgiu de dentro da lareira.

— Gostaria de solicitar seus serviços postais de novo — eu disse ao macaco-aranha. — O destinatário é o mesmo de sempre. É uma carta importante, então cuidado para não perder nem sujar, está bem? Se entregar direitinho e depois me trazer a resposta, te darei três biscoitos.

Coloquei a carta dentro da bolsinha de couro que pendia do pescoço do macaco-aranha, e puxei as cordas da fenda, fechando-a firmemente. Isso, tudo pronto. Agora, resta apenas aguardar pacientemente a resposta.

— Vá, macaco-aranha! — gritei. O macaco-aranha girou o corpo agilmente, e desapareceu para o interior da lareira. Depois disso, só o que restava era uma noite profunda e silenciosa.

Fiquei imerso em pensamentos por algum tempo, com o queixo apoiado em uma das mãos, mas finalmente toquei o sininho novamente, fazendo-o soar agora três vezes. Desta vez, saiu de dentro da lareira um gibão, a quem pedi que trouxesse

algum vinho para o meu quarto. A noite é longa, e a espera por uma resposta é cruel.

Ⓜ

## ラストシーン | *last scene* | cena final

Não me agradam as cenas finais dos filmes de hoje em dia, que de tão extremamente intrincadas, não passam nem um pouco aquela sensação de “Ah... terminou. Terminou mesmo.”

Quando se trata disso, sempre posso confiar nos filmes de samurai de época.

Ao fundo, o benevolente Monte Fuji, testemunha tanto da tela quanto da história como um todo, encorajando o mundo afora tal como naquele ditado que declara: “*todo* dia é um bom dia.”

A composição da cena é deveras semelhante à técnica chamada de perspectiva: um único caminho ao centro, com o protagonista liderando em direção ao ponto de fuga. Ao lado dele, seguem uma vingativa musicista de rua, e algum garoto mais jovem (um tanto quanto atrevido) andando ligeiro. Mais visualmente próximo, em relação à audiência, está um batedor de carteiras de boa índole que, durante aquela uma hora e meia, transformou-se de malvado em bonzinho — ele persegue o grupo, brandindo sua capa:

— Esperem por mim! Deixem que eu me junte a vocês!

Como que fazendo graça do dono da voz, o protagonista finge que vai fugir, dá uma corridinha. Todos se entreolham, e caem numa grande gargalhada.

É disso que estou falando! É fundamental.

## ランチ | *lunch* | almoço

Houve uma exposição internacional de pessoas ilustres, então fui dar uma olhada.

O local estava tão lotado que tinham parado de vender os ingressos na entrada.

— Qual será o tempo de espera, mais ou menos? — perguntei tentativamente à recepcionista.

— Não sei, dezenas de milhares de visitantes começaram a chegar assim que abrimos as portas, então o diretor mandou interromper a venda de ingressos. Desde então, não ouvimos mais nada.

Uma cortina preta estava pendurada no exterior da porta de entrada, estremeçando às vezes quando a porta era pressionada pelo lado de dentro.

— Está bem cheio lá dentro, hein?

— Não sabemos muito bem.

A recepcionista foi juntar-se a uns estudantes que trabalhavam de meio-período no evento — eles dobravam roupas, tanto masculinas quanto femininas, e arrumavam-nas dentro de umas caixas de papelão.

— O que estão fazendo?

— Todos os convidados se despiram. Assim que a multidão entrou, de repente uma montanha de roupas e sapatos começou a sair. Foi surpreendente.

— Isso aconteceu logo que as portas se abriram?

— Sim. É uma situação complicada.

Um homem de meia-idade, de rosto pomposo, chegou correndo.

— Mate logo, mate logo. Foi decidido na reunião, agorinha.

A recepcionista, com a boca entreaberta, confirmou a ordem:

— M-matar, senhor? — Parecia uma moça gentil, mas faltava-lhe expressão. Se ela estava mais surpresa do que aparentava, provavelmente seria melhor demonstrar isso com o rosto.

— É só mandar o gás e depois colocar fogo — disse o homem de meia-idade com ar de enfado; saiu então descendo as escadas, com jeito de quem está muito ocupado.

— Haverá uma explosão, então seria melhor que você fosse para casa.

— E quanto a você?

— É possível que eu morra na explosão.

Como é que ela podia dizer essa frase de maneira tão calma?

— Vou lhe dar algo, para que se lembre de mim.

A recepcionista, em instantes, tirou seu sutiã e pôs na minha cabeça. Tinha perfume de mulher.

— Eu não queria trabalhar aqui. Não gosto disso, de matar pessoas.

— Que espécie de lugar é este?

Eu não conseguia compreender bem o que estava acontecendo.

— Mesmo que você não mate ninguém, acho que é melhor pedir demissão. Deixe as coisas como estão e vamos sair daqui juntos.

— Sair com uma pessoa que acabei de conhecer...?

— Então matar dezenas de milhares de seres humanos em uma explosão de gás e morrer junto com elas soa bom para você?

— Não soa muito... bom. Eu tenho família, afinal, e alguém com quem posso vir a namorar. E comprei ingressos para ver um filme no cinema amanhã.

O mesmo homem de antes voltou, correndo.

— Eu não sou uma pessoa paciente, sabe. Faça logo, senão, está demitida.

— Está bem. Farei imediatamente.

O rosto dela parecia tão sincero que fiquei apavorado.

— Vai mesmo fazer isso?

— Sim, já que se não fizer logo, serei despedida. É perigoso. Por favor, saia deste prédio dentro de dez minutos.

Segurando com firmeza o sutiã dela, saí correndo o mais rápido que podia.

A grande explosão realmente aconteceu pouco tempo depois, e a reverberação do estrondo enlouqueceu meus ouvidos.

Os transeuntes olhavam a fumaça — suficiente para escurecer o céu — e murmuravam coisas como “Mas quanta fumaça!” e “Que maneira estranha de fazer isso.”

O homem de meia-idade de antes passou por mim, acompanhado por um outro de aparência similar:

— Não há lugar nessas redondezas que sirva almoço bom e barato.

Parece que estavam indo almoçar.

## ランナウェイ | *run away* | fugir de casa

A condição necessária para se fugir de casa de forma bem-sucedida é, antes de tudo, ter a autoconsciência de que você vai fugir de casa.

Sem isso, mesmo que vá até a África, ou até a Antártida, será considerado apenas um simples viajante.

Além disso, essa autoconsciência deve, até o final, ter como base a percepção de que é *você* quem fará essa ação. Fugir da casa de outras pessoas não constitui *fugir de casa*. Hipoteticamente falando, mesmo que alguém que já obteve sucesso em fugir de casa diga que transfere esses direitos a você, não é válido. Mesmo que você fuja de casa — se não há ninguém que possa tomar consciência de que você fugiu, é como se você não o tivesse feito.

Próximo item: para fugir de casa, é necessário ter uma casa. Se tem jardim ou não, se é recém-construída ou velha, quantos minutos demora para ir dela até a estação, esses fatores não importam, e não faz diferença mesmo que seja uma casa, ou um quarto alugado. Porém, é preciso tomar cuidado: você deve morar junto com alguém, senão, a fuga de casa se transforma em uma fuga noturna, daquelas que se faz para escapar de dívidas ou outros problemas.

Diz-se que a distância adequada para fugir de casa corresponde a qualquer distância maior que dois metros. Se a distância for menor que essa, mesmo que a fuga em si seja bem-sucedida, é provável que você seja pego mais cedo do que imagina.

Algumas pessoas ficam tão apegadas ao motivo da fuga que não conseguem colocar o plano em prática — porém,

nesses casos, recomendo tentar pensar um passo à frente e se lamentar por não encontrar um motivo para fugir de casa.

Não há regras específicas com relação a pertences pessoais quando se foge de casa. No entanto, é um problema comum querer assoar o nariz, ou sentir vontade de defecar no meio do caminho, e deparar-se com a falta de papel; então é melhor levar um rolo de papel higiênico. Não tenho objeções quanto a deixar itens como capa de chuva, marmitta e garrafa de água sob o critério de cada um. Dinheiro também será incrivelmente útil, então — caso não se importe — é bom incluí-lo na lista de pertences pessoais.

Sobre locomoção, as coisas funcionarão melhor se não houver limites a nenhum meio de transporte específico. Todos são livres para apreciar a beleza formal que existe no trem parador, mas se essa obsessão for muito longe, sua mobilidade será prejudicada.

Algumas pessoas levam muito a sério a relação entre fugir de casa e suicídio. No entanto, caso o seu suicídio seja bem-sucedido, mesmo que só uma vez, a próxima vez fuga em casa se tornará uma impossibilidade. Portanto, é melhor evitá-lo quando possível. Além disso, o suicídio pode ser facilmente realizado em casa e, portanto, não é necessário fazer o esforço de fugir.

Fugir de casa e prostituição, assim como fugir de casa e vício em drogas, são comportamentos profundamente relacionados. Porém, nenhum dos dois é vantajoso para alguém que fugiu de casa.

Por fim: se você fugir de casa e passar a noite fora, as pessoas que moram na sua casa vão ficar preocupadas — então nunca faça isso.

レ

## レインコート | *raincoat* | capa de chuva

Meu sangue ferve de excitação durante as noites de tempestade.

Funcionários de empresas não fazem hora extra e pegam o trem para voltar para casa. Não há ninguém nos bares. Os táxis aceleram, como se os motoristas não se importassem mais com nada.

As árvores das calçadas farfalham, como se estivessem sacudindo para longe o estresse acumulado de todos os dias.

Umhas duas poucas *scooters* e bicicletas foram abandonadas pelos donos, imóveis e encharcadas.

Quando se levantam totalmente as persianas, deixando a paisagem lá fora totalmente visível, a cena é muito mais cativante do que qualquer filminho barato, mudando completamente o clima dentro do quarto.

Em noites como essa, um guarda-chuva não ajuda em nada. A chuva ataca pelos flancos, com a força de uma pancada, e aí você acaba ensopado feito um ratinho.

Às vezes, uma legenda passa pela tela da televisão que ficou ligada. Uma procissão de letras brancas tagarela sobre o rumo que a tempestade está tomando.

Em uma noite assim, uma mulher que fica paradinha dentro do quarto não é aquela com quem tenho vontade de me encontrar.

A mulher parada em frente ao telefone público de uma tabacaria já fechada, jogando ali dentro uma moeda com as mãos molhadas — essa aí é muito mais divertida.

O telefone tocou, com pompa.

— Estou perto daí. Tem um tempo para se encontrar comigo?

— Tenho. Vamos a algum lugar.

A mulher, vestindo uma fina capa de chuva masculina e segurando uma sacola de papel em uma das mãos, entrou sem apertar a campainha.

— Essa chuva não é nada demais. É só o vento do tufão que assusta.

— O que tem essa sacola?

— Laranjas.

— Um tanto antiquado, hein? E o que mais?

— Uma caixa de maquiagem, com uma dúzia de capas de chuva.

— Está falando como uma garota de colegial.

No fim das contas, depois de um banho quente, fizemos sexo por horas a fio.

— Não fomos a lugar nenhum. Que nem todas as outras pessoas.

— Bom, nós *queríamos* ir.

Fomos dormir, e quando despertamos, o lado de fora da janela estava extremamente azul, e os passarinhos cantavam.

— Como está ensolarado! Parece até piada.

— Se não tivéssemos transado tanto, não estaria tão brilhante.

— Parece um pornô!

Quando o tempo está bom, o clima também muda.

— Ei, que tal um encontro na próxima tempestade, também?

– Não podemos nos encontrar numa tarde de sol?

– Dá muita vergonha.

Caso tufões se formassem todas as noites, eu provavelmente viveria com essa mulher para sempre.

Mas, por alguma razão, eles só aparecem muito de vez em quando.

– Que homem chato. Deve tomar seu leitinho e ir direto para o trabalho, não é?

– Como adivinhou?

– Porque talvez eu seja assim também.

Enquanto eu lia o jornal da manhã, pesado pela umidade, ela arrumava o cabelo.

Que desagradável, ser adulto...!

ワ

ワム ! | *wham!*

Quando minha tinta acabou — logo no meio da redação de um manuscrito — fui logo atrás de um tinteiro novo. Porém, acabou que não encontrei nenhum.

“Que problema”, suspirei. Devia ter prestado um pouco mais de atenção. Quando a tinta acaba, a situação é um tanto diferente de quando acaba o molho de soja ou o açúcar. Após coçar a cabeça com a ponta da régua por uns instantes, liguei para o mesmo número de sempre.

Quem atendeu foi uma garota jovem, e um tanto quanto sem tato.

— Hã... é que não tem ninguém disponível agora — ela disse, como se estivesse mastigando alguma coisa com o canto da boca.

— Serei rápido — eu disse. — Acontece que a minha tinta acabou logo quando eu estava no meio de escrever um manuscrito, e preciso terminá-lo até a noite de hoje. Você provavelmente já sabe disso, mas é que eu não consigo escrever uma linha sequer com qualquer outra tinta. Preciso daquela tinta. E preciso dela dentro de uma hora. Está bem?

— Maaas... — disse a garota, engolindo a comida com a ajuda de água, ou suco, ou café, ou algo do tipo. — Séério, não tem ninguém aqui. Todo mundo saiu.

— Isso dificulta para mim. É questão de vida ou morte. Pode ser qualquer um, só preciso que venha dentro de uma hora, por favor.

— Mas “qualquer um”... — ela começou a falar, mas desliguei o telefone antes de ouvir o resto. Quando a tinta acaba, fico extraordinariamente irritadiço.

Uma hora depois, a campainha da porta da frente tocou. Quando atendi, ali estava parada uma garota de uns vinte anos, em um vestido de babados. Trazia consigo uma pasta preta que não parecia própria para a ocasião.

— Como não tinha ninguém, acabei vindo — disse essa garota.

— Escute, você sabe preparar a tinta? — perguntei.

— Nuunca preparei, mas aqui estão os materiais e o manual de instruções, então devo conseguir... *he, he...* eu aaacho.

Pus a cabeça entre as mãos, exasperado. Uma tinta personalizada envolve um processo de mistura extremamente delicado; mesmo um pequeno desequilíbrio pode alterar, de maneira drástica, o estilo do texto. É impossível que uma estudante, trabalhando lá na loja só em meio-período, seja capaz de fazê-lo.

Mas a garota, alheia a esses detalhes, seguiu em direção à cozinha. Lá, ferveu água em uma panela e — medindo a quantidade com o olhar — despejou uma quantidade do líquido concentrado em um béquer. Com uma baqueta de vidro, ela mexia a mistura ruidosamente enquanto cantarolava uma música do Wham!

*Waaake mee uup  
Befoore you go...*

ワン (バウワウ) | *wan (bowwow)* | *au-au*

Havia um homem que colecionava apenas focinhos de cachorros.

— Este aqui é de um Shih Tzu. O cachorro inteiro vale 140.000 ienes, mas o focinho, por si só, vale 80.000.

— Eles são bem elásticos; até parecem de borracha, não é?

— Eu recebo os focinhos direto dos cães, então chegam a mim bem frescos.

— Por sinal, a quem você paga os 80.000 ienes?

— Aos cães. Eu converto o valor em ração canina e, sem que os donos saibam, sirvo para que os cães comecem, todos os dias.

— Às escondidas? Parece arriscado.

— Os cães não têm como latir, então os donos não percebem.

— Então este cachorro aqui não tem focinho?

— Eu coloquei uma prótese no lugar, então pode-se dizer que ele tem, sim.

— E este aqui?

— Com exceção do que eu lhe mostrei agora há pouco, todos os outros cachorros já morreram; só o que resta deles é realmente o focinho.

— E os focinhos se alimentam de quê?

— Qualquer coisa. Eu apenas os rego com água de vez em quando.

— Que coisinhas curiosas, hein? Até se mexem.

— Sim, elas ficam se contorcendo, assim. Bonitinho, não?

Outro dia, o mesmo homem apareceu para uma visita e ofereceu vender a coleção inteira. Recusei. O valor que ele queria era exorbitante.

①

## *Em vez do posfácio, Shigesato Itoi*

Quando tenho de aparecer no sonho de alguém, não sei se devo ficar contente, ou se devo me sentir passado para trás. Agora já estou acostumado; mas sou forçado a aparecer nos sonhos dos outros com frequência. Tento lhes dizer que preencham seus sonhos sozinhos, sem a minha ajuda; mas um sonho que conta com ninguém além da própria pessoa é também algo tão esfarrapado, que acabo com pena pelo sonhador.

Talvez a razão pela qual a minha (Itoi aqui. Não é o Murakami.) identidade — ou algo assim — seja tão fraca, é que ela anda sendo sugada pelos sonhos dos outros.

Apareço tanto nos sonhos de todo tipo de gente, que estou basicamente ocupado durante o tempo todo em que os outros estão dormindo. Todos os dias, quando abro os olhos — ainda fico exausto por um tempo.

Eu, desprovido de egoísmo, não procuro os outros para que me auxiliem em meus sonhos. Longe disso: tento nem sonhar, para não causar incômodo. Apesar disso, as pessoas que aparecem em meus sonhos muitas vezes parecem desempenhar papéis coadjuvantes no mundo desperto. Quanto às pessoas a quem eu gostaria, por um raro capricho, de pedir que apareçam em meus sonhos — essas provavelmente mantêm, obstinadamente, a determinação necessária para recusar o pedido.

Resumindo: minha existência é rala, e possuo pouca força de vontade; não tenho caprichos. Meu único pedido é apenas que me amem assim mesmo.

Gostaria de receber a gentileza de que leiam este meu posfácio logo após de ler o prefácio de Haruki Murakami. Se me concederem isso, ficarei contente em aparecer em seus

sonhos. Cortarei lenha, esquentarei a água do banho, limparei o chão — podem até me matar ou me insultar, e mesmo sexo não está fora de questão.

Tanto eu como Haruki Murakami nos tornamos realmente adultos.